

**UNIVERSIDADE ESTADUAL DO OESTE DO PARANÁ - UNIOESTE
CENTRO DE EDUCAÇÃO, COMUNICAÇÃO E ARTES
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO *STRICTO SENSU* EM LETRAS
ÁREA DE CONCENTRAÇÃO: LINGUAGEM E SOCIEDADE
LINHA DE PESQUISA: LINGUAGEM LITERÁRIA E INTERFACES SOCIAIS –
ESTUDOS COMPARADOS**

MICHELE DE OLIVEIRA JIMENEZ

***RESSURREIÇÃO E ACENOS E AFGOS: UM ESTUDO DAS MASCULINIDADES
EM FÉLIX E JOÃO IMACULADO***

**CASCAVEL – PR
2011**

MICHELE DE OLIVEIRA JIMENEZ

***RESSURREIÇÃO E ACENOS E AFAGOS: UM ESTUDO DAS MASCULINIDADES
EM FÉLIX E JOÃO IMACULADO***

Dissertação apresentada à Universidade Estadual do Oeste do Paraná – UNIOESTE – para obtenção do título de Mestre em Letras, junto ao Programa de Pós-Graduação *Stricto Sensu* Mestrado em Letras, área de concentração Linguagem e Sociedade.

Linha de pesquisa: Linguagem literária e Interfaces Sociais – Estudos Comparados.

Orientadora: Profa. Dra. Regina Coeli Machado e Silva

**CASCAVEL – PR
2011**

Ficha catalográfica
Elaborada pela Biblioteca Central do Campus de Cascavel - Unioeste

J57e Jimenez, Michele de Oliveira
 Ressurreição e Acenos e afagos: um estudo das masculinidades em
 Félix e João Imaculado / Michele de Oliveira Jimenez — Cascavel,
 PR: UNIOESTE, 2011.
 92 f. ; 30 cm

Orientadora: Profa. Dra. Regina Coeli Machado e Silva
Dissertação (Mestrado) – Universidade Estadual do Oeste do Paraná.
Bibliografia.

1. Literatura comparada. 2. Análise do discurso. 3. Análise literatura.
I. Universidade Estadual do Oeste do Paraná. II. Título.

CDD 21ed. 869.9309

Bibliotecária: Jeanine Barros CRB9-1362

MICHELE DE OLIVEIRA JIMENEZ

***RESSURREIÇÃO E ACENOS E AFAGOS: UM ESTUDO DAS MASCULINIDADES
EM FÉLIX E JOÃO IMACULADO***

Esta dissertação foi julgada adequada para a obtenção do Título de Mestre em Letras e aprovada em sua forma final pelo Programa de Pós-Graduação *Stricto Sensu* em Letras – Nível de Mestrado, área de Concentração em Linguagem e Sociedade, da Universidade Estadual do Oeste do Paraná – UNIOESTE.

COMISSÃO EXAMINADORA

Profa. Dra. Terezinha de Jesus Machado Maher
Universidade Estadual de Campinas – UNICAMP
Membro Efetivo (convidado)

Profa. Dra. Clarice Lottermann
Universidade Estadual do Oeste do Paraná – UNIOESTE
Membro efetivo (da instituição)

Prof. Dr. Luiz Carlos Simon
Universidade Estadual de Londrina – UEL
Membro suplente (convidado)

Prof. Dr. Acir Dias da Silva
Universidade Estadual do Oeste do Paraná – UNIOESTE
Membro suplente (da instituição)

Profa. Dra. Regina Coeli Machado e Silva (UNIOESTE)
Orientadora

Cascavel, 02 de março de 2011

Ao meu noivo, Rafael, que compartilhou comigo todas as fases deste mestrado, desde o sofrimento para o ingresso até a alegria desta defesa.

Aos meus pais, fonte de tudo o que sou.

AGRADECIMENTOS

Agradeço, primeiramente, a Deus, por não ter deixado que eu enlouquecesse, nem que a minha fé se extirpasse.

À professora Regina, pela paciência e compreensão ao longo destes dois anos de mestrado, pois nunca impôs nada, mas, nem por isso, deixou de exigir muito. Obrigada por ter ajudado neste processo de amadurecimento, de modelação para a pesquisa, enfim, de ter esculpido um diamante bruto.

Aos professores do mestrado: Clarice Lottermann, Acir Dias, Antonio Donizetti, Rita Félix e Lourdes Kaminski, pelas inúmeras contribuições e sugestões, tanto nas disciplinas eletivas quanto em conversas pelos corredores. Muito obrigada!

À turma 2009-2001 do Mestrado em Letras da Unioeste, em especial: Kelly, Karin, Sofia, Andreia, Fran, Robertita, Eliana, Susana, Alex e Enio, que sempre sorriam e diziam “tudo vai dar certo”, e o melhor, deu. Obrigada por terem feito parte desta conquista.

Agradeço à Tati, da secretaria do Mestrado, pela sua solicitude em atender e responder a todas as minhas dúvidas.

As minhas amigas queridas: Edinéia, Sandra, Suelen, Bruna, Aline, Kelly, Jaque, Evelin, Sheila, Ana e o meu amigo, Cleverson, que, mesmo quando eu não acreditava em mim, eles mantiveram uma fé inabalável em minha capacidade.

A três professoras e amigas: Tânia, Dag e Maria Zanetin, pelo exemplo e por toda a força e carinho desde a graduação até ao mestrado. “Quando eu crescer, quero ser como vocês!”.

Um agradecimento especial ao amor da minha vida, por tudo o que passou junto comigo, pelo incentivo, por me aguentar chorando e dizendo que queria desistir. Muito obrigada por você não ter desistido de mim. Amo você!!!

Aos meus queridos pais, que me incentivaram desde pequena a estudar, a buscar o melhor, sustentando-me espiritual e materialmente, para que eu chegasse ao título de Mestre. Obrigada, sem vocês eu não teria conseguido.

Agradeço a Capes pelo financiamento da pesquisa, sem o qual seria, praticamente, impossível o resultado desta dissertação.

“O que eu peço à crítica vem a ser – intenção benévola, mas expressão franca e justa. Aplausos, quando não os fundamenta o mérito, afagam certamente o espírito e dão algum verniz de celebridade; mas quem tem vontade de aprender e quer fazer alguma coisa, prefere a lição que melhora ao ruído que lisonjeia”.

Machado de Assis

“Homem não chora

Nem por dor
Nem por amor
E antes que eu me esqueça
Nunca me passou pela cabeça
Lhe pedir perdão
E só porque eu estou aqui
Ajoelhado no chão
Com o coração na mão
Não quer dizer
Que tudo mudou
Que o tempo parou
Que você ganhou
Meu rosto vermelho e molhado
E só dos olhos pra fora
Todo mundo sabe
Que homem não chora
Esse meu rosto vermelho e
molhado
E só dos olhos pra fora
Todo mundo sabe
Que homem não chora
Não chora não
Homem não chora
Nem por ter
Nem por perder
Lágrimas são água
Caem do meu queixo
E secam sem tocar o chão
E só porque você me viu
Cair em contradição
Dormindo em sua mão
Não vai fazer
A chuva passar
O mundo ficar
No mesmo lugar
Meu rosto vermelho e molhado
E só dos olhos pra fora
Todo mundo sabe
Que homem não chora
Esse meu rosto vermelho e
molhado
E só dos olhos pra fora
Todo mundo sabe
Que homem não chora”.

JIMENEZ, Michele de Oliveira. *Ressurreição e Acenos e Afagos: um estudo das masculinidades em Félix e João Imaculado*. 2011. 93 f. Dissertação (Mestrado em Letras) – Universidade Estadual do Oeste do Paraná – UNIOESTE, Cascavel, 2011.

RESUMO

Analisando as representações das masculinidades em sua relação com a sexualidade e com o gênero, evidenciadas nos personagens Félix, do romance *Ressurreição* (1871/2005), de Machado de Assis, e João Imaculado, do romance *Acenos e afagos* (2008), de João Gilberto Noll, esta dissertação tem como objetivo compreender, nessas narrativas, as manifestações de diferentes representações da masculinidade no final do século XIX e início do século XXI. Nesse sentido, o estudo comparado dessas narrativas permite também compreender seus vínculos com a sociedade, em diferentes contextos históricos e culturais, como aqui se pretendeu evidenciar estudando as significações do nome próprio, do casamento, da família e da profissão nos dois romances.

PALAVRAS-CHAVE: Masculinidades, Machado de Assis, João Gilberto Noll.

JIMENEZ, Michele de Oliveira. *Ressurreição and Acenos e afagos: a study of masculinities in Félix and João Imaculado*. 2011. 93 f. Dissertação (Mestrado em Letras) – Universidade Estadual do Oeste do Paraná – UNIOESTE, Cascavel, 2011.

ABSTRACT

Analyzing representations of masculinities in its relation to sexuality and gender, evidenced in the characters Félix, of the novel *Ressurreição* (1871/2005), by Machado de Assis, and João Imaculado, of the novel *Acenos e afagos* (2008), by João Gilberto Noll, this dissertation aims to understand, in these narratives, expressions of different representations of masculinity at the end of the 19th century and start of the 21st century. Accordingly, the comparative study of these narratives allows also to understand its links with the society, in different historical and cultural contexts, as it was intended to highlight here studying the meanings of the own name, the marriage, the family and the profession in the two novels.

KEY WORDS: Masculinities, Machado de Assis, João Gilberto Noll.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	11
2 A MASCULINIDADE COMO FORMA DE CLASSIFICAÇÃO	21
2.1 MASCULINIDADE: SEXUALIDADE E GÊNERO	21
2.2 MASCULINIDADE E MASCULINIDADES	29
3 O NOME E A IDENTIDADE MASCULINA	36
3.1 MACHADO DE ASSIS E <i>RESSURREIÇÃO</i>	36
3.1.1 Machado, a crítica e Ressurreição	38
3.2 JOÃO GILBERTO NOLL E ACENOS E AFAGOS	40
3.2.1 A literatura contemporânea brasileira	42
3.2.2 Noll, a crítica e Acenos e afagos	44
3.3 O NOME E A IDENTIDADE MASCULINA DE FÉLIX E JOÃO IMACULADO	46
4 MASCULINIDADE/SEXUALIDADE/GÊNERO NAS INTERAÇÕES COTIDIANAS	56
4.2 AS INTERAÇÕES SOCIAIS: CASAMENTO, FAMÍLIA, PROFISSÃO E VIDA PÚBLICA	59
4.3 O MITO DA FÊNIX E O NASCIMENTO DO ANDRÓGINO	70
4.3.1 A Fênix e o Andrógino	73
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS	78
REFERÊNCIAS	81

1 INTRODUÇÃO

A história de dois jovens caubóis norte-americanos que se apaixonam e se relacionam sexual e afetivamente, entre os anos de 1963 e 1981, embora não assumam o relacionamento homossexual, mantendo as expectativas sociais das suas interações como homens casados, é o tema do filme *O segredo de Brokeback Mountain* (2005). Adaptação do conto homônimo de Annie Proulx, o filme ganhou três Oscars (direção, roteiro adaptado e trilha sonora), além do Globo e Leão de Ouro e vários outros prêmios. Apesar de a crítica especializada fazer elogios ao filme, ele foi censurado em alguns países: Bahamas, China e Turquia. Nos Estados Unidos, o Conselho de Educação de Chicago foi processado porque uma professora, em Illinois, assistiu, junto com seus alunos, ao filme, causando revolta nos avós de uma adolescente de 12 anos.

Um dos motivos dessa recepção radicalmente desigual está na discussão da masculinidade, ou melhor, de que tipo de masculinidade predomina na sociedade, que não é um problema exclusivo da contemporaneidade. Em 1895, *O bom crioulo*, de Adolfo Caminha, também causou consternação ao público e à crítica, ao descrever uma relação homossexual entre dois homens. O tema da masculinidade em sua relação com o homossexualismo é representado nas telenovelas da Rede Globo desde 1974 e, segundo os estudos *Do armário à tela global: a representação social da homossexualidade na telenovela brasileira*, de Peret (2005) e *Personagens homossexuais nas telenovelas da Rede Globo: criminosos, afetados e heterossexualizados*, de Colling (2007) entre 1974-2007, houve mais de quarenta novelas que apresentaram personagens homossexuais. A representação da masculinidade homossexual também se encontra nas músicas brasileiras, como por exemplo, *Robocop gay* (1995), da banda Mamonas Assassinas, que ridiculariza o papel, supostamente, efeminado dos homossexuais. Outro exemplo, mas de representação da masculinidade do homem como sexo forte é a música *Homem não chora* (2001), do cantor e compositor Frejat, que tanto pode reforçar o estereótipo do homem como sexo forte, como também o ironiza, à medida que apresenta atitudes de submissão do homem em relação à mulher: “e só porque eu estou aqui, ajoelhado no chão, com o coração na mão”.

São diversas as representações da masculinidade na sociedade brasileira, entre elas a heterossexual e a homossexual¹. Mas, por que tantas reações discordantes diante de novos

¹ Outras manifestações da masculinidade serão discutidas nos Capítulos 3 e 4.

padrões de masculinidade, como a aceitação ou o repúdio? O que mudou desde 1895 até 2010 sobre a representação da masculinidade? Essa mudança foi o aumento da sensibilidade coletiva quanto a esses temas, motivada pelas transformações no campo da sexualidade, eixo em torno do qual gravitaram tanto os movimentos sociais quanto o desenvolvimento de novos conhecimentos e novas tecnologias, principalmente as ligadas à reprodução, como a fertilização *in vitro*. Dentre as transformações estão o advento do feminismo, o próprio reconhecimento de outros gêneros de sexualidade, a crescente desvinculação entre sexo e gênero, a separação entre sexualidade e reprodução biológica, principalmente pela independência das mulheres e, recentemente, a Resolução 1.957/10 do CFM (Conselho Federal de Medicina) sobre a reprodução assistida (fertilização *in vitro* e inseminação artificial) para casais homossexuais. Esses e outros fatores importantes para pensar a masculinidade serão desenvolvidos no Capítulo 2.

Nesse sentido, refletir sobre a masculinidade é uma maneira de refletir acerca da própria sociedade. Tendo em vista esse pressuposto, a presente dissertação tem como objeto de estudo as representações da masculinidade e suas relações com a sexualidade e o gênero, atualizadas no personagem Félix, de *Ressurreição* (1871/2005)², romance de Machado de Assis, e João Imaculado, de *Acenos e afagos* (2008), de João Gilberto Noll. A pesquisa comparou a noção de masculinidade dos personagens Félix e João Imaculado, com o intuito de: 1) compreender uma das formas de construção social da masculinidade no fim do século XIX, presente na sociedade brasileira; 2) compreender uma das formas de construção da masculinidade na cultura brasileira no início deste século XXI; 3) compreender, social e sociologicamente, as diferenças verificadas no fim do século XIX e no início do século XXI, por meio da análise de *Ressurreição* (1871/2005) e *Acenos e afagos* (2008). O objetivo deste trabalho não é construir um panorama histórico-temporal sobre como as noções de masculinidade foram se construindo neste ínterim, mas é, sobretudo, realizar um exercício de comparação de um mesmo fenômeno em momentos e contextos diferentes.

Compreender as representações da masculinidade implica relacioná-la à sexualidade e ao gênero, pois o “o campo da sexualidade mantém uma relação íntima com o do gênero” (HEILBORN; BRANDÃO, 1999, p. 8), e sem esses elementos não seria possível compreender tal representação. Com esse pressuposto, os elementos de análise mais importantes que foram privilegiados nesses personagens são: a representação da masculinidade de Félix que estava, predominantemente, ligada ao nome, à profissão, ao

² Optou-se por colocar a data da primeira edição de *Ressurreição* e a edição utilizada neste trabalho.

casamento e à família. A sexualidade era parte dessa identidade, mas não ocupava um papel central, encontrava-se de forma latente. Por outro lado, tendo o mesmo eixo de análise (masculinidade/sexualidade/gênero)³, a sexualidade em João Imaculado é um tema escancarado aos olhos do leitor, porque a tensão vivida pelo personagem consiste, principalmente, em problematizar sua identidade sexual (homossexual, heterossexual ou bissexual?), vinculada ao casamento e à família como partes dessa identidade. Ao contrário de Félix, personagem de Machado de Assis, a profissão para João Imaculado desempenha papel secundário, sendo a vida pública um elemento importantíssimo para compreendê-lo.

Os estudos de gênero tornaram-se um campo específico e crescente dos estudos literários, como se pode ver no livro de Bonnici e Zolin (2009) *Teoria Literária: abordagens históricas e tendências contemporâneas*. Os autores, na parte dedicada à “Literatura e estudos culturais”, destinam dois capítulos para a literatura de autoria feminina e das minorias sexuais. Outra evidência dessa legitimação dos estudos de gênero no campo literário pode ser vista no volume 18 da *Revista Terra Roxa e Outras Terras*, da UEL (Universidade Estadual de Londrina), intitulado “Representações literárias da homossexualidade”, dedicado à análise da homossexualidade em diferentes épocas e narrativas da literatura brasileira e estrangeira.

Nesse interesse em abordar a masculinidade, aparece uma de suas evidências para compreendê-la em suas contradições: embora nossas sociedades contemporâneas sejam, predominantemente, masculinas e machistas (BOURDIEU, 1999), pesquisas e estudos críticos, sociológicos ou literários, têm privilegiado a análise do gênero feminino, como os de Ribeiro (2008), Beauvoir (1980), Butler (2003), Jacob (2005), Schwarz (1987) e inúmeros outros.

Em relação à obra machadiana, por exemplo, “as mulheres é que comandam os fios da trama narrativa, disfarçadas de donzelas indefesas” (DIMAS, 1998, p. 7), e poderíamos arriscar a dizer que o estudo do gênero feminino (pre)domina no meio acadêmico. Isso revela a condição problemática das mulheres, sempre colocada em primeiro plano, justamente por essa situação ser resultado de diferentes formas de relações complementares com os homens, demonstrando que os problemas de gênero não podem ser pensados em apenas um de seus polos.

Apesar de a bibliografia sobre Machado de Assis ser extensa, a pesquisa pretende desenvolver uma reflexão sobre um tema que não foi focalizado em cinco dos principais estudos encontrados sobre *Ressurreição*: Hilário (2003), Jacob (2005), Oliveira (1996),

³ A masculinidade sempre será abordada neste trabalho em sua relação com a sexualidade e gênero.

Ceribelli (2004), Parreira (2007)⁴. Em nenhum deles a problemática sobre a constituição da masculinidade de Félix é analisada. As dissertações e as teses encontradas versam sobre temas como a ironia e a estética do texto, a relação entre a primeira e a segunda fase da produção do escritor carioca, os personagens femininos e o estudo comparativo entre Machado e escritores estrangeiros.

Embora autores como Schwarz (1987), Pereira (1988a; 1988b, 1994), Bosi et al (1982), Ribeiro (2008) e Muricy (1988) sejam grandes estudiosos da obra machadiana, nenhum deles trata, especificamente, do personagem Félix, principalmente no que tange à construção da masculinidade. Schwarz (1987) em *Ao vencedor as batatas* analisa os personagens femininos de *Iaiá Garcia*, *A mão e a luva* e *Helena*, considerados pela crítica como narrativas pertencentes à primeira fase. Contudo, não estuda o romance *Ressurreição*, justamente o livro que inaugura essa fase. Lúcia Miguel Pereira (1988a, 1988b, 1994), grande estudiosa e biógrafa de Machado de Assis, também não se detém nesse romance, por considerá-lo fraco em relação aos livros da segunda fase, mesmo ponderando sua importância para compreender o Machado de Assis da fase posterior, pois nessa obra aparecem temas comuns tratados pelo autor, tais como o ciúme, a descrença nas pessoas e o pessimismo. Sobre tais aspectos, Spalding (2000, p. 18) argumenta que

em seus primeiros romances, *Ressurreição* e *A Mão e a Luva*, percebe-se a presença da ambigüidade, da ironia e da desilusão, tanto que em nenhuma das obras o final é de acordo com os manuais românticos: no primeiro a beleza de Lívia não consegue transformar o abastado e inseguro Félix.

Como Spalding (2000), Monteiro (1987) afirma que esse é o grande mérito de *Ressurreição* (1871/2005): o exercício de construir personagens mais densos psicologicamente. Dessa maneira, abordar a singularidade e a complexidade de Félix, sua individualização, com o intuito de chegar a entender a construção da masculinidade desse personagem é importante, pois seria uma das formas de compreender esse tema na ordem social do fim do século XIX.

Em relação ao romance *Acenos e afagos* (2008), ele pode ser caracterizado como uma narrativa homoerótica, apresentando “sem preconceitos” o homossexualismo e o

⁴ Em pesquisa realizada no Banco de Teses, do Portal Capes (<http://servicos.capes.gov.br/capesdw/>), foram encontradas mais de 300 dissertações e 140 teses sobre a obra machadiana.

bissexualismo do personagem João Imaculado. Alguns estudos sobre João Gilberto Noll⁵, como os de Ferreira Júnior (2008), Silva (1999), Amaral (1997), Espinola (1989), Silva (2006) e Oliveira (1996), enfocam temas como o corpo, a sexualidade e o gênero, mas não se detêm na construção da masculinidade dos personagens nollianos, por meio da relação entre masculinidade/sexualidade/gênero. A obra *Acenos e Afagos*, publicada em 2008, é objeto de poucos estudos, dentre os quais se destacam a resenha intitulada *A ficção cíclica de João Gilberto Noll: uma leitura de Acenos e Afagos*, de Rafael Martins da Costa (s/d), e a dissertação de mestrado de Sandro Adriano da Silva (2010), *Acenos e afagos: o romance queer de João Gilberto Noll*⁶, e como o próprio título sugere, o romance é tratado como sendo uma narrativa *queer*⁷.

Apesar dos poucos estudos disponíveis sobre *Acenos e afagos* (2008), o escritor gaúcho se destaca na literatura contemporânea brasileira pelos diversos prêmios recebidos, com essa e outras obras: cinco prêmios Jabuti (1981, 1994, 1997, 2004, 2005). Esse prêmio é um dos mais importantes prêmios literários da literatura brasileira, concedido pela Câmara Brasileira do Livro. João Gilberto Noll ganhou o prêmio com as seguintes obras: *O cego e a dançarina* (1980); *Harmada* (1993); *A céu aberto* (1996); *Mínimos, múltiplos, comuns* (2003), melhor capa e segundo lugar na categoria contos, e *Lord* (2004). A obra *Acenos e Afagos* (2008) recebeu dois prêmios, Portugal Telecom 2009 e Fato Literário 2009.

Refletir sobre a masculinidade, sua importância para a sociedade, não é apenas o interesse específico desta dissertação, mas uma maneira para pensar sobre as mudanças culturais da sociedade brasileira. Ao se pensar sobre tal tema, pelo exercício da comparação literária, pode-se perceber que a noção de masculinidade não é fixa nem rígida, mas é, sobretudo, relacional, configurada por diferentes contextos e as narrativas literárias expressam tais mudanças.

Do ponto de vista sociológico, muitas análises têm sido feitas sobre o tema no contexto social mais abrangente. O mundo mudou, as mulheres mudaram, os homens mudaram e o significado de masculinidade não ficou para trás. Não são somente as mulheres que requerem homens diferentes. Estes também se sentem no direito de recusar o papel que a

⁵ Também em pesquisa no Banco de Teses do Portal da Capes (<http://servicos.capes.gov.br/capesdw/>) foram encontradas mais de 40 dissertações e mais de 10 teses que tratam sobre a obra de João Gilberto Noll, sendo que a maior parte se atém ao romance *A fúria do corpo*.

⁶ Essa dissertação ainda não se encontra disponível online.

⁷ O romance *queer* é entendido pelo autor como uma teoria das sexualidades não-heterossexuais, isto é, o estudo das diferentes formas de homossexualidade (SILVA, 2010). Como o objetivo deste trabalho não é apenas a homossexualidade, mas a representação das diferentes masculinidades, a teoria *queer* se tornou insuficiente para fundamentar a pesquisa.

sociedade exigia e exige dele: provedor e organizador da vida familiar (BOURDIEU; RODRÍGUEZ; MONTESINOS, 1998).

Para Bourdieu, Rodríguez e Montesinos (1998), a sociedade ocidental é homofóbica. Bourdieu constata que

el dominio masculino está suficientemente bien asegurado como para requerir justificación: puede limitar-se a ser y a manifestar-se en costumbres y discursos que enuncian el ser conforme a la evidencia, contribuyendo así a ajustar los dichos con los hechos. La visión dominante de la división sexual se expresa en discursos como los refranes, proverbios, enigmas, cantos, poemas o en representaciones gráficas como las decoraciones murales, los adornos de la cerámica o de los tejidos (BOURDIEU; RODRIGUES; MONTESINOS, 1998, p. 16)⁸.

A discussão sobre a masculinidade é tão conflitante que basta analisar o debate entre Bourdieu (199) e a norte-americana Judith Butler (2003) acerca da dominação masculina e da posição da mulher na sociedade contemporânea, em que ambos não chegam a um acordo sobre qual é o tipo de dominação é preponderante, se é a material ou a simbólica. A discussão entre Bourdieu e Butler é importante à medida que colabora com os estudos de diferentes tipos de identidades de gênero não só como um problema teórico, mas também como um problema que afeta a vida de homens e mulheres. Devido à importância dessa discussão, ela será tratada detidamente no Capítulo 2.

Outra perspectiva complementar sobre relações entre identidades de gênero é introduzida por Carrara (2007), que observa a sexualidade como um meio para pensar a nacionalidade brasileira, a chamada brasilidade. O autor argumenta que “não deve causar espanto que as vicissitudes do processo de construção e reconstrução de uma identidade nacional se espelhem também nos estudos sobre a homossexualidade” (CARRARA, 2007, p. 1), uma vez que existem diferentes maneiras de expressar a sexualidade, como a heterossexual e a homossexual, caso do personagem João Imaculado e de sua sexualidade problemática, o que também constitui um problema da própria masculinidade no início do século XXI, pois a heterossexualidade não garante a masculinidade, pois esta pode ser expressa por meio da própria homossexualidade.

⁸ “O domínio masculino está suficientemente bem assegurado como se requisitasse justificativa: pode se limitar a ser e a se manifestar nos costumes e nos discursos que enunciam o ser conforme a evidência, contribuindo así para ajustar os ditos com os feitos. A visão dominante da divisão sexual se expressa em discursos como refrãos, provérbios, enigmas, cantos, poemas, representações gráficas como as decorações dos muros, os adornos das cerâmicas ou dos tecidos” (BOURDIEU, RODRIGUES, MONTESINOS, et al, 1998, p. 16, tradução livre).

É tentando compreender o que seriam identidades masculinas (já que não existe um modelo) como uma forma de classificação construída socialmente (no final do século XIX e na sociedade contemporânea) que esta pesquisa se justifica ao estudar a obra *Acenos e afagos* (2008), de João Gilberto Noll, e compará-la à obra *Ressurreição* (1871/2005), de Machado de Assis. Isto é, refletir sobre diferentes masculinidades veiculadas na literatura brasileira, entendendo-a também como forma específica de reflexão profundamente inserida no contexto social. Estudando as expressões dessa literatura em momentos históricos e culturais específicos, alargamos nossa compreensão da masculinidade como parte da organização da vida social. Esse é um dos resultados pretendidos nesta dissertação.

Como se pode observar, trata-se de um estudo comparativo entre autores de reconhecido prestígio da literatura brasileira: Machado de Assis, o grande nome do século XIX e reverenciado nos dias atuais e Noll, escritor contemporâneo, reconhecido nacional e internacionalmente⁹. Entretanto, sabe-se do risco de refletir sobre a sociedade contemporânea¹⁰, uma vez que

escrever a história do presente é sempre arriscado — e isso também vale para a literatura. Sem o necessário distanciamento que o passar do tempo proporciona, podemos avaliar um autor ou uma obra com base em sua repercussão imediata, que pode ser desmentida ou ratificada por obras posteriores e novas gerações de leitores (COSTA PINTO, 2004, p. 10).

Estudar a literatura é uma das formas encontradas para compreender a própria sociedade. No entanto, não é a única. Para Geertz (1997), a arte e a literatura fazem parte da sociedade, são como documentos primários desta. Ou seja, ela funciona como uma documentação, o que equivale dizer que por meio da literatura é possível compreender a sociedade. Desse modo, pela literatura, é possível entrever aspectos da própria sociedade (no caso da sociedade do fim do século XIX e da contemporânea). Porém, vale ressaltar, a literatura é ficção e não realidade.

A arte, da qual a literatura faz parte, possui uma função social determinada e importante para a vida das diferentes sociedades, tanto de unir quanto de separar as diferentes culturas uma das outras (LAYTON, 1971). Para esse autor, a arte é produzida em contextos sociais: sistemas de ideias, crenças e valores, visto que se pode entendê-la como pertencente à

⁹ Noll foi bolsista e professor convidado da Universidade de Berkeley, nos Estados Unidos, e escritor-residente no King's College, em Londres, Inglaterra. Em 2001, o conto "Alguma coisa urgentemente" foi selecionado por Ítalo Moriconi para compor *Os cem melhores contos brasileiros do século*.

¹⁰ Sobre o risco de refletir acerca da contemporaneidade ver a tese: *A questão da representação e o romance brasileiro contemporâneo*, de Pascoal Farinaccio (2004).

determinada comunidade e em determinado contexto. Nesse sentido, existem dois objetivos para analisar a arte: 1) descobrir as consequências que a produção e o uso de objetos artísticos têm sobre a comunidade em que foram confeccionados; 2) descobrir a natureza dos valores que são expressos nesses objetos de arte. Esta dissertação se detém, sobretudo, no segundo desses objetivos ao analisar masculinidade/sexualidade/gênero.

Para tanto, são essas contribuições da antropologia da arte que ajudarão a alcançar tais objetivos e, para esta dissertação, o segundo objetivo se torna mais importante para a compreensão da masculinidade como uma forma de classificação na sociedade do final do século XIX e início do século XXI. Não obstante, a antropologia da arte pretende compreender a relação entre o artista e a obra de arte, bem como a relação da obra com o público. Por meio da arte, o artista exprime a si mesmo. Todavia, quem faz a leitura é o público, e é ele quem dará o significado do objeto cultural, tendo em vista os valores que ordenam a sociedade e o contexto em que foram e são produzidos.

Assim como Layton (1991), Duvignaud (1970) define que é o público que atribui vida à arte, que lhe dá sentido, e mais, o público é contagiado pela arte, pois essa ultrapassa o material, recompõe a unicidade de uma sociedade dividida. É o imaginário que entrelaça a obra de arte e o público, é por meio deste que existe a construção de um objeto artístico como um objeto cultural, identificador de determinada sociedade. Assim, a velha dicotomia: “é a arte que imita a vida ou a vida que imita a arte?” se torna expressiva, principalmente na análise literária, em que, às vezes, ficção e realidade se confundem. Dessa maneira, incorporando esses pressupostos, a metodologia desta dissertação adotou como estratégia o exercício comparativo (pedra de toque dos estudos antropológicos), para compreender as transformações sociais entre o final do século XIX e início do XXI relativas à masculinidade como inseparáveis das narrativas literárias, evidenciadas por meio do estudo de *Ressurreição* (1871/2005) e *Acenos e afagos* (2008).

É também no campo da literatura comparada que as análises desta dissertação se desenvolveram aliada às contribuições da teoria antropológica e sociológica sobre gênero e sexualidade. O ato de comparar é inerente ao ser humano, e é da natureza dele estabelecer comparação entre os fatos (CARVALHAL, 2001). A literatura comparada, ainda de acordo com a autora “designa uma forma de investigação literária que confronta duas ou mais literaturas” (CARVALHAL, 2001, p. 5). A cada leitura surge uma nova interpretação, pois “comparar textos equivale a traduzi-los uma segunda vez” (BRUNEL; PICHOIS; ROSSEAU, 1995, p. 84). O método comparativo equivale a tentar “compreender, através da ‘confrontação complexa’ e em construções conscientes, o que há de particular em cada obra, assim como a

especificidade nacional e nacional-lingüística de uma literatura dentro do contexto geral a que pertencem” (KAISER, 1980, p. 31-32). A literatura comparada permite também comparar não apenas autores e obras, mas temas e motivos (MACHADO; PAGEUX, 1988), a exemplo do tema aqui privilegiado nos romances *Ressurreição* (1871/2005), de Machado de Assis e *Acenos e afagos* (2008), de João Gilberto Noll.

Para tanto, o Capítulo 2 – *A masculinidade como forma de classificação* apresenta a problematização social e sociológica da pesquisa. Pretendeu-se discutir como a masculinidade é uma forma de classificação social, e como essa representação foi e é desenvolvida pela sociedade. Autores como Bourdieu (1999), Bourdieu; Rodríguez; Montesinos (1998), Giddens (1993), Butler (2003), Freyre (1933/2005; 1936/2000)¹¹, Carrara (2007; 1999; 2009) são fundamentais para essa reflexão.

No Capítulo 3 – *O nome e a identidade masculina de Félix e João Imaculado* foi realizada a apresentação da obra *Ressurreição* (1871/2005), e as pesquisas relacionadas a esse romance e a Machado de Assis, bem como a exposição de *Acenos e afagos* (2008), de João Gilberto Noll, e as respectivas pesquisas realizadas sobre este romance. Procurou-se analisar e comparar como a masculinidade foi e é construída, por meio do personagem Félix, em relação ao nome, enquanto a identidade masculina de João Imaculado está vinculada a sua própria orientação sexual.

No Capítulo 4 – *Masculinidade: sexualidade e gênero nas interações cotidianas* – foram analisados os personagens Félix e João Imaculado por meio do casamento, da família, da profissão e da vida pública, com vistas a compreender como a construção social da masculinidade pode ser compreendida por estar imbricada nas relações cotidianas estabelecidas em sociedade.

Para a reflexão do tema da masculinidade e suas relações com sexualidade e gênero, foram utilizadas também publicações especializadas, tais como *Revista de Estudos Femininos* e *Cadernos Pagu*, disponíveis no *Sielo*, palestras como a de Sérgio Carrara, *Masculinidades em crise no mundo atual*, e estudos específicos sobre o tema que têm como interesse Machado de Assis e *Ressurreição*, João Gilberto Noll e *Acenos e afagos*. Sob esse aspecto, a dissertação poderá contribuir para ampliar horizontes de pesquisa estendidos à literatura, caminho complementar a outras abordagens teóricas. Não se tem o objetivo de esgotar o tema. O que se espera é compreender como esses autores abordam a masculinidade,

¹¹ Assim como em *Ressurreição*, optou-se por colocar a data da primeira edição e da edição atualizada dos livros: *Casa grande e senzala* e *Sobrados e mucambos*, de Gilberto Freyre.

acompanhando-a como diferentes expressões de sensibilidades coletivas, correlatas a contextos situados em momentos históricos também diferentes.

2 A MASCULINIDADE COMO FORMA DE CLASSIFICAÇÃO

“O fogo original e primordial, a sexualidade levanta a chama vermelha do erotismo e esta, por sua vez, sustenta outra chama, azul e trêmula: a do amor”.

Octavio Paz

2.1 MASCULINIDADE: SEXUALIDADE E GÊNERO

Tendo em vista que o objetivo desta dissertação é estudar a relação masculinidade/sexualidade/gênero nas narrativas de Machado de Assis e João Gilberto Noll, é importante apresentar de que modo essa relação vem sendo analisada como uma forma de classificação na sociedade ocidental e na sociedade brasileira. Além disso, pretende-se contextualizar que tipos de representação da masculinidade/sexualidade/gênero foram construídos historicamente em diferentes contextos e épocas. Dessa maneira, Ruitenbeek (1969), Freyre (1933/2005; 1936/2000) e Candido (1951) ajudam a compreender como a masculinidade foi percebida pela sociedade brasileira e os elementos apresentados por eles são tomados como dados históricos e sociais, não como fonte teórica para análise dos dados da pesquisa aqui relatados.

As discussões propostas por Ruitenbeek (1969) para entender a construção da masculinidade são relevantes à medida que apresentam o perfil de homem na sociedade norte-americana. Embora o autor se detenha na masculinidade do homem norte-americano, ele também reflete sobre isso no Ocidente e na América como um todo. Para esse autor, o homem seria aquele que adota uma postura firme e ativa (o sexo forte, nas palavras de Gilberto Freyre¹²), principalmente no trato com as mulheres, sendo que ele se estabeleceria como líder, sobretudo, por sua sexualidade agressiva e explícita, pela postura ativa (sexo dominante) diante da sociedade e do sexo feminino. O homem é “caracterizado por la agresividad, la competencia, la ansiedad y la tendencia a la presión de los demás para lograr el reconocimiento del sujeto como hombre” (BOURDIEU; RODRÍGUES; MONTESINOS, 1998, p. 110)¹³.

¹² Freyre (2000; 2005) trabalha com o conceito de homem patriarcal no contexto da sociedade colonial brasileira.

¹³ “caracterizado pela agressividade, competência, ansiedade e tendência a pressionar os demais para obter reconhecimento do sujeito como homem” (tradução livre).

A agressividade masculina é um problema abordado por Nolasco (2001), sob o prisma do comportamento humano, em seu livro *De Tarzan a Homer Simpson: banalização e violência masculina em sociedades ocidentais*. Ao discorrer acerca da violência masculina, ele analisa a prática violenta ligada à legitimidade da masculinidade, ou seja, uma das formas de provar para a sociedade o que é ser um **homem de verdade**. Nesse sentido, “para um homem, a violência é uma possibilidade de resposta à demanda de desempenho de seu papel social” (NOLASCO, 2001, p. 62), uma forma de se estabelecer socialmente.

Esse papel social, no entanto, não se mantém sozinho: “em nossa cultura ocidental a masculinidade só se evidencia parcialmente pelas atividades que estão além da vida conjugal, pois se relaciona com outros domínios, como o econômico e o político” (RUITENBEEK, 1969). Para os homens que não são casados, as relações se dão com as mulheres submissas a eles, pelo poder político ou econômico, como Machado de Assis, sutilmente, indica ao descrever o relacionamento entre Félix e Cecília, em que o protagonista do romance é seu amante. Contudo, a duração do envolvimento entre eles não passa de seis meses e esse envolvimento termina, sem o menor vestígio de culpa para Félix, resguardando sua honra.

A noção de masculinidade está vinculada ao sucesso alcançado em diferentes domínios¹⁴, todos relacionados com a postura heterossexual, independentemente da posição do homem na hierarquia social. É isso que se exige do homem em certas circunstâncias sociais: decisões sem hesitação, nem dúvidas, somente a plena certeza de que realizou a escolha certa. Cabe ao homem ser o grande articulador da vida familiar, além de ser o provedor, o que se evidenciou no sistema patriarcal analisado por Freyre (1933/2005; 1936/2000), que o descreveu como o sexo forte, nobre e dominador.

Para Candido (1951), a representação do homem como sexualmente ativo e forte, o “machão”, categoria que identifica esse homem dominador, “expressa todo um complexo de relações sexuais historicamente condicionadas. Pressupõe o tradicional *status* doméstico do patriarca procriador, a poligamia de fato favorecida pela escravidão e a posição secundária das mulheres” (CANDIDO, 1951, p. 16). Esse texto de Candido foi publicado em 1951, mais de cem anos distante do mundo patriarcal que Freyre descreveu e analisou em *Casa grande e senzala* (1933/2005) e *Sobrados e mucambos* (1936/2000) e, mesmo assim, ratifica as ideias do sociólogo pernambucano.

Outro fator importante para a construção da noção de masculinidade é a relação dominante do homem diante da mulher, principalmente ao se tratar de sexo. De acordo com

¹⁴ Heilborn (1999) afirma que, ainda hoje, o homem deve ser bem sucedido para alcançar a aprovação do grupo.

Candido (1951, p. 15), “uma idéia largamente aceita é a de que os rapazes precisam ‘desemburrar’, isto é, iniciar precocemente sua vida sexual”, serem os “garanhões”. Freyre (1933/2005) compartilha dessa ideia ao discorrer acerca da iniciação sexual dos meninos precocemente, entre doze e treze anos, porque, após essa idade, eles eram considerados “maricas”, e nenhuma família ostentava orgulho em ter um filho “donzelão” em casa.

Apesar de Freyre (1933/2005; 1936/2000) e Candido (1951) se referirem ao modelo de homem patriarcal que vigorou até início do século XIX, “virtudes” como força, independência, dominação e supremacia sexual em busca do prazer próprio ainda são permanentes em alguns grupos da sociedade brasileira contemporânea. Heilborn (1999, p. 46) salienta que,

em termos gerais, poderia se definir como modelo exaltado de masculinidade a figura do namorador, em sua versão amena, e a do ‘garanhão’, a mais exacerbada. Tal modelo está representado pelo tipo que coleciona conquistas e namoros que terminam de forma rápida, assinalando o momento em que a ‘pressão’ feminina por um relacionamento mais sério chega ao limite de suportabilidade para o sujeito. É um paradigma cujo colorido se diferencia segundo as circunstâncias do cenário sexual e que atravessa as classes sociais, revestindo-se de nomeação distinta, mas que guarda um fundo comum.

Esse modelo exaltado de masculinidade está em processo de transformação, desde o final do século XIX até o início do século XXI, como pode se verificar no livro de Giddens (1993) *A transformação da intimidade: sexualidade, amor e erotismo nas sociedades modernas*. Giddens (1993) realça inúmeras transformações as quais a sociedade ocidental vem sendo submetida, como a ascensão das mulheres ao mercado de trabalho, a independência feminina, novas relações entre mulheres e homens, o que os obrigou (homens e mulheres) a reverem os conceitos sobre masculinidade/sexualidade/gênero.

Além disso, de acordo com a *Declaração Universal dos Direitos Humanos* (1948), todo indivíduo é livre, igual e

tem capacidade para gozar os direitos e as liberdades estabelecidos nesta Declaração, **sem distinção de qualquer espécie**, seja de raça, cor, **sexo**, língua, religião, opinião política ou de outra natureza, origem nacional ou social, riqueza, nascimento, ou qualquer outra condição (ONU, 1948, art. 2, grifos meus).

A Declaração aponta para a possibilidade de haver a igualdade entre os sexos, e o respeito pela orientação sexual escolhida por cada indivíduo, o que modificaria a conjuntura da supremacia masculina e a conseqüente dominação, desestruturando a sociedade patriarcal.

Na verdade, a Declaração só corrobora as mudanças que estão ocorrendo desde o final do século XIX, devido à crescente igualdade entre os sexos, à entrada das mulheres no mercado de trabalho e, conseqüentemente, à independência dessas pelo maior nível de escolarização e maior poder econômico e à separação entre sexualidade e reprodução (HEILBORN, 1999), que provocaram transformação fundamental nas relações de gênero e, talvez, os mais afetados tenham sido os homens, mesmo que eles não tenham se dado conta disso.

Uma evidência dessa transformação está na redação da *Constituição Federal de 1988*, a qual considera que a família pode ter como organizador e provedor tanto o homem quanto a mulher, retirando do homem o cargo de articulador e responsável pela vida familiar, sancionando a igualdade entre homens e mulheres. O Art. 5º, inciso I da Carta Magna Brasileira, determina que “homens e mulheres são iguais em direito e obrigações nos termos desta constituição”, confirmando o que foi definido pela *Declaração Universal dos Direitos Humanos* (1948).

Outra mudança ocorrida foi a própria maneira de pensar a sexualidade, que não é mais vista como algo inato, dado e natural, mas sim, como um constructo social. Para Giddens (1993, p. 25),

hoje em dia a ‘sexualidade’ tem sido descoberta, revelada e propícia ao desenvolvimento de estilos de vida, bastante variados. É algo que cada um de nós ‘tem’, ou cultiva, não mais uma condição natural que um indivíduo aceita como um estado de coisas preestabelecido.

No mesmo sentido que Giddens (1993), Loyola (1999) também admite que exista esforço de desconstrução da visão naturalizada da sexualidade, como uma simples diferença biológica entre os sexos. Há um “esforço de ‘desnaturalização’ dessa relação, isto é, da atribuição de papéis sociais e de características psicológicas aos dois sexos em função de suas diferenças biológicas e da forma como participam do processo reprodutivo” (LOYOLA, 1999, p. 34). Tal esforço de desnaturalização da sexualidade fez com que ela assumisse um papel central nas nossas sociedades contemporâneas, gerando uma inquietação que pode ser resumida nesta pergunta de Heilborn (1999, p. 40) “qual é o lugar da sexualidade na

construção da pessoa em distintos contextos culturais de uma sociedade complexa e heterogênea?”.

A possível resposta é que o próprio conceito de sexualidade – ou melhor, os vários – também vem sofrendo alterações. Todavia, há que se ter em mente que “as situações objetivas não se alteram por uma simples tomada de consciência ou por decreto” (HÉRITIER, 1999, p. 28). Levam-se anos para aceitar novos padrões, tal como ocorreu com a homossexualidade, que já foi classificada como pecado, doença, desvio, transtorno e hoje é orientação sexual (RUSSO, 2004), o que somente foi possível com as discussões sobre sexualidade e gênero.

Michel Bozon (2004) apresenta um breve retrospecto da história das mudanças dos significados da homossexualidade: primeiramente, houve a substituição do discurso religioso, em que a homossexualidade era vista como pecado, pelo discurso psiquiátrico, no fim do século XIX, que a considerava um transtorno psicológico. Com os estudos da psicanálise, a homossexualidade passou ao *status* de anomalia psicológica ou perversão para, na década de 1970, haver o rompimento com essas duas formas de categorização, com a liberação sexual. Nesse processo, o surgimento da AIDS¹⁵, na década de 1980, levanta novamente o problema da medicalização da homossexualidade e a problemática de uma masculinidade diferente da heterossexual. Sontag (1989), em *A AIDS e suas metáforas*, analisa como o discurso sobre a AIDS estigmatiza a pessoa portadora do vírus HIV como possuidora de uma sexualidade divergente, e a AIDS substitui o câncer no rol das doenças mais temidas

A sexualidade, então, não é apenas um dos eixos de classificação e de construção de identidades sociais e isso é visível em sua problematização em campos de interesses que incluem diversas áreas (ciências humanas, sociais, da saúde), pois ela está em todos os lugares. De acordo com Russo (2004, p. 96),

a sexualidade tem historicamente se constituído como um dos fios temáticos fundamentais para nomear e dar sentido a alguns dos processos sociais mais significativos das chamadas sociedades ocidentais modernas, em especial aqueles que resultaram na representação do sujeito autônomo e singular, que resiste a todo tipo de englobamento ou determinação social.

Essa representação do sujeito autônomo e singular que ganha significado a partir da sexualidade foi apontada por Foucault (1997) em *História da sexualidade I: a vontade de*

¹⁵ Um dos primeiros romances a tratar do tema da AIDS foi *Assim vivemos agora*, da escritora norte-americana, Susan Sontag, publicado em 1991, ainda no *boom* das discussões acerca da Aids, dos “grupos de riscos” e a procura da cura. Nessa obra, Sontag (1995) apresenta o drama das pessoas próximas aos portadores de HIV, suas angústias e preocupações, até mesmo o egoísmo, que as impedem de visitar o amigo bissexual, que contraiu o vírus.

saber. Foucault (1997) analisa como o discurso sobre sexo e sexualidade¹⁶ aumentou, consideravelmente, nos últimos três séculos, passando da repressão ao *status* de *scientia sexualis*. Fazendo a arqueologia da constituição da verdade sobre sujeito, ele propõe a ideia de que o discurso sobre sexo e sexualidade instituiu um campo de estudo próprio, com valor em si mesmo, como um conhecimento científico. Além disso, o que instiga Foucault (1997), nessa pesquisa, é por que a sexualidade e o discurso sobre ela, ao invés de serem reprimidos na sociedade ocidental, tornaram-se cada vez mais promovidos, motivados e incentivados. Para Foucault (1997), a sexualidade estaria ligada ao poder, já que é por meio deste que ela é ordenada, sendo definido o que deve ser colocado sob o signo do “não”, o que é o certo e o errado, o lícito e ilícito. São as normas ditadas pelo poder que ordenam a sexualidade, sendo que o sexo é a materialidade da sexualidade. É por meio dele, do sexo, que ela se manifesta. As contribuições de Foucault sobre sexualidade se tornaram um marco, a partir dos anos de 1980, para os estudos gays, lésbicos e *queer* (SPARGO, 2006), e teóricos como Judith Butler, apresentam grande influência desse pensador francês.

Dialogando com Foucault (1997), Loyola (1999) observa que a sexualidade, antes domínio do privado e do íntimo – como apresentou Giddens (1993) – agora está exposta ao público. Existe uma racionalização da sexualidade, em termos de compreensão, de práticas e de discursos, por parte da sociedade, com o fim de compreendê-la e estudá-la. Bozon (2004) argumenta que a partir da década de 1960 houve a politização da intimidade e da própria sexualidade, que foi exposta a público, contrariando e rompendo com a ordem estabelecida pelo modelo patriarcal. Essa politização impulsionou a reivindicação de autonomia e igualdade entre os sexos, pois a “sexualidade aparece como uma experiência pessoal, fundamental para a construção do sujeito” (BOZON, 2004, p. 43). Para esse autor, a

construção social tem um papel central na elaboração da sexualidade humana. Enquanto a programação biológica continua sendo predominante na sexualidade animal, os homens, como “animais desnaturados” que se tornaram, já não sabem mais se comportar sexualmente por instinto. Eles não só necessitam de um aprendizado social para saber de que maneira, quando e com quem agir sexualmente, como não conseguem agir sem dar um sentido aos seus atos. E, como construção social, a sexualidade humana implica, de maneira inevitável, a coordenação de uma atividade mental com uma atividade corporal, aprendidas ambas através da cultura. A sexualidade humana não é um dado da natureza. Construída socialmente pelo contexto cultural em que está inserida, essa sexualidade extrai sua importância política daquilo que contribui, em retorno, para estruturar as relações

¹⁶ Interessante estudo sobre os conceitos de Foucault é a obra *Vocabulário de Foucault: um percurso pelos seus temas, conceitos e autores*, de Edgardo Castro.

culturais das quais depende, na medida em que as “incorpora” e representa (BOZON, 2004, p. 13-14).

Uma das consequências da proeminência da sexualidade e de sua exposição ao mundo público foi a desvinculação do sexo com o imperativo da reprodução biológica, como apontaram Heilborn e Brandão (1999), impulsionada pela descoberta dos métodos contraceptivos e pelo advento da AIDS, doença que teve seu apogeu nos anos de 1980 e esteve estritamente ligada aos homossexuais¹⁷.

Desse modo, nos anos de 1980, os estudos acerca da sexualidade e das representações sociais a ela ligadas, como é o caso da masculinidade, passaram a ser cada vez mais vinculados ao gênero. Contudo, de acordo com essas autoras, ainda há receio sobre o desvelamento da sexualidade, como se ela fosse uma entidade sagrada, mas que precisa ser “objeto de estudo dessacralizado” (HEILBORN; BRANDÃO, 1999, p. 9).

Como se procurou evidenciar, o gênero possui estreita ligação com a sexualidade. Aliás, o estudo da relação masculinidade/sexualidade/gênero, como tema desta dissertação, tem mostrado que é quase impossível a desvinculação desses termos da relação em análise. Eles são indissociáveis, como Loyola (1999) também mostra.

Assim como a masculinidade e a sexualidade são constructos sociais, os estudos sobre gênero também consideram que esse é um campo construído nos embates sociais, influenciados por fatores políticos e culturais. Nesse sentido,

as categorias de gênero, as representações da pessoa sexuada, as repartições das tarefas, tais como as conhecemos nas sociedades ocidentais, não são fenômenos com valor universal geradas por uma natureza biológica comum, mas sim construções culturais. Com um mesmo ‘alfabeto’ simbólico universal, preso nesta natureza biológica comum, cada sociedade elabora efetivamente ‘frases’ culturais singulares e que lhe são próprias (HÉRITIER, 1999, p. 21).

Corroborando essa ideia de Héritier (1999), do gênero como uma categoria socialmente construída, a feminista Judith Butler (2003) afirma que ninguém nasce pertencendo a um gênero. Isto é, ninguém nasce homem ou mulher (isso seguindo uma classificação binária de gênero), mas se aprende a ser. Como Carrara (2009) complementa: “anatomia não é destino”. Se é mais difícil desnaturalizar o sexo, ao associá-lo ao gênero,

¹⁷ “Resumindo: a separação entre sexo e reprodução, amplamente observada, tem a anuência do poder. É o produto do conjunto líquido ambiente da vida moderna e do consumismo como estratégia escolhida, e a única disponível” (Bauman, 2004, p. 64). Ainda que essa observação de Bauman seja pertinente, os argumentos do autor se tornam insuficientes para compreender as imbricações de masculinidade/sexualidade/gênero.

torna-se mais claro compreender este como “culturalmente construído: conseqüentemente, não é nem o resultado causal do sexo, nem tampouco tão aparentemente fixo quanto o sexo” (BUTLER, 2003, p. 24), o gênero é adquirido socialmente.

É de acordo com esses pressupostos que Butler (2003; 2007; 2010) elabora a teoria da performatividade de gênero em que os indivíduos praticam um gênero, como ela exemplifica em seu discurso: “me referindo a, comentando, habitando, retrabalhando um conjunto de normas de gênero que estão em mim e também fora de mim” (BUTLER, 2010, p. 10), ou seja, são as normas reguladoras que, reiteradamente, afirmam os comportamentos, quase que obrigatórios, como se eles fossem naturais e não produzidos socialmente, pois “de esta forma se demuestra que lo que hemos tomado como un rasgo interno de nosotros mismos es algo que anticipamos y producimos a través de ciertos actos corporales, en un extremo, un efecto alucinatorio de gestos naturalizados¹⁸” (2007, p. 17). Desse modo, o “género resulta ser performativo, es decir, que conforma la identidad que se supone que es¹⁹” (BUTLER, 2007, p. 84).

Em relação à identidade de gênero masculina, o artigo *Masculinidade e modernidade em Camilo Castelo Branco*, de Barcellos (2009), apresenta o paradoxo que os homens viviam no século XIX, sobretudo, por suas virtudes:

se, por um lado, são traços distintivos da masculinidade a honradez, a lealdade, a solidariedade e a ética do trabalho, por outro, a masculinidade parece comportar também a possibilidade de comportamentos profundamente egoístas, violentos e anti-sociais, pelo menos, por um período na vida de um homem (BARCELLOS, 2009, p. 62).

Esse paradoxo está distante da identidade masculina contemporânea, no que tange ao gênero masculino, pois há a valorização da atividade sexual realizada pelos sujeitos, como uma maneira de construir a própria identidade de gênero (HEILBORN, 1999)²⁰. Um dos resultados é que, nas experiências cotidianas, o homem, contrariando os estudos de gênero recentes, ainda não dissociou sexo de gênero, e isso o leva a uma situação problemática: relacionar-se em uma sociedade em que tal dissociação já é uma realidade. Do mesmo modo, a dissociação do sexo com a reprodução, trazida pela fecundação *in vitro* e pela clonagem, é

¹⁸ Dessa forma, demonstra-se que o temos tomado como uma característica “interna” de nós mesmos, é algo que antecipamos e produzimos por meio de certos comportamentos, em extremo, efeito alucinatorio de gestos naturalizados (BUTLER, 2007, p. 17, tradução livre)

¹⁹ O gênero é performativo quando comporta uma identidade que se acredita ser (BUTLER, 2007, p. 84, tradução livre)

²⁰ A autora, no entanto, afirma que o homem desvincula sexo de envolvimento afetivo.

um exemplo de tal desvinculação e da posição secundária da masculinidade na sociedade contemporânea (NOLASCO, 2001).

Por essas razões, o enfraquecimento da dominação masculina, a desvinculação de sexualidade e reprodução e de sexo e gênero, a existência de vários gêneros e a masculinidade como uma categoria secundária, induzem à constatação de que estamos diante de uma crise na masculinidade. As implicações e os efeitos dessas modificações estão na maior visibilidade da inexistência de um modelo de masculinidade, fixo e definido, e na suposição de que existem inúmeras masculinidades.

2.2 MASCULINIDADE E MASCULINIDADES

A ideia de que a masculinidade vem sendo posta em xeque é também vivenciada, pois os “homens estão descobrindo que eles próprios são homens, ou seja, possuem uma ‘masculinidade’ problemática” (GIDDENS, 1993, p. 70). Segundo Sérgio Carrara (2009), a masculinidade está em crise desde o século XIX, quando havia o questionamento, por parte de algumas mulheres, da subordinação a que estavam submetidas perante os homens. Entretanto, a desigualdade entre homens e mulheres era justificada pela hierarquia natural, advinda das diferenças biológicas. De acordo com o autor, vive-se um momento crucial nesse processo, em que a dominação masculina no mundo ocidental é cada vez mais questionada.

Dando significado à ideia de que a construção da masculinidade é relacional, como se tentou mostrar, ela começou a ser problematizada pelo advento do feminismo, do reconhecimento de outros gêneros de sexualidade, da desvinculação entre sexo e gênero, da separação entre sexualidade e reprodução biológica e, principalmente, pela independência das mulheres. Isso

provoca la crisis en la identidad masculina, pues, al tener los hombres introyectado imágenes que los colocan en el centro de las decisiones de la pareja, no pueden comprender, muchas veces, que las mujeres tengan proyectos más allá de su trabajo rutinario y el espacio privado (BOURDIEU, RODRÍGUEZ; MONTESINOS, 1998, p. 135)²¹.

²¹ “Provoca a crise na identidade masculina, pois, ao terem os homens internalizado imagens que os colocam no centro das decisões do casal, não podem compreender, muitas vezes, que as mulheres tenham projetos além de suas atividades rotineiras e seu espaço privado” (BOURDIEU, MONTESINOS, RODRIGUES, 1998, p. 135, tradução livre).

Então, pode-se perguntar: qual é a noção de masculinidade da sociedade contemporânea, ou melhor, que tipo de masculinidade impera? Para os homens há uma mudança de modelos de comportamento que eles devem assumir. Segundo Bourdieu; Rodrigues; Montesinos (1998, p. 141) há um “nuevo rol social y supere el proceso de modernización que exige la aceptación y práctica de relaciones genéricas equilibradas”²².

De acordo com Carrara (2009), a emergência de estudos sobre masculinidade é um sintoma de um processo mais amplo de desarticulação do poder e dominação masculina, da crise que Bourdieu, Montesinos e Rodrigues (1998) discutem em *La masculinidad: aspectos sociales e culturales*. A partir de 1990, os homens são vistos como homens particulares e não mais como sujeitos universais ou detentores das marcas de gênero. Carrara (2009) aponta três planos em que ocorre a corrosão da dominação e do poderio masculino: o primeiro é o político, ligado à sociedade civil e aos movimentos sociais, gays e feminismo, por exemplo; o segundo é o mercado e o trabalho, o necessitar “ser alguém” sob esse ponto de vista, provar eficiência e capacidade, ser bem-sucedido; e o terceiro é o plano do Estado, que estabelece normas e leis, submetendo, igualmente, homens e mulheres, visto que como promulga a *Constituição Federal*, todos são iguais e possuem o mesmo direito perante a lei (CARRARA, 2009).

Em *Masculinidades em crise no mundo atual*²³, Carrara (2009) apresenta um retrospecto de como a masculinidade foi se modificando de acordo com as próprias mudanças sociais. Nesse sentido, não considera que hoje haja um *boom* sobre os estudos da masculinidade, mas sim a ideia de que o homem deixou de ser considerado um ser universal, e que a visibilidade da identidade de gênero²⁴ era oculta, justamente, por não ser questionada e englobar o gênero feminino. Essa mesma avaliação foi feita por Barcellos (2009) na narrativa literária, quando discute a ideia de que não era necessário descrever os homens, nos textos literários do século XIX, pois todos (o autor e o público) sabiam que “ser homem”, era algo natural, enquanto as descrições femininas eram mais floreadas e cheias de retórica. Basta analisar *Iracema*, de José de Alencar, a virgem dos lábios de mel, cabelos mais negros que o

²² “seu novo papel social é superar o processo de modernização que exige a aceitação e prática de relações gerais equilibradas” (BOURDIEU et al, 1998, p. 141, tradução livre).

²³ Como não é um texto escrito, tornou-se inviável a citação direta do texto. Optou-se por realizar a discussão do texto, pelos aspectos pertinentes a esta dissertação: masculinidade/sexualidade/gênero. O evento foi promovido pela CPFL Cultura, sendo intitulado de: *Novas identidades: a vida em transformação – conhecimento/sabedoria/felicidade*.

²⁴ Carrara (2009) argumenta que o homem era o ser universal, o que lhe garantia a invisibilidade de gênero, isto é, não era necessário que se identificasse como homem, pois todos – homens e mulheres – sabiam o que era ser homem e qual o papel que este deveria ocupar. Contudo, a partir dos estudos sobre gênero, o homem perdeu essa invisibilidade, tornando-a a visível e passível de ser estudada, como é o caso desta dissertação.

da graúna, dos pés suaves e delicados, em que o autor “floreia” a descrição da índia brasileira, enquanto os homens, guerreiros indígenas ou os portugueses, são descritos mais objetivamente.

A visibilidade de gênero, segundo Carrara (2009), é objeto de reflexão recente. Nem mesmo as ciências consideradas um exercício predominante de pesquisadores masculinos, como as biomédicas, arriscavam-se nesse tema, pois o homem era visto como o ser universal, o representante legal da espécie, tanto de si próprio, como das mulheres, no mundo público, nos aspectos políticos, econômicos, sociais e culturais. Segundo Barcellos (2009, p. 61) “os sentimentos do homem estariam assim vinculados ao espaço público e ao papel que, nesse espaço, lhe cabe desempenhar”, mas a identidade de gênero permaneceria oculta.

Desse modo, a visibilidade da identidade de gênero provocou sua própria fragmentação, sua crise. Não existe mais masculinidade. Existem masculinidades (CARRARA, 2009), que se constituem com outros marcadores, tais como idade, raça, orientação sexual, não somente como oposição ao gênero feminino, mas em oposição às diferentes masculinidades. Todavia, essas masculinidades também enfrentam embates: há, por exemplo, as hegemônicas *versus* as subalternas, as mais valorizadas *versus* as marginalizadas, ademais, elas vão se sucedendo no tempo, ora podem ser subalternas ora hegemônicas. Do mesmo modo, como mostrou Carrara (2009), a crise na masculinidade pode ser observada pela autonomização do gênero, que implica concebê-la como estilos de vida, que podem ser incorporados em corpos femininos, homossexuais, bissexuais, transexuais. E aqui, mais uma vez, entra a dissociação entre sexo e gênero, tão cara aos estudos feministas (BUTLER, 2003). Uma das consequências é que o posto de provedor e organizador da vida familiar não é mais exclusividade dos homens. Entretanto, os homens, a grande maioria, não conseguem se desprender da posição hegemônica, muito mais pela pressão social que por vontade própria (GIDDENS, 1993), hipótese confirmada por Bourdieu (1999).

Em *A dominação masculina*, Bourdieu (1999), ao descrever e analisar a sociedade Cabília²⁵, demonstra como a dominação masculina ainda é uma constante na sociedade ocidental. Tudo é masculino, desde a casa, chamada de domínio das mulheres, até a separação social do trabalho e a divisão sexual. Esta é explicada pela “diferença **biológica** entre os **sexos**, isto é, a diferença **anatômica** entre os órgãos sexuais, pode assim ser vista como justificativa natural da diferença socialmente construída entre os **gêneros** e, principalmente, da divisão social do trabalho” (BOURDIEU, 1999, p. 20, grifos do autor).

²⁵ Cabília é uma região montanhosa do norte da Argélia, país situado ao norte do continente Africano.

Em contraposição a Bourdieu (1999), Judith Butler (2003) defende que o sistema de divisão sexual binário e “natural”²⁶ não comporta todos os gêneros da sociedade contemporânea, e que ter um corpo com genitálias masculinas não significa ser homem, pois o gênero é construído socialmente. “Ninguém nasce com um gênero – o gênero é sempre adquirido” (BUTLER, 2003, p. 163). E a sexualidade também apresenta um novo papel, pois não está mais estritamente vinculado ao sexo. A autora também alerta para a crise da masculinidade entre os homens, uma vez que este deve provar, constantemente, para si mesmo e para sociedade, a sua masculinidade heterossexual e a autonomia que a sociedade exige dele. Desse modo, a divisão sexual binária reforça o estereótipo do sexo como algo natural, enquanto a

a distinção entre sexo e gênero atende à tese de que, por mais que o sexo pareça intratável em termos biológicos, o gênero é culturalmente construído: conseqüentemente, não é nem o resultado causal do sexo, nem tampouco tão aparentemente fixo quanto o sexo. Assim, a unidade do sujeito já é potencialmente contestada pela distinção que abre espaço ao gênero como interpretação múltipla do sexo (BUTLER, 2003, p. 24).

Bourdieu (1999) critica Butler por esta não conceber a dominação masculina como algo que, também, é prejudicial aos homens, visto que “os homens estão prisioneiros e, sem se aperceberem, vítimas, da representação dominante”, (BOURDIEU, 1999, p. 63), pois têm que ser aquilo que a sociedade concebe para eles, não podem perder de vista o modelo do que é ser homem nesta sociedade, ou seja, o agente ativo.

Nolasco (2001) também concebe que o conceito de masculinidade, ligado à dominação masculina por meio da violência, é prejudicial aos homens, uma vez que impõe um modo e uma postura de agir, que nem sempre todos os homens desejariam cumprir. Segundo Nolasco (2001, p. 87), “o machismo é apresentado como um sistema de valores norteadores de uma cultura sobre o sexo”, e essa cultura é a hegemônica e a heterossexual.

A masculinidade para Butler (2003) é uma imposição social, exercida por meio da heterossexualidade dominante,

assim, o conflito da masculinidade parece ser precisamente a demanda de um reconhecimento pleno de autonomia, o qual encerrará – também e todavia – a promessa de um retorno aos prazeres plenos anteriores ao recalcamento e à individualização (BUTLER, 2003, p. 76).

²⁶ Entenda-se natural no sentido das diferenças biológicas entre homens e mulheres.

Isto é, um reconhecimento pleno de autonomia que estaria além das definições rígidas de gêneros ao incorporar as interpretações múltiplas de sexo.

Por outro lado, de acordo com Carrara (1999, p. 73), “o masculino tem que ser, assim, sempre o outro da mãe”, representando o oposto ao universo feminino: força *vs* fraqueza; ativo *vs* passivo; brutalidade *vs* delicadeza. “Resumindo brutalmente o argumento, o masculino é aquele que tem que ser expulso; ele tem que ser afastado do feminino para poder se tornar um masculino” (CARRARA, 1999, p. 73). Afinal, como veicula a música de Frejat (2010) “homem não chora nem por dor, nem por amor”, pois essas são emoções femininas. Complementando essa ideia, Bozon (2004) afirma que o masculino

não se define apenas em relação ao feminino, mas também em relação a outras imagens desvalorizadas do masculino. Nesse sistema bipolar, os homens que têm relações sexuais com outros homens não formam uma categoria à parte. Eles também são classificados, de acordo com o papel ativo ou passivo na relação, como homens ou mulheres (BOZON, 2004, p. 23).

Carrara (2009) também argumenta que o homem não sabe como agir perante a nova ordem social, modificada, sobretudo, pelo advento do feminismo. Assim, tudo o que antes era valorizado como o correto comportamento masculino (fortaleza, intrepidez, dominação), na sociedade contemporânea não tem mais sentido. Além disso, como foi citado, não existe apenas um modelo de masculinidade, ou como Carrara (2009) entende um “estilo de masculinidade” e uma das possíveis manifestações da masculinidade é a dos homossexuais²⁷.

Essa possibilidade é visível no personagem de Noll, João Imaculado, que vive uma crise de identidade, mais especificamente, de orientação sexual. Afinal, no romance, não é possível definir se João Imaculado é heterossexual, homossexual ou bissexual. A masculinidade e seus diversos significados se tornam importantes para compreender o comportamento desse personagem. Nesse sentido, é preciso desvincular a imagem do homossexual como o homem efeminado e ressaltar a maneira de expressar sua identidade por meio da masculinidade assumida ou por outras formas de sexualidade (POLLAK, 1985).

Para Pollak (1985), devido à liberação sexual, a partir da década de 1970, a homossexualidade saiu do “domínio do não-dito”. O mesmo que aconteceu com a sexualidade, descrito por Foucault (1997) e Bozon (2004). Sob esse aspecto, vale relembrar que a homossexualidade deixou de ser considerada uma doença em 1973, pela Associação

²⁷ A homossexualidade não será um tema explorado neste trabalho, visto que não se constitui como objeto de pesquisa, mas sim, como uma das exemplificações que incorpora a masculinidade na sociedade contemporânea.

Americana de Psiquiatria (APA), mas, somente em 1992, a Organização Mundial da Saúde (OMS) admitiu que a homossexualidade não é uma patologia.

Pollak (1985) apresenta, em alguns pontos de sua argumentação, um preconceito velado à medida que associa a masculinidade homossexual a uma mercadoria, totalmente desvinculada da afetividade, apenas uma “troca de orgasmos por orgasmos” (POLLAK, 1985, p. 59) adquiridos, normalmente, por meio da prostituição. Apesar dessa visão reducionista das relações afetivas homossexuais, Pollak (1985) considera que, assim como foram pensadas as relações entre sexualidade e gênero, a identidade homossexual é construída socialmente, isto é,

não se nasce homossexual, aprende-se a sê-lo. A carreira homossexual começa pelo reconhecimento de desejos sexuais específicos e pelo aprendizado dos lugares e dos modos de encontrar parceiros. Esse coming out [manifestar-se; sair do armário] se situa mais frequentemente entre dezesseis e trinta anos [...] Maior parte dos homossexuais já está convencida de sua preferência sexual muito antes de passar ao ato. O processo que vai do primeiro sentimento homossexual ao primeiro contato e ao momento em que o homossexual assume plenamente sua orientação sexual quase sempre se estende por vários anos, e em muitos casos dura até a idade de trinta anos (POLLAK, 1985, p. 58).

Carrara (2009) complementa a ideia de Pollak (1985) ao afirmar que era a heterossexualidade que determinava o gênero masculino. Em outras palavras, se o homem não fosse heterossexual não era homem. E caso possuísse um relacionamento afetivo com outros homens, deveria desempenhar o papel ativo: “no Brasil, como em inúmeras outras culturas, os homens que desempenham um papel ativo na relação entre dois homens não são tradicionalmente designados como homossexuais e preservam de maneira total a sua identidade masculina” (Bozon, 2004, p. 23). Não havia o conceito da existência de mais de um tipo de masculinidade ou a ideia da masculinidade como sendo uma orientação sexual.

No que concerne à sexualidade da masculinidade homossexual, as relações, muitas vezes, ainda seguem os modelos heterossexuais, mas há uma ideia diferente daquela proposta por Pollak (1985) de que não há vínculo afetivo, pois os “orgasmos com parceiros do mesmo sexo não são menos legítimos que os obtidos com parceiros do sexo oposto. Os homossexuais estão submetidos ao mesmo dever de orgasmo dos heterossexuais” (BÉNJIN, p. 240). No entanto, uma das características dos relacionamentos homossexuais é que eles prezam a segurança em termos de garantias de saúde, justamente pelo advento da AIDS, que durante muito tempo ficou associada à ideia de uma patologia homossexual. De acordo com Butler

(2003), os homossexuais gays tendem a ter mais parceiros que as homossexuais lésbicas²⁸, o que reproduz o modelo heterossexual de comportamento. Diante disso,

o modo de vida que parece obter sufrágio mais numeroso é a monogamia flexível, e, eventualmente, sucessiva (isto é, uma ou duas ligações estáveis no decorrer da vida, às quais podem vir acrescentar relações passageiras). Esse modelo apresentaria o interesse de conciliar, de forma bastante harmoniosa, as vantagens da sedentaridade (a segurança afetiva, a possibilidade de aprofundar o relacionamento) com as do nomadismo (a variedade, a novidade) (BÉNJIN, 1985, p. 240).

A masculinidade, segundo Nolasco (2001), para o sujeito do sexo masculino (além do heterossexual, os transexuais e bissexuais) é mais que a identidade ou sua orientação sexual, pois ela representa uma maneira de se inserir socialmente e obter o reconhecimento da coletividade. Refletir sobre a masculinidade pode significar refletir sobre a própria sociedade, o que nesta dissertação está sendo feito por meio da literatura. Não tendo pretensão de abarcar a imensa importância que a masculinidade assume como forma de classificação social serão analisados os personagens Félix e João Imaculado, respectivamente, de *Ressurreição* (1871/2005) e *Acenos e afagos* (2008), no próximo capítulo.

²⁸ Embora o termo *gay* seja utilizado para designar homens e mulheres homossexuais, optou-se pela distinção entre lésbicas e *gays*, para melhor visualização e compreensão das diferenças dos relacionamentos homossexuais.

3 O NOME E A IDENTIDADE MASCULINA

Levanta-se com esforço, tateia. Ela abre a porta.
Olhem ali: a figura que abre atendendo aos
chamados é um homem, estritamente um. Chama-se
Adão.
(João Gilberto Noll)

3.1 MACHADO DE ASSIS E *RESSURREIÇÃO*

Antes de se analisar o romance *Ressurreição* (1871/2005), faz-se necessário compreender o momento histórico em que essa obra foi recebida pelo público. *Ressurreição* (1871/2005) foi publicada em 1871, século XIX, marcado pelo progresso impulsionado pela Segunda Revolução Industrial, que trouxe outras formas de produção e inovações tecnológicas, tais como a fabricação de automóveis, a energia elétrica, o telégrafo, o telefone e a fotografia²⁹. O Brasil não ficou distante desse progresso, apesar de sempre estar atrás em termos de tecnologia. Dessa maneira, o Império no Brasil

representou também um momento único na história brasileira. Efetivamente, no regime monárquico forjou-se no Rio de Janeiro – capital da política, econômica e cultural do país – um padrão de comportamento que molda o país pelo século XIX afora e XX adentro (ALENCASTRO, 1997, p. 23).

No Brasil, a sociedade oitocentista foi marcada pela ruptura com a velha ordem colonial e pela instauração de uma nova sociedade, inspirada nos modelos europeus. Segundo Faoro (2001), a sociedade de estamentos dá lugar para a sociedade de classes, e o século XIX se constitui como uma época de transição entre a nova e a velha ordem.

Novos hábitos foram requeridos com a vinda da família real portuguesa para o Brasil (1808), os quais ao longo dos anos foram incorporados pela sociedade brasileira até o final do século XIX. Dessa forma, em contraposição aos antigos hábitos coloniais, um novo tipo de homem foi se evidenciando: o burguês, resultado do processo de modernização capitalista no

²⁹ Para mais detalhes ver *Tudo o que é sólido desmancha no ar*, de Berman (1986), que analisa as transformações ocorridas na sociedade moderna.

mundo ocidental. Nos anos finais do século XIX, a sociedade brasileira havia incorporado o novo *modus vivendi* dessa burguesia emergente na sociedade europeia.

Em 1872, o Rio de Janeiro contava com 274.972 habitantes (RIBEIRO, 2008). A cidade, por sua vez, também havia se modificado e se modernizado, e a nova realidade era a urbana e não mais a rural, mudanças que também são descritas em *Ressurreição* (1871/2005), como a descrição das ruas e dos bairros do Rio de Janeiro. Era a elite cidadina e cosmopolita que ditava as regras, todas nos moldes da burguesia europeia, o modelo da nova sociedade brasileira (MURICY, 1988). Nesse sentido,

a corte, as embaixadas estrangeiras, o comércio marítimo, as escalas contínuas de viajantes que cruzavam o Atlântico Sul, a chegada de profissionais europeus, engendram no Rio de Janeiro um mercado de hábitos de consumo relativamente europeizados (ALENCASTRO, 1997, p. 35).

De acordo com Muricy (1988, p. 53), do mesmo modo que “para introduzir-se junto à aristocracia era preciso aristocratizar-se, isto é, elevar o *modus vivendi* da família pela adoção dos costumes e dos valores europeus”, para tornar-se um cidadão no final do século XIX era necessário que homens e mulheres alcançassem sua individualização para serem aceitos naquela nova sociedade.

As posições sociais não eram mais estanques, não era mais o nascimento que determinava a posição social. Existia a possibilidade de ascender de classe pelo “esforço” próprio, pelo estudo e pelo trabalho, ideais do liberalismo. Nesse contexto, também havia lugar para a “esperteza” – caso do personagem Palha, de *Quincas Borba*³⁰, pois para ele “o caminho da ascensão é o golpe da fortuna, honesto ou ilícito” (FAORO, 2001, p. 32). No entanto, Faoro (2001) ressalta que a total destituição de bens impedia a ascensão social, pois era necessário o mínimo pecuniário para que houvesse a possibilidade de ascender de classe. Convivia com a nova sociedade burguesa a busca por titulações, patentes e cargos de honra como forma de legitimação dos indivíduos, de garantir a posição que estes deveriam ocupar na nova configuração da sociedade brasileira.

³⁰ Palha e Quincas Borba são personagens do romance *Quincas Borba*, de Machado de Assis, pertencente à fase realista do escritor carioca.

3.1.1 Machado, a crítica e Ressurreição

É nesse contexto de intensa mudança que Machado de Assis (1839-1908) inicia sua vida literária. O escritor carioca é classificado como pertencendo às fases Romântica e Realista da Literatura Brasileira, ou melhor, o livro *Memórias Póstumas de Brás Cubas*, didaticamente, é o marco do início do realismo no Brasil. Machado de Assis³¹ foi escritor, contista, cronista, jornalista e poeta, exerceu a crítica literária e teatro, mas foi, sobretudo,

um exaustivo observador e narrador do mundo real à sua volta. É o que sugere o registro, em seus textos, de uma variedade incontável de observações agudas e ácidas sobre os hábitos pessoais, sociais e políticos brasileiros – tanto os fortuitos quanto aqueles permanentes ou, ao menos, duradouros (LESSA, 2008, p. 80).

De acordo com Pereira (1988a), Machado de Assis, entre os escritores brasileiros, “é o único que pode sofrer o paralelo com os grandes vultos universais, o único que suporta o exame puramente crítico” (PEREIRA, 1988a, p. 19). Dessa forma, sendo Machado um dos críticos mais contundentes da sociedade, a escolha por sua obra é uma forma de tentar entender como a sociedade do final do século XIX estava organizada e quais eram seus valores, principalmente os ligados à masculinidade³².

Ressurreição (1871/2005), publicado em 1871, é o primeiro romance de Machado de Assis, livro da primeira fase desse escritor, escrito no período da decadência do Império no Brasil, sob a tutela de D. Pedro II. Esse romance pertence a uma periodização, feita pela crítica literária, denominada como a fase romântica de Machado de Assis, e não realista como foi acima mencionado. Essa primeira fase está presa aos padrões do Romantismo como movimento literário, ou seja, não é, ainda, o escritor realista em todo o seu potencial. Os escritos dessa fase, em especial *Ressurreição* (1871/2005), são considerados fracos e sem consistência de análise, enjoativos e abafados em seus enredos (BOSI et al, 1982). Lúcia Miguel Pereira vai mais longe ao afirmar que “esse livro foi talvez o único que [Machado de Assis] escreveu apenas porque era escritor, por dever do ofício, e não porque era um homem em contínua necessidade de desabafo” (PEREIRA, 1988b, p. 134).

³¹ O estudo não pretende se deter na biografia do escritor carioca, pois ele possui inúmeras. Uma das mais interessantes e mais completas é de Lúcia Miguel Pereira, *Machado de Assis: estudo crítico e biográfico*.

³² Apesar de ser incontestável a posição de grande escritor brasileiro, é preciso ressaltar que este estudo compreende a importância de Machado, mas não o considera incomparável, justamente por acreditar que é preciso dessacralizar o *status* que o escritor carioca ocupa nos estudos e, conseqüentemente, abrir novos horizontes de pesquisa.

A biógrafa crítica *Ressurreição* (1871/2005) por ser um livro romântico, o qual não expressava todo potencial crítico que Machado desenvolveria em outros livros, como *Memórias póstumas de Brás Cubas*. No entanto, esse potencial crítico aparece em *Ressurreição* (1871/2005) por meio da tensão entre o ideal do individualismo expressivista da tradição romântica – o indivíduo que se destaca na sociedade pelo nome de família, pela honra e outros valores relacionais – e o ideal do individualismo liberal da tradição iluminista, baseado na igualdade e na liberdade – em que o indivíduo se singulariza pelo esforço próprio e pelo trabalho. A tensão entre esses dois tipos de individualismo, na narrativa em questão, pende para o segundo tipo de individualismo, em ascensão e em vias de se concretizar a partir do final do século XIX³³. Sobre isso, o livro *Mitos do individualismo moderno*, de Ian Watt (1997), discute a dificuldade da individualização de personagens, tais como Fausto e Don Juan, pois a própria sociedade não estava preparada para aceitar sem problemas o individualismo moderno, uma vez que ainda se encontrava ligada aos valores e ideias tradicionais. Berman (1986) também analisa a dificuldade de individualização, por meio das contradições do homem moderno retratadas por autores como Goethe, Marx, Baudelaire, e descreve os paradoxos da vida moderna, principalmente os da vida burguesa, divididos entre os velhos e os novos padrões culturais.

Nesse sentido, a narrativa se afasta do expressivismo romântico à medida que Félix se aproxima da representação do indivíduo livre, desligado da sociedade, pois o personagem vive a tensão entre sua realização como homem espontâneo vs homem calculado, se tornando mais indivíduo que pessoa³⁴. Sendo assim, Félix está muito mais para o homem individualista que para a representação do homem cuja honra e valor é indissociável da família e dos grupos a que pertence, devido à incompatibilidade em se ajustar às amarras sociais.

Sob esses aspectos, *Ressurreição* (1871/2005) apresenta análises e perfis psicológicos mais problemáticos em comparação às obras de Alencar, por exemplo, e evidencia os elementos externos como força motivadora das ações dos personagens em contraposição e em conflito com os motivadores internos, como a personalidade. Desse modo, “**na primeira fase** havia já uma postura analítica, de fundo **realista**, com relativa liberdade de ‘transição dos costumes’, de sorte que, se o resultado estético comprometia, a **revelação** do social era mais orgânica do que no romance brasileiro da época” (BOSI et al 1982, p. 37, grifo do autor).

³³ A tese *Pessoa e trabalho: ética e saberes nas organizações industriais do Ocidente contemporâneo*, de Silva (1999) demonstra, por meio da constituição da pessoa moderna, que a crítica romântica ataca o Individualismo, justamente por ele pregar a emancipação do indivíduo perante as amarras sociais.

³⁴ Damatta (1985) em *Carnavais, malandros e heróis: para uma sociologia do dilema brasileiro*, apresenta a distinção entre indivíduo e pessoa, o que será tratado no Capítulo 4.

Ressurreição (1871/2005) é a narrativa da história de Félix, médico de trinta e seis anos, rico pela fortuna recebida de um parente distante. O romance é narrado em terceira pessoa, por um narrador perspicaz e sagaz na análise do sentimento de Félix e, em alguns momentos, há críticas indeléveis à sociedade burguesa oitocentista, tais como a valorização do médico, que será tratada no Capítulo 4. O enredo está centrado no espírito inconstante do médico e em sua instabilidade emocional no relacionamento com as mulheres. Primeiramente se relaciona com Cecília apenas por seis meses, e depois com Livia, por um ano. Félix se apaixona por Livia, viúva há dois anos e mãe de Luís. Entretanto, não sabe como agir diante desse sentimento, pois o ciúme e a desconfiança o atormentam. O relacionamento entre eles, primeiramente, é secreto, depois é aclamado por todos. Todavia, o relacionamento é rompido pela viúva, por não suportar as constantes desconfianças do médico. Félix termina o romance com a (in)certeza de que Livia o havia traído (Bentinho?³⁵), mas logo volta a sua vida rotineira, sem maiores rancores.

3.2 JOÃO GILBERTO NOLL E ACENOS E AFAGOS

Quase 150 anos separam o Brasil da época de Machado de Assis ao de João Gilberto Noll. O Brasil inicia o século XXI sob o mandato de Fernando Henrique Cardoso, FHC, reeleito em 1998, ainda no primeiro turno, em disputa com o último presidente brasileiro, Luiz Inácio Lula da Silva. A era de FHC enfatizou a abertura econômica, o que facilitou o comércio com outros países e a entrada do país no processo de globalização do mundo contemporâneo, sendo esta “caracterizada por um processo de interligação mundial” (SILVA, 2007, p. 27), principalmente no plano econômico, possibilitada pelos avanços tecnológicos que o mundo contemporâneo produziu. Nesse sentido, de acordo com Arruda e Piletti (2001), a globalização que se iniciou no século XX se consolidou no século XXI.

O século XXI, a era da globalização, está trazendo diversas mudanças, tanto no âmbito econômico quanto no social, como, por exemplo, a intensificação das relações comerciais entre os países, o que gerou a liberdade de investimento em vários lugares do mundo, exigindo formação mais específica do trabalhador, a participação mais efetiva de movimentos sociais: negros, mulheres, ativistas ambientalistas, homossexuais. Nesse contexto, o

³⁵ Bentinho, protagonista do romance *Dom casmurro*, de Machado de Assis, é atormentado por seus ciúmes por Capitu e a dúvida acerca da traição de sua amada com seu melhor amigo, Escobar.

casamento entre pessoas do mesmo sexo foi reconhecido, pioneiramente, na Holanda, em 2001, de acordo com a *Revista Veja* (jun. 2008).

Para o cientista político Hélio Jaguaribe (2000), houve grande expectativa no Brasil, com a entrada do século XXI, principalmente pelos avanços tecnológicos e de informática, como também pelas mudanças culturais e os

rumos que venha a seguir essa sociedade futura, não somente por causa do imprevisível impacto das inovações tecnológicas mas, principalmente, em função das profundas mudanças culturais que estão ocorrendo no âmbito de sociedades consumistas de massa, em detrimento de seus valores superiores (JAGUARIBE, 2000, s/p).

Os novos valores culturais, impregnados da cultura de massa, segundo esse autor, eram a prova de que uma nova era começava para o Brasil, de globalização intensa, principalmente, por meio das novas formas e mais rápidas maneiras de comunicação, como a *internet*. Segundo o historiador Eric Hobsbawn (1996, p. 24),

talvez a característica mais impressionante do fim do século XX seja a tensão entre esse processo de globalização cada vez mais acelerado e a incapacidade conjunta das instituições públicas e do comportamento coletivo dos seres humanos de se acomodarem a ele.

Complementando essa ideia de constante mudança social, Bauman (2001) apresenta o conceito de modernidade líquida, ou seja, “a modernidade ‘fluida’ é uma época do desengajamento, da fuga fácil e da perseguição do inútil” (BAUMAN, 2001, p. 140), em que as pessoas experimentam a sensação de liberdade e de opressão por não saber o que fazer com tal possibilidade de escolha. Dessa forma, tamanha liquidez e liberdade tornam a sociedade contemporânea cada vez mais instável e volúvel, o que também é vivenciado pelos indivíduos. Além disso, o indivíduo deve acompanhar esse movimento de fluidez, deve se adaptar a diferentes contextos e situações, ser multifuncional ou “líquido”.

É nesse estado de crescentes modificações no mundo contemporâneo que, neste ano, tomou posse a primeira presidente do país, Dilma Rousseff, consolidando a luta por igualdade entre os sexos. Há menos de 100 anos, uma mulher assumir o posto mais alto do comando político e executivo do país era inimaginável.

É tendo em vista o panorama deste novo século, “mundo efêmero e descentralizado da tecnologia, do consumismo e da indústria cultural” (EAGLETON, 1998, p. 1), que se toma a

literatura brasileira como parte indissociável da contemporaneidade e, portanto, tematizando problemas do mundo do qual fazemos parte, como será apresentado na próxima seção.

3.2.1 A literatura contemporânea brasileira

João Gilberto Noll inicia sua carreira como escritor, na década de 1970, com os contos *A invenção* e *Matriarcanjo*, na antologia *Roda de fogo: 12 gaúchos contam*, organizada por Carlos Jorge Appel, o que permite contextualizar sua obra na literatura contemporânea, mesmo porque, o escritor gaúcho continua publicando e sendo prestigiado pela crítica atual³⁶.

A literatura contemporânea continua a aspirar à originalidade, uma nova maneira de escrever e essa busca é uma constante por novas tendências, o que a leva, supostamente, à ruptura com tais modelos que a precederam, quando, na verdade, ainda tenta imitá-los (PAZ, 2006). Para Paz (2006, p. 135) “se os artistas contemporâneos aspiram a ser originais, únicos e novos, deveriam começar a colocar entre parênteses as ideias de originalidade, personalidade e novidade: são os lugares-comuns de nosso tempo”.

Não há uma definição unívoca sobre o que venha a ser literatura contemporânea, muito menos uma homogeneidade de estilos (COSTA PINTO, 2004), como bem exemplifica o livro *Teoria Literária: abordagens históricas e tendências contemporâneas*, de Bonnici e Zolin (2009), que apresenta diversas teorias sobre a literatura contemporânea, tais como o Pós-Modernismo, o Formalismo Russo e o *New Criticism*, Teorias Estruturalistas e Pós-Estruturalistas, Abordagem Estilística, Crítica Sociológica, Estética da Recepção e Crítica Feminista.

Segundo Farinaccio (2004, p. 155),

interpretar a produção romanesca contemporânea não é tarefa das mais fáceis. Compreendê-la pressupõe um esforço de desvendamento do momento histórico-cultural em que nós mesmos estamos inseridos; tentar ver “à distância”, isto é, criticamente, o que nos é muito próximo, eis a grande dificuldade. Mas também aí, deve-se dizer, reside o grande fascínio desta aventura pioneira: não temos a tradição crítica com que nos orientar, então ajudamos a iniciar a própria tradição e fixamos assim, talvez, algumas

³⁶ Em 1970, João Gilberto Noll já era um escritor diferenciado dos demais de sua época, uma vez que se encontrava desraizado do Regionalismo gaúcho e, também, por se desvincular dos romances preocupados com os problemas sociais. Os romances de João Gilberto Noll primam, desde a década de 1970, pelos problemas individuais de seus personagens.

vias pertinentes para que os intérpretes que virão após nossa intervenção possam adentrar, mais seguramente, o mesmo material.

A literatura brasileira contemporânea está centrada no solo urbano, vinculada aos problemas da sociedade complexa, que também são temas para narrativas como as de Noll³⁷, apresentando problemas da contemporaneidade, como o desemprego, a violência e a prostituição. Desse modo, existe a

percepção geral do isolamento e da vulnerabilidade do sujeito moderno (e urbano). Essa percepção pode tomar a forma dos fragmentos de Dalton Trevisan, das narrativas "instáveis" de Bernardo Carvalho e Chico Buarque ou dos nomadismos de João Gilberto Noll. Em todos eles, permanece como experiência de fundo o desenraizamento proporcionado pela cidade (COSTA PINTO, 2004, p. 82).

Farinaccio (2004), ao estudar o romance contemporâneo de temática urbana, apresenta-o como possuidor de personagens desorientadas acerca do papel social que devem desempenhar, perdidas no emaranhado das cidades e do próprio pensamento, sentindo-se como estorvos, com rompantes de violência, depressivos e sem crenças (religiosas, no mundo, nos homens). Os personagens são descritos como “figuras que se movimentam mais ou menos a esmo num espaço social cujos fundamentos e normas de organização lhes escapam totalmente e sobre o qual, por conseguinte, não conseguem endereçar nenhum tipo de ação transformadora” (FARINACCIO, 2004, p. 214).

Quanto ao papel social da literatura contemporânea na sociedade, também não parece existir um consenso. O crítico literário Fábio Lucas (1982) considera a literatura contemporânea ligada à indústria cultural e que os temas são ditados pela força do mercado e do consumidor. A linguagem utilizada e os modismos dos temas nada mais são que a reprodução midiática e não se constituem como matéria estilística literária. Entretanto, o autor admite que autores como Rubem Fonseca, Autran Dourado e Ligya Fagundes Telles são exceções e que procuram instigar os leitores com seus textos. Para Farinaccio (2004, p. 127), “o que ocorre, antes, parece-nos ser um certo esvaziamento da função social do romance na cultura brasileira”. Essa afirmação acompanha a de Paz (2006), sobre como a literatura deixou de ser crítica, possível consequência da indústria cultural. Em uma direção que não chega a ser totalmente contrária, Avelar (1980) argumenta que a narrativa contemporânea, mesmo que

³⁷ Interessante estudo é *Narrativas do exílio: nação e homoerotismo em três obras comparadas*, de Nelson Eliezer Ferreira Júnior, que compara a obra nolliana a de Caio Fernando Abreu, também escritor contemporâneo, discutindo os aspectos de nação e homossexualidade e seus respectivos antagonismos.

esteja “baseada numa recusa das convenções da cultura de massas e uma posição de negação radical tem como resultado final o silêncio” (AVELAR, 1980, p. 167), não rompe com a ordem social.

Nesse sentido, o que se pode depreender desses estudos é que a literatura contemporânea,

em última análise, põe a nu pelo menos dois aspectos da experiência filosófica e social contemporânea: a) o reconhecimento da fragilidade ontológica dos seres humanos (a consciência, afinal, da inexistência de um fundamento último que explique e justifique a vida humana de uma vez por todas); b) a violência latente, quando não francamente explícita, das “sociedades do espetáculo”, que tendem a sufocar a delicada busca de sentidos relevantes para a experiência individual mediante o artifício de invenção de uma felicidade que não há, proposta cinicamente como “verdadeira” (FARINACCIO, 2004, p. 221).

Esse reconhecimento da fragilidade ontológica sempre existiu. A diferença é que nas sociedades contemporâneas há a tendência de ver a busca desses fundamentos com descrença, embora a busca pela felicidade tenda a se mostrar, sobretudo, nos meios de comunicação de massa, como o fim último da experiência.

3.2.2 Noll, a crítica e Acenos e afagos

João Gilberto Noll (1946) é gaúcho³⁸. Formado em Letras, trabalhou como jornalista, crítico literário (com algumas contribuições para jornais), revisor e contista. Foi professor em duas universidades internacionais, Berkeley (Estados Unidos) e King’s College (Inglaterra), e é autor de quinze livros, entre contos e romances. Recentemente publicou *Sou eu!* (2010), *O Nervo das noites* (2010) e *Anjo das ondas* (2010), voltados ao público infanto-juvenil.

Noll usa e abusa de um discurso livre em suas obras. Sua escrita é permeada por imagens que dão uma sensação de velocidade à narrativa, além dos poucos conectivos de ligação dentro do texto, o que permite a sensação de rapidez e fluidez na leitura. O deslocamento de espaço é tão rápido como a composição das imagens, quase que cinematográficas, o que proporciona à narrativa fluidez e leveza (FERNANDES, 2009).

³⁸ Dados biográficos pesquisados no *site* do autor: www.joaogilbertonoll.com.br

Noll apresenta uma linguagem literária permeada por imagens e cenas que, para leitores pudicos, podem chocar e enojar. Em *Acenos e afagos* (2008) ele leva a linguagem aos seus limites mais extremos, e “o incômodo produzido pelos textos de Noll – a impressão de que tudo está em fluxo, mas nada muda, já que a experiência nunca se converte em saber narrável” (AVELAR, 1980, p.173) é observável nesse último romance do escritor gaúcho. Aliás,

particularmente interessante em Noll vem a ser a perspicácia que existe na ordem da própria maneira de constituir uma narrativa: a fragmentariedade, a oscilação violenta dos níveis espaciais, o doce desgaste das várias histórias que são cruzadas, gerando impressão de relato inútil, a dificuldade de uma fixação moral dos personagens ou através deles. Pode-se dizer, desse modo, sobre o fenômeno textual de uma desintegração a partir de um tumultuar organizado, ou seja, integrando-se? Sobre um processo de diluição da construção ficcional, porém, densa, espessa, qual uma infinidade de/composição? (GOMES, 2007, p. 92).

Noll, que iniciou sua vida literária na década de 1970, distanciava-se dos autores de então por buscar uma narrativa centrada na “exploração da solidão do homem contemporâneo e pelo cotidiano e sua experiência da perda, em uma época em que algumas linhas do romance ocupavam-se de retratar a dinâmica da censura política do país” (SILVA, 2010, p. 12).

Gomes (2007) chama a atenção para a fragmentariedade narrativa da escrita nolliana, visto que se constitui como uma mescla de várias histórias que se cruzam, na construção de histórias em que o imediato presente é o saber narrável. De acordo com Santos (2005, p. 19),

narrador e personagem se fundem e confundem, a narrativa adquire um ritmo de acontecimento imediato, de coisas se passando diante do leitor. Isso é importantíssimo para um autor que busca constantemente técnicas narrativas que se aproximem do cinema.

O romance *Acenos e Afagos* (2008) se caracteriza como narrativa em amplo processo imediato de acontecimento, em que o tempo é mais um fator, e não mais o determinante linear e cronológico da narrativa. O romance tem um narrador-protagonista, João Imaculado, casado com Clara e pai de um filho adolescente. João Imaculado é massagista, mora em Porto Alegre e possui uma “fazendola” no interior do Rio Grande do Sul, onde passa algumas temporadas, principalmente, quando se sente desiludido com a vida. João Imaculado tem verdadeira paixão, que começa na infância e se prolonga até a morte, por seu amigo engenheiro. É “morto” após ser espancado por um garoto de programa e “ressuscitado” pelo engenheiro, que

o leva para o Mato Grosso do Sul. Lá, o personagem começa sua transmutação em mulher, física e psicologicamente: João Imaculado não consegue entender a que gênero pertence. Ao final, tanto ele quanto o engenheiro são “mortos e enterrados” por um segurança, e, somente aí, João Imaculado começa a viver.

Em entrevista a *Entrelinhas*, sobre *Acenos e afagos* (2008), Noll afirmou: “eu nunca escrevi com tanta paixão”. Porém, não é apenas a paixão que comanda o livro, ou melhor, esta é regida pela libido, a força motivadora que move os personagens em busca de um gozo final, de mais prazer, segundo o escritor gaúcho.

3.3 O NOME E A IDENTIDADE MASCULINA DE FÉLIX E JOÃO IMACULADO

Como o nome é um dos elementos de análise deste estudo, é importante apresentar algumas considerações preliminares sobre isso. Nesse sentido, não se pode deixar de destacar o ensaio de Mauss (2003) acerca da constituição da pessoa, a noção de “eu”, já que o nome é um elemento importante para compreender essa construção.

Para Mauss (2003), os nomes são um meio de individualização eficaz, visto que marcam não apenas a diferença entre uma pessoa e outra, mas as diferentes funções e posições que essas pessoas ocupam na sociedade. Tal processo de individualização, criada pela sociedade, tem o fim de proteger a pessoa como ser individual, não apenas social. É a necessidade de tornar as relações entre os indivíduos mais pessoais o motivo de o nome ser um dos elementos de análise desta dissertação. A importância conferida ao nome se justifica por ser uma forma de categorização dos indivíduos, de delimitação das funções que eles devem ocupar na hierarquia social e a negação do impessoal.

Bourdieu (1996), em *A ilusão biográfica*, discorre sobre a constituição da fantasia de individualização por meio da autoria (o que justifica o título do texto) e apresenta elementos importantes sobre o nome na sociedade ocidental moderna. O nome expressa a unificação do eu, a forma máxima de individualização. É ele que garante a continuidade da identidade social – junto com a identidade biológica – e resiste às variações de tempo e espaço, de lugar e de momento, garantindo o *status* do indivíduo em diferentes campos, no trabalho, nos grupos de amigos, na família. Portanto,

o nome próprio é o atestado visível da identidade de seu portador através dos tempos e dos espaços sociais, o fundamento da unidade de suas manifestações sucessivas e da possibilidade, socialmente reconhecida, de totalizar essas manifestações em registros oficiais (BOURDIEU, 1996, p.78).

Ao mesmo tempo em que individualiza, o nome próprio é coletivo, visto que traz à tona a responsabilidade de proteger o nome de seus antepassados, o que, segundo Bourdieu (1996, p.78), constitui-se como um dos “deveres mais sagrados em relação a si mesmo”. É o sustentáculo do estado civil – juntamente com nacionalidade, sexo, idade, situação civil – responsabilidades sociais que o Estado vincula aos indivíduos. O nome é “produto do rito de instituição inaugural que marca o acesso à existência social, ele é o verdadeiro objeto de todos os ritos de instituição ou de nomeação sucessivos pelos quais se constrói a identidade social” (BOURDIEU, 1996, p. 79). Ainda de acordo com o teórico francês, por meio da individualização adquirida pelo nome próprio, há a constituição da identidade social estável, o que assegura a identidade individual em todos os campos, independentemente do tempo e do lugar.

Dessa forma, o sentimento de “identidade individual acentua-se e difunde-se amplamente ao logo de todo o século XIX” (CORBIN, 1991, p. 219). Nesse sentido, sentir-se lisonjeado em um jornal, como relata esse autor, era uma forma de individualização, de sentir-se mais importante, de ser reconhecido em sua singularidade. Esse sentimento valorativo do “eu”, marcado por honrarias e a meritocracia, é comum nas elites desse século.

No fim do século XIX, muitos procuravam se destacar em colunas sociais, bailes, saraus, no setor político, e até mesmo por meio de discursos inflamados, e “para muitos humildes, [era] a nova emoção de ler seu nome em uma coluna de jornal” (CORBIN, 1991, p. 428) que os levará a suprema felicidade. A valorização do nome era prezada e buscada pelas elites brasileiras. De acordo com Freyre (1936/2000, p. 133), a “preferência pelo nome prestigioso de família como um nome que protegesse melhor o indivíduo incerto do seu futuro como indivíduo” era procurada e valorizada pela elite brasileira oitocentista.

Entretanto, nada disso parecia interessar a Félix. O nome enaltecido não era valorizado como o era por homens em sua posição, pois “Félix entrava então nos seus trinta e seis anos, idade em que muitos já são pais de família, e alguns homens de Estado. Aquele era apenas um rapaz vadio e desambicioso” (ASSIS, 1871/2005, p. 17). O protagonista de *Ressurreição* (1871/2005) não se importava em tornar o seu nome um objeto de inveja para os demais, principalmente para aqueles de sua classe social, tanto que não trabalhava nem tentava a carreira política.

Apesar de o narrador dar a Félix o título de Dr. Félix, também dado aos bacharéis em Direito, o personagem não o ostentava e muito menos exerceu a medicina como profissão para acompanhar e caracterizar seu nome. Aliás, é interessante notar que, ao longo do romance, não há a indicação de que Félix seria o nome ou o sobrenome do personagem. Isso indica o processo de individualização do personagem, visível pela omissão do nome familiar, que ele deveria carregar consigo e preservar como um atributo sagrado.

Mesmo desprovido de interesse pelo próprio nome, o Dr. Félix causa uma duplicidade de sentimentos, pois

Dona Matilde sentia um entusiasmo pelo médico, uma espécie de adoração; quanto à Raquel olhava para ele com uma espécie de adoração. Dos homens alguns o detestavam cordialmente, outros tinham-lhe medo, não raros inveja, e alguns pouco simpatia. Félix, entretanto, parecia indiferente aos sentimentos que inspirava, e deste modo obedecia a um sistema não menos que à disposição do seu espírito (ASSIS, 1871/2005, p. 51).

O protagonista de *Ressurreição* (1871/2005) não parecia se importar com a preservação de seu nome, principalmente por evitar o casamento e, conseqüentemente, a hereditariedade, uma vez que, por meio de um filho, seria dada a Félix a perpetuação de seu nome, individual e familiar. No entanto, Félix, apesar de aparentar não se preocupar com a continuidade de sua estirpe, tinha remorsos por não ser pai e transmitia seu carinho frustrado ao filho de Lívia:

Luís deitou a correr seguido pela mucama. A mãe acompanhou-o com os olhos até vê-lo desaparecer no terraço. Durante esta cena, Félix parecera completamente estranho a tudo o que o rodeava. Não ouvia as repreensões da moça, nem a tagarelice da criança; ouvia-se a si mesmo. Contemplava aquele quadro com deleitosa inveja, e sentia pungir-lhe um remorso [...]. Luís estava de pé diante dele, com os cotovelos fincados em seus joelhos. Félix brincava-lhe com os cabelos e ambos sorriam um para o outro [...]. Quando chegaram às laranjeiras acharam Félix na sala, conversando infantilmente com o filho de Lívia [...]. Félix aplicava todos os recursos da imaginação por satisfazer a curiosidade do menino (ASSIS, 1871/2005, p. 48; 89; 107).

Outro ponto interessante de Félix é a incapacidade de cumprir suas promessas, isto é, ele não possuía palavra, não estava vinculado ao código de honra do nome, que pressupunha que a palavra empregada deveria ser cumprida, com o fim de não manchar o nome, atributo sagrado coletivo, nem a sua posição de “homem de palavra”, o que evitaria manchar sua masculinidade. O personagem de *Ressurreição* (1871/2005) prometeu inúmeras vezes à Lívia

cumprir sua palavra e, em todas, descumpriu-a. A última promessa, que era manter o pedido de casamento, não foi cumprida, desfeita na véspera do acontecimento, o que fez Livia desistir de crer em suas palavras, também rompendo, definitivamente, com ele, mesmo acreditando em seu arrependimento, pois não era possível “crer em sua palavra de homem”.

Em relação ao nome Félix, pode-se notar como o nome influencia, de maneira contundente, a trajetória do personagem na trama de *Ressurreição* (1871/2005), porque enfeixa as relações da família com o espaço público. Aliás, a ironia machadiana aparece na escolha desse nome, pois Félix significa feliz, em latim (GUÉRIOS, 1981), o que revela a contradição vivida por um personagem extremamente inseguro, impedimento para sua felicidade com Livia. Félix é o oposto do sentimento de felicidade, embora no romance o personagem estivesse em busca da felicidade e não a atingiu devido as suas imensas dúvidas em relação a si próprio e às outras pessoas.

Enquanto para o personagem Félix a sexualidade é latente, e o nome é um elemento importante para a construção da identidade masculina em *Ressurreição* (1871/2005), em *Acenos e afagos* (2008) é a sexualidade que ocupa o primeiro plano, vivida como uma fonte de enorme tensão para o personagem João Imaculado. A identidade sexual de João Imaculado está vinculada a sua indefinição de identidade sexual: homossexual, bissexual ou heterossexual.

O personagem possui um nome masculino. No entanto, esse nome não parece exercer influência sobre a orientação sexual do personagem. Vale ressaltar que Imaculado significa sem manchas, sem pecado ou mácula, o extremo oposto do personagem, visto que este pratica a sodomia, pecado gravíssimo para a cultura cristã, basta lembrar Sodoma e Gomorra (BÍBLIA SAGRADA)³⁹. O nome, assim como para o romance *Ressurreição* (1871/2005), acentua a ironia⁴⁰ no romance de Noll, em sua escolha crítica para dar significado a João Imaculado. A escolha do nome do personagem é uma contraposição entre o sagrado e o profano, ao intertextualizar com o dogma da Imaculada Conceição de Nossa Senhora, a mãe de Jesus, conferido pelo Papa Pio IX, por meio da *Bula Ineffabilis Deus*⁴¹.

Embora a escolha do nome seja significativa na obra, para João Imaculado o nome próprio pouco importa para a sua identidade: “eu tinha o meu sobrenome alemão” (NOLL, 2008, p. 27). Contudo, não é especificado esse sobrenome na narrativa e o nome do

³⁹ A edição utilizada da Bíblia Sagrada é de 2001, da Editora Ave Maria.

⁴⁰ Nos dois romances seria possível analisar a ironia como elemento estruturante da narrativa literária, pois ambivalências e ambiguidades são características dos personagens principais desses romances. Para mais detalhes ver Hutcheon (2000) e Braith (1996).

⁴¹ O dogma da Imaculada Conceição concebe que Maria é livre do pecado original e durante toda sua vida, livre de qualquer outro pecado.

personagem aparece somente na página 154 – o romance tem 206 páginas. O nome não é relevante para a construção da personalidade de João Imaculado, tanto que na resenha *A ficção cíclica de João Gilberto Noll: uma leitura de Acenos e Afagos*, de Costa (2010), o nome do personagem passa despercebido pelo autor, que o menciona como narrador-anônimo. Os nomes para os personagens de Noll são irrelevantes na construção de suas identidades. Em *A fúria do corpo* (1997), o personagem principal também se chama João (Evangelista), mas o nome para este personagem não significava nada:

o meu nome não. Vivo nas ruas de um tempo onde dar o nome é fornecer suspeita. A quem? Não me queira ingênuo: o nome de ninguém não. Me chame como quiser, fui consagrado a João Evangelista, não que meu nome não seja João, absolutamente, não sei de quando nasci, nada, mas se quiser o meu nome busque na lembrança o que de mais instável lhe ocorrer. O meu nome de hoje poderá não me reconhecer amanhã. Não soldo portanto minha cara a um nome preciso. João Evangelista diz que as naves do Fim transportarão identidades mas o único corpo impregnado do Um (NOLL, 1997, p. 25).

É importante destacar que João é um nome bíblico, de vários santos da tradição católica, o preferido de Cristo. O nome João, de origem hebraica, significa cheio de graça e misericordioso (GUÉRIOS, 1981), o que lhe confere alto grau de significação no contexto religioso. No entanto, Noll, ao utilizar tal nome, reforça a perda de identidade do indivíduo contemporâneo, que não obstante possuir um nome de “peso” prima pelo anonimato, em ser mais um no meio da multidão. O nome João Imaculado se torna mais significativo na obra *Acenos e afagos* (2008), por perder a singularidade como indivíduo e inverter o significado religioso do nome.

De acordo com Sennet (1988), em *O declínio do homem público*, essa falta de singularidade, caracterizada pela omissão do nome, define a impessoalidade na vida pública e, parece ser mais evidente ao analisar João Imaculado de *Acenos e Afagos* (2008). Sennet (1988) analisa como as pessoas se desvinculam das amarras sociais, pensando em existir apenas em si mesmas, não se importando com o destino dos demais, como, por exemplo, com os membros da família. Como demonstrou Sennet (1998) e também Elias (1994), trata-se, antes de tudo, de uma percepção de si mesmo porque o que ocorre é que todos os indivíduos estão imersos nas interações sociais. Nesse sentido, pode-se compreender a tensão de João Imaculado em relação à sexualidade: apesar do desejo por outros homens, ele não consegue se desvencilhar dos laços que o prendem à mulher e ao filho. Ao mesmo tempo, ele não é um marido e um pai presente na família, ou melhor, ele não se sente parte integrante desse

núcleo: “não tenho feito nada a ninguém nem por mim próprio. Sou apenas mais um na sombra” (NOLL, 2008, p. 57).

Em entrevista concedida à Kelly de Souza, durante encontro realizado na Livraria Cultura, acerca de *Acenos e Afagos* (2008), Noll admite que o corpo é o tema central da narrativa, regida pela força da libido. A obra é a história de personagens que se entregam ao prazer carnal, última possibilidade de gozo entre eles e o mundo. O autor procura, por meio do corpo, estabelecer uma literatura metafísica⁴², em que o objetivo é (re)constituir a relação do homem com o mundo, “tratar da alma humana, fluída, flutuante” (NOLL, *Entrevista à Kelly de Souza, da Livraria Cultura*). É a sexualidade, por meio da libido, que comanda os fios narrativos de *Acenos e afagos* (2008). O personagem principal afirma que “a verdade é que, para mim, o sexo sobrepujava o resto” (NOLL, 2008, p. 74).

A sua crise de identidade de gênero se manifestou cedo também:

nos meus verdes anos, à hora do banho, eu subia na borda da banheira para me ver no espelho. Botava a mão fechado sobre o sexo, tapava-o para me imaginar mulher. Se eu consegui? Sim, desde que minha mão ficasse no seu posto, ajudando-me assim na súbita conversão (NOLL, 2008, p. 104).

A problematização da sexualidade e da noção de pecado da tradição bíblica cristã, da sociedade ocidental, expressa na narrativa de Noll, é parte do questionamento mais geral das identificações ligadas ao sexo e a própria identidade masculina. No entanto, demonstrando as representações sociais do indivíduo isolado, a construção paradoxal do personagem, vinculando a sexualidade heterossexual, homossexual e bissexual a sua identidade masculina pode ser caracterizada como, primeiramente, social, e depois pessoal. O personagem se sente pressionado pela sociedade para desempenhar seu papel de pai e marido, em um modelo tradicional de casamento e de sexualidade, no caso, a heterossexual.

Em seu íntimo, João Imaculado descreve-se como homossexual ou bissexual. Do ponto de vista de sua vida pública e familiar, da sua vida social, deveria se comportar como um homem casado e pai de um filho adolescente. Entretanto, criticava essa dupla moral em outros homens que “depois do serviço se metiam em buracos [...] todos de quepe, com suástica frontal sobre a aba [...] viam-se franguinhos adolescentes chupando o pau do coronel na farda de gala” (NOLL, 2008, p. 22). Mesmo assim, o personagem também não consegue se desvencilhar dessa dupla moral.

⁴² Para mais detalhes ver Entrevista com João Gilberto Noll, *Entrelinhas*, disponível em: <<http://www.youtube.com/watch?v=qg0iYD8holg&feature=related>>.

A sexualidade do personagem está relacionada a sua visão de mundo judaico-cristã. João Imaculado diante dessa visão se considera ateu: “foi pensando nisso, por aquele corredor gélido, que cheguei a meu quarto sem mais acreditar em Deus [...], enfim, eu era ateu” (NOLL, 2008, p. 15-16). Desse modo, sua sexualidade também é percebida por ele como uma prática que se contrapõe à visão judaico-cristã. Nessa concepção, a homossexualidade é considerada um pecado contra o corpo e contra Deus e não é tolerada como um estilo de masculinidade. Para os estudos de gênero o que existe são estilos de masculinidade, ou seja, masculinidades, como Carrara (2009) enfatizou. Pensar a homossexualidade como um estilo de masculinidade é uma tentativa de ruptura com a tradição judaico-cristã. Esse tema foi estudado por Fazoni (2008) em relação ao romance *A Fúria do corpo*, também de Noll, sobre a tensão entre o profano e o sagrado, entre o discurso grotesco e o polido.

A identidade masculina de João Imaculado está vinculada a sua orientação sexual, dividida entre a heterossexualidade, homossexualidade e bissexualidade. O personagem vive a tensão de uma masculinidade problemática (GIDDENS, 1993), condicionada, principalmente, por fatores de ordem social como, por exemplo, o medo de assumir sua masculinidade homossexual e de que isso afete aos seus próximos, principalmente seu filho adolescente. Em relação à Clara, sua esposa, o personagem não se sente ligado a ela por traços afetivos, mas pela atração física e, novamente, encontra-se submetido à imposição social das representações da heterossexualidade. Como diria Butler (2003), trata-se de uma heterossexualidade compulsória, em que João Imaculado assume um comportamento heterossexual obrigatoriamente, somente para cumprir mais um requisito social.

É justamente essa tensão que revela a crise de João Imaculado: aceitar sua homossexualidade, a heterossexualidade dominante ou continuar desempenhando o papel de esposo e pai de um filho adolescente, “se dependesse de mim, contudo, eu queria foder com todos os homens do mundo e com meia dúzia de mulheres” (NOLL, 2008, p. 18). A tensa hesitação de João Imaculado se encontra nas dúvidas quanto a sua própria identidade pessoal, ligada a sua orientação sexual, pois seu nome masculino não é suficiente para identificar a sua masculinidade. João Imaculado se sente ora homem ora mulher, e essa dúvida é transposta ao texto, à medida que, na narrativa, utiliza tanto o artigo feminino, quanto o artigo masculino para referir-se a si mesmo(a).

João Imaculado tem consciência de como a sexualidade é primordial para a sua personalidade, pois, segundo ele, “naquele tempo [início da adolescência], já desconfiava de que seria um adulto famélico por sexo [...] [precisava] sair do seminário, do armário” (NOLL, 2008, p. 12) e sabia também que identificações de masculinidade, de sexualidade e de gênero

eram, para ele, problemáticos, “aí vai esse homem que sou entrando no banheiro, e eu próprio o assimilo a cada dia mais um pouco, assim cedo da manhã sentado no vaso sanitário como sempre” (NOLL, 2008, p. 51).

Sua identidade masculina homossexual se constitui na relação com o engenheiro, pois João Imaculado estaria disposto a qualquer coisa para ser o par do baiano de pele morena: “ele poderia me querer como homem, como mulher, os dois ao mesmo tempo” (NOLL, p. 55-56). Desse modo, o personagem percebe o gênero e o sexo desvinculados, pois podia ser homem e mulher ao mesmo tempo ou parceiro ativo e passivo do engenheiro:

um homem que funcionaria como uma esposa dentro de casa. Um cara fodão à noite, varando o engenheiro até seu carço. [...] O engenheiro tinha uma mulher que à noite lhe introduziria um cacete doído de bom. Pois essa mulher era eu. Precisava me acostumar com a situação. [...] E isso que eu me considerava um homem razoavelmente viril. Meu registro de baixo. Alguma malhação. Músculos para o gasto, pêlo na perna. Quem manda eu me apaixonar por esse homem desde sempre (NOLL, 2008, p. 95).

Entretanto, apesar de sentir desejos sexuais por outros homens, sobretudo pelo engenheiro, João Imaculado se recusa a assumir um corpo feminino, o que o atormenta, pois não sabe como reagir às diversas transformações pelas quais seu corpo passa, como o surgimento de seios e a formação da genitália feminina no lugar da masculina. Mesmo separando sexo de gênero, o que se evidencia é a reprodução do modelo heterossexual de relacionamentos (BUTLER, 2003; BÉNJIN, 1985), em que o homem é o sexo dominador, principalmente na relação sexual. João Imaculado, apesar de fazer tudo pelo engenheiro, sente-se incomodado em “ser a mulher do engenheiro”, tendo em vista que tenta assumir uma posição “ativa” na relação com o engenheiro. Uma explicação para isso é apresentada por Bozon (2004), que analisou em *Sociologia da sexualidade* a questão da “passividade” e “atividade”, pois o que admite a postura “ativa” conserva a masculinidade heterossexual, enquanto a “passividade” representa a homossexualidade. Para João Imaculado era dolorosa a sensação de perda de seu órgão genital masculino, a prova de sua virilidade: “pensei, sim, a respeito do momento, pensei que o engenheiro estaria com o órgão genital agora em condições, enquanto eu, eu ficara sem cacete” (NOLL, 2008, p. 145).

Mais uma vez, o que se destaca é sua posição omissa, quando se sente esposa do engenheiro, deixando que este, o “homem”, comande a relação. Também deixa o espaço privado para a mulher que, na figura da esposa, se mantém em casa, dedicando-se aos

afazeres domésticos, como mostrou Bourdieu (1999), e na atividade sexual desempenha o papel “passivo”, deixando que o engenheiro comandasse o rumo da relação:

ai relaxei debaixo dele e disse baixinho, seja o que a infâmia quiser, e então me dei por resignado. Abri as pernas como uma mulher, cruzei os pés na área lombar dele, e comecei a estudar o que eu realmente sentia com suas investidas [...] Ao mesmo tempo eu tinha a sensação de estar já formando um hímen a partir de uma base genital ainda incipiente. Esse hímen duraria até o primeiro cacete que me comesse (NOLL, 2008, p. 143).

A tensão de João Imaculado se torna extrema quando se inicia, não se sabe como nem por que, a transmutação de seu corpo masculino em feminino, inclusive de sua genitália

eu precisava aprender a empunhar uma arma. Os homens da Polícia Federal deveriam estar apertando o cerco. Mas como para pegar em armas se fazia necessário estar com o meu sexo concluído, estabelecido e confirmado de uma vez por todas. Como poderia um ser de sexo inconcluso usar a arma com lógica? Afinal, o cara de sexo impreciso tende a ser confuso, inoperante, com uma rarefação mental digna de sua indeterminação genital (NOLL, 2008, p. 197).

João Imaculado vive uma crise de identidade, pois “ali, eu às vezes era mais mulher que muitas outras. De repente poderia acordar me sentido mais homem que nunca [...]. Temia que minha vida pudesse desandar. Ia me constituindo em uma mulher no conteúdo de um homem” (NOLL, 2008, p 100; 108). É justamente nesse ponto a tensão do personagem: não conseguir se desvencilhar da divisão binária de gêneros (homem e mulher), conquanto saiba da possibilidade de outras opções, como a bissexualidade ou a homossexualidade.

De acordo com Tarnovski (2004, p. 398), “‘assumir a homossexualidade’ consiste em, antes de tudo, assumir para si um processo de resolução dos conflitos internos também descritos como ‘aceitação’”. Assim, para João Imaculado, a forma de assumir sua masculinidade seria por meio da homossexualidade, com a qual ele não sabe como agir. O protagonista, em processo de transmutação de gênero, ainda não consegue se identificar com nenhum deles: “me perguntava se queria de fato me converter ao outro sexo [...]. Mas não me sentia ainda preparada para ser fêmea de vez [...] Já podia passar como mulher em qualquer triagem de gênero” (NOLL, 2008, p. 110; 155).

Desse modo, a masculinidade e suas relações com a sexualidade estão vinculadas tanto na construção da identidade masculina homossexual de João Imaculado quanto na construção de sua identidade masculina heterossexual, constituindo-se como um embate que o protagonista anseia por resolver, mas não se sente capaz. Ao final, ele não se sente

pertencente a nenhuma identidade claramente definida e, talvez, por isso, somente depois de morto, ele comece a viver.

Nesse sentido, o capítulo seguinte, para dar continuidade à análise da masculinidade/sexualidade/gênero, deter-se-á nas relações sociais estabelecidas por Félix e João Imaculado como forma de constituição da identidade masculina, partindo do pressuposto de que os indivíduos são seres relacionais. Para Félix, os eixos de análise incidirão sobre o casamento, a família e a profissão; para João Imaculado serão o casamento, a família e a vida pública. Para tanto, primeiramente, pretende-se realizar uma breve discussão sobre a relação indivíduo e sociedade, e depois a análise dos personagens.

4 MASCULINIDADE/SEXUALIDADE/GÊNERO NAS INTERAÇÕES COTIDIANAS

Assim não era possível atingir toda a verdade,
 porque a meia pessoa que entrava
 só trazia o perfil de meia verdade.
 E sua segunda metade
 voltava igualmente com meio perfil.
 E os meios perfis não coincidiam

(Carlos Drummond de Andrade)

O homem é um ser relacional, que vive em uma comunidade. Desse modo, pretende-se analisar como masculinidade/sexualidade/gênero estão apresentados nos personagens Félix e João Imaculado, por meio das relações sociais estabelecidas por esses personagens nas tramas das narrativas de *Ressurreição* (1871/2005) e *Acenos e afagos* (2008).

Primeiramente, faz-se necessária uma introdução acerca do que se entende por individualismo neste estudo, pois se torna importante à medida que fornece subsídios para analisar as relações estabelecidas por Félix e João Imaculado na sociedade em que cada um deles estavam situados (final do século XIX e início do século XXI, respectivamente). O conceito de individualismo como ideologia foi cunhado por Dumont (1985), a fim de distinguir a sociedade holista, diretamente ligada à Igreja dos primeiros tempos (cristianismo primitivo), dos indivíduos “fora-do-mundo” ou “renunciantes”, isto é, que se sobrepunham a essa ordem, renunciando a ela, tendo como objetivo a independência e a autonomia perante essa sociedade. Para Dumont (1985), houve a transmutação do indivíduo-fora-do-mundo, própria do renunciante, antes fora do mundo, para o individualismo moderno, o indivíduo-no-mundo, imerso nas relações cotidianas, mas se vendo como destacado e separado delas, sendo possuidor de direitos e deveres. Por meio de um longo processo histórico, houve um acréscimo de elementos extramundanos aos mundanos, do renunciante ao indivíduo moderno. Nesse caso, os indivíduos seriam “homens que se bastam a si mesmos enquanto feitos à imagem de Deus e depositários da razão” (DUMONT, 1985, p. 87).

Todavia, foi Durkheim que instituiu a categoria do indivíduo e desenvolveu esse conceito em todo o potencial que conhecemos hoje. Durkheim (1999), em seu livro *Da divisão do trabalho social*, estuda como a especialização cada vez maior tem como resultado

o processo de individualização da pessoa, que é resultado da solidariedade social própria à divisão do trabalho das sociedades modernas.

De acordo com ele, o indivíduo é unido por laços de sobrevivência aos seus semelhantes, tornando-se ser social por esses laços resultantes das funções dentro da coletividade a qual pertence. Essa função de especialização colabora para tornar a sociedade um todo coeso, pois cada um saberá como deve agir para o bem de sua coletividade e a divisão do trabalho também ajudará no desenvolvimento da personalidade individual. Dessa forma, embora mais preocupado com a constituição da sociedade, da coletividade, visto que “a vida coletiva não nasceu da vida individual, mas ao contrário, foi a segunda que nasceu da primeira” (DURKHEIM, 1999, p. 279), o sociólogo francês apresenta as condições sociais sobre a constituição do indivíduo, como ser social.

Como o conceito individualismo continua em pauta na sociedade contemporânea, Elias (1994), sociólogo contemporâneo, analisa a conflituosa relação entre indivíduo e sociedade, como ela ocorre e suas implicações sobre o ser individual. Elias (1999) propõe que todo ser individual esteja ligado por laços invisíveis aos seus semelhantes, ao coletivo e, mesmo que não queira, não possui artifícios para fugir disso, pois

todo indivíduo nasce num grupo de pessoas que já existiam antes dele. E não é só: todo indivíduo constitui-se de tal maneira, por natureza, que precisa de outras pessoas que existam antes dele para poder crescer. Uma das condições fundamentais da existência humana é a presença simultânea de diversas pessoas inter-relacionadas (ELIAS, 1994, p. 26-27).

Por conseguinte, pode-se notar que não há como fugir da sociedade para alcançar a individualidade, pois todo ser humano necessita de tais laços coletivos para se constituir como tal. Somente no social é que ele se constrói como indivíduo, igual a todos os outros. Ao mesmo tempo, o indivíduo é único e singular. Nesse sentido, são esses seres individuais, únicos e singulares, cada qual com sua especificidade, constituídos pela sociedade. Sociedade e indivíduo só têm razão de ser em função um do outro. Portanto, “toda a sociedade humana consiste em indivíduos distintos e todo indivíduo humano só se humaniza ao aprender agir, falar e sentir no convívio com os outros” (ELIAS, 1994, p.67).

Dumont (1985), para se referir ao indivíduo, distingue indivíduo ser empírico e indivíduo ser moral. O autor identifica o ser empírico como aquele que vemos todos os dias, com desejos, ambições, que pensa, o ser humano *in natura*. Por outro lado, o ser moral é o ser não social, independente, autônomo, desvinculado dos laços sociais, num alto grau de individualização. Desse modo, teríamos nas definições desse autor, a seguinte categorização:

(1) o sujeito *empírico* da palavra, do pensamento, da vontade, amostra indivisível da espécie humana, tal como o observador encontra em todas as sociedades

(2) o *ser moral*, independente, autônomo e, assim (essencialmente), não social, tal como se encontra, sobretudo, em nossa ideologia moderna do homem e da sociedade (DUMONT, 1985, p. 75, grifos do autor).

O indivíduo se encontra dividido entre buscar incessantemente sua individualização ou o agrupar-se em sociedade, como Damatta (1985) verifica estudando a posição do indivíduo na sociedade brasileira, para ele muito peculiar. Damatta (1985) apresenta um interessante exemplo da individualização ao analisar o personagem Augusto Matraga, em *Augusto Matraga e a hora da renúncia*, do conto de Guimarães Rosa. Segundo Damatta (1985), Nhô Augusto renuncia a ordem social ordenada pela vingança, forma pela qual ele poderia retornar à sua posição dominante, para se tornar livre, para ser um renunciante, elevando sua individualização em relação aos demais personagens⁴³.

Desse modo, tanto Machado de Assis como João Gilberto Noll apresentam seus personagens imersos na sociedade, mas também se sentindo desligados em relação a ela, sempre em busca de seus lugares nas relações sociais, sem saber, exatamente, quais seriam, qual papel ou posição social deveriam ocupar. De acordo com Muricy (1988, p. 120), “a interioridade dos personagens de Machado de Assis consiste fundamentalmente no encontro com essa falta do *eu* unificador das experiências, com a fragmentação de suas individualidades na experiência moderna da vida urbana e da multidão”, e para Noll os personagens estão totalmente deslocados da sociedade, sempre em busca de algo que nem eles mesmos sabem do que se trata, caso de João Imaculado em busca da própria identidade sexual.

⁴³ Em *Carnavais, malandros e heróis: para uma sociologia do dilema brasileiro*, Damatta (1985), analisa o conto de Guimarães Rosa, *A hora e a vez de Augusto Matraga*, e por meio de Nhô Augusto, Damatta (1985) compreende a importância da individualização dada pelo nome: Augusto Esteves, Nhô Augusto e Matraga, cada qual representando a trajetória social do personagem na obra. Outra maneira de se singularizar encontrada por Matraga foi a renúncia à vingança, de recuperar mulher e filha, para salvar a vida de pai e filhos ameaçados por Joãozinho Bem-Bem, cangaceiro que Augusto Matraga admirava e matou para preservar a vida de pessoas que nem sequer conhecia.

4.2 AS INTERAÇÕES SOCIAIS: CASAMENTO, FAMÍLIA, PROFISSÃO E VIDA PÚBLICA

Para compreender como a relação masculinidade/sexualidade/gênero ocorre nas interações sociais é interessante destacar a importância da profissão e da relação entre casamento e família na construção do personagem Félix, e casamento e família e vida pública para João Imaculado. Masculinidade/sexualidade/gênero se evidenciam, além da escolha do nome e da identidade de gênero, na relação social que os personagens Félix e João Imaculado estabelecem com os demais personagens das obras *Ressurreição* (1871/2005) e *Acenos e afagos* (2008).

De acordo com Faoro (2001), os burgueses de Machado de Assis, dos quais Félix é um exemplo clássico, sentem-se inseguros, hesitantes, sem entender qual papel deveriam desempenhar na sociedade de que faziam parte. Devido às mudanças no *modus vivendi*, descritas no Capítulo 3, a sociedade brasileira teve que se adaptar ao modelo europeu de vida, e essas mudanças foram absorvidas com mais facilidade pelas mulheres do que pelos homens, pois

os homens acostumados ao regime paternalista tornaram-se mais mal-ajustados que as mulheres. Eles esconderam, na rotina burguesa ou na mais completa decadência, sua profunda incapacidade para enfrentar com sucesso os novos requisitos do comportamento, enquanto as mulheres se acomodavam com surpreendente rapidez às exigências da vida moderna (MURICY, 1988, p. 57).

Pode-se observar que mesmo antes das mudanças que Giddens (1993) analisou em *A transformação da intimidade: sexualidade, amor e erotismo nas sociedades modernas*, descritas no Capítulo 3, acerca das novas relações estabelecidas entre homens e mulheres, o rompimento havia se dado no final do século XIX, com a inadequação dos homens em relação aos novos costumes requeridos com a nova ordem burguesa.

Mesmo que os homens não tenham se acostumado com a ordem burguesa, a sociedade mudou e os valores também, ou seja, ser apenas um comerciante ou um senhor de terras renomado não se constituía mais como valor prestigiado, o que no patriarcalismo era valorizado. A sociedade brasileira do final do século XIX valorizava patentes, títulos, cargos de honra e diploma (FAORO, 2001). Todavia, o diploma que conferia uma profissão ao

indivíduo era apenas um ornamento, já que a profissão não deveria ser exercida, pois ainda persistiam na sociedade resquícios senhoriais (patriarcais), como Faoro (2001) observa:

há, é certo, dentro da composição burguesa, a sobrevivência de um estilo senhorial, a que repugna o contato do trabalho rotineiro, valorizando-se em ocupações mais altas, sobretudo na política. Tal classe, se é ela a ‘alta sociedade’, dita os padrões do século, dela se compõem as personagens principais da obra de Machado de Assis: Félix, Estácio, Jorge, Brás Cubas. Rubião, Aires (FAORO, 2001, p. 248).

De acordo com Philadelfio (2001, p. 15), “na época, o diploma era um título de distinção social por excelência e um capital cultural valioso, podendo-se com ele ingressar em qualquer profissão”, independentemente em qual área ele fosse adquirido. Entretanto,

a machadiana gente, embora formada, conduzindo-se como se achasse abaixo de si o trabalho [...] os heróis, se muitas vezes possuem diplomas, raramente deles se servem para ganhar a vida, preferindo passá-la ociosamente, como seres colocados acima das contingências econômicas (PEREIRA, 1994, p. 19- 20).

A titulação acadêmica era necessária para a demarcação do *status* social do indivíduo, mas exercê-la como uma forma de sustento não era visto com bons olhos pela sociedade. Todavia, a ociosidade também deveria ser evitada:

o homem abastado não devia aumentar seus bens, devia dedicar-se à coisa pública, para se poupar ao pecado da ociosidade. Félix (*Ressurreição*) sofre a censura da ociosidade [...] Não fazer nada é um pecado, pecado contra o Estado, para quem, fixado no estamento, deixa de empregar suas energias e sua mocidade (FAORO, 2001, p. 126).

Essa ociosidade também não era compatível com o ideal da vida burguesa. Como ressaltou Berman (1986), os burgueses deveriam sempre inovar, pois estavam sobre pressão, com o intuito de fazer prosperar seus negócios e acumular cada vez mais. Fazendo isso, eles também manteriam seu *status* na sociedade, impedindo-a de esquecê-los, pois “quem quer que deixe de mudar, de maneira ativa, tornar-se-á vítima passiva de mudanças draconicamente impostas por aqueles que dominam o mercado” (BERMAN, 1986, p. 93).

Essa pressão foi exercida principalmente sobre os homens. De acordo com Carrara (2009), a corrosão do conceito de masculinidade, do homem como sexo forte e dominador, entra em crise no final do século XIX. Entre os fatores causadores dessa crise se destaca o papel do Estado, que submete homens e mulheres, sendo o agente modulador da sociedade, e

o mercado de trabalho, cuja ordem é “você necessita ser alguém”, devendo se destacar dos demais, o que poderia ocorrer pela profissão escolhida, como é o caso do prestígio do médico na sociedade oitocentista.

A titulação acadêmica de Félix era a medicina. Embora possuísse o título, ele não exercia a profissão, pois “conhecera o trabalho no tempo em que precisava dele; mas desde que alcançou os meios de não pensar no dia seguinte entregou-se de corpo e alma à serenidade do repouso” (ASSIS, 1871/2005, p. 18). Aos trinta e seis anos de idade, vivia à custa de uma herança recebida, somente gozando o que sua posição social poderia oferecer de melhor: “ocupações elegantes e intelectuais que um homem na posição dele podia ter” (ASSIS, 1871/2005, p. 18). Contudo, o narrador adverte que nessa idade muitos eram pais de família ou homens de Estado, e Félix não era nada disso nem procurava outros meios para prover sua falta de ambição.

A profissão de médico tinha um alto grau de reconhecimento no Segundo Reinado, e os médicos começavam a ocupar um espaço cada vez maior dentro das famílias burguesas: “a figura do padre, tradicionalmente investido dessas funções, foi, aos poucos, sendo eclipsada pela presença do médico na vida da família urbana” (MURICY, 1988, p. 14). Ainda de acordo com essa autora, o médico era um participante ativo da vida social no fim do século XIX, o representante da modernização da sociedade, tanto política como socialmente, e muitos médicos se tornaram políticos ou os influenciavam. Gilberto Freyre (1936/2000), em *Sobrados e mucambos: decadência do patriarcado rural e desenvolvimento do urbano*, analisa como a figura do médico vai se sobrepondo a do padre, sendo que o primeiro se torna mais poderoso que o segundo. Trata-se do processo de secularização crescente da vida cultural no qual o saber científico é crescentemente valorizado frente à mentalidade religiosa e cristã.

Félix, assim como o Dr. Fausto e Don Juan, descritos por Watt (1997), vive processo de intensa individualização, pois rompe com dois padrões da época: conservava a ociosidade e não valorizava nem utilizava o título de médico em suas interações cotidianas, embora as pessoas de seu convívio, como Viana, gostassem de chamá-lo de Dr. Félix. O personagem de *Ressurreição* (1871/2005) enquadra-se, também, na análise das ambiguidades dos burgueses analisados por Berman (1986, p. 16), pois estes se lembram “do que é viver, material e espiritualmente, em um mundo que não chega a ser moderno por inteiro”.

Mesmo não exercendo sua profissão, Félix tem livre acesso às residências das pessoas de seu convívio social, sendo tratado como doutor por muitos, o que facilitou que ele desempenhasse papel ativo na salvação da vida de Raquel, jovem apaixonada pelo médico:

–Morro, não é?

–Não, disse Félix, **não há de morrer**, não deve morrer. Tem ainda vida larga, mas é preciso ânimo [...]

Dona Matilde tinha os seus [olhos] cravados em Félix, como se lhe quisesse ler no rosto a sentença [...] Félix começou opinando por uma modificação no tratamento até ali seguido, e declarou que não julgava todas as esperanças perdidas [...] Quinze dias depois, entrava Raquel em convalescença. No sentir dos pais, Félix era o salvador da filha. Fora ele quem lhes restituíra a esperança, e a realizara com seus bons conselhos e diligente desvelo (ASSIS, 1871/2005, p. 67, grifo meu).

É o discurso médico de Félix que dá validade ao novo tratamento, discurso científico, não mais religioso, determinando se era a hora ou não de Raquel morrer, constituindo-se como o salvador da filha do Coronel e Dona Matilde: “–Então ? Não está salva? disse ele [Félix] olhando alternadamente para as duas moças. –Foi o senhor que a salvou, disse o coronel chegando-se ao grupo” (ASSIS, 1871/2005, p. 75). Não foi a fé que salvou Raquel, mas a palavra de Félix, a força do discurso científico, que a impediu de morrer; foi o médico que determinou que ela viveria.

Félix não tinha família nem era casado, vivia apenas com um escravo, que lhe preparava as refeições. No romance não há menção à família de Félix, exceto do parente distante que lhe deixou a herança. O casamento era o agente modulador do organismo social (RIBEIRO, 2008, p. 5), principalmente pelo fator econômico, uma vez que representava a possibilidade de ascensão social, e, no final do século XIX, os homens libertinos (solteiros em sua maioria) não eram vistos com bons olhos. Complementando essa ideia, Muricy (1988) destaca que o casamento restituiria o indivíduo Félix à sociedade, seria a ordem saudável e esperada de um homem nas condições de Félix, enquanto o celibatário não era tolerado pela sociedade, exceto os padres.

De acordo com Giddens (1993), o casamento era uma norma social, um dever, cumprido a ferro e fogo, sendo um objetivo primário das mulheres, enquanto para os homens era o cumprimento de uma obrigação, pouco prazerosa. Assim, “o casamento era uma coisa convencional, uma parte da vida não particularmente compensadora, assim como ter-se um emprego que não se aprecia muito, mas suporta-se por dever” (GIDDENS, 1993, p. 17). No casamento o homem não poderia ser livre, muito embora houvesse o padrão duplo de moralidade, descrito por Freyre (1936/2000), que era tolerado na sociedade. A liberdade masculina só era alcançada se o homem permanecesse solteiro.

Em relação ao casamento, Foucault (1997) argumenta que a família burguesa foi a primeira a problematizar a sexualidade e a procurar maneiras de controlá-la. Primeiro foram as crianças e depois as mulheres a sofrerem repressão. Pelo controle que exerciam, os pais começaram a sentir prazer em vigiar e os filhos em transgredir as ordens, descobrindo o corpo e a sexualidade. Como o discurso médico imperava no final do século XIX, a relação entre pais e filhos passou a ser mediada por tal concepção, e era ela quem controlava as perversões sexuais dos filhos – crianças e jovens – e o aflorar de sua sexualidade. Outro meio eficaz de controle da sexualidade ocorria pelo casamento, como meio de realizar ligações proveitosas para as famílias e estabelecer ligações duradouras. Para Foucault (1997), haveria outras formas de relações sociais, que não precisariam estar conectadas ao casamento e à família, todavia, a sociedade havia instituído essas duas como formas aceitáveis e modelos. Dessa maneira, o casamento

tinha sido habitualmente fundamentado sobre uma série de razões; o encontro indispensável do macho e da fêmea para a procriação; a necessidade de prolongar essa conjunção numa ligação estável para assegurar a educação da progenitura; o conjunto de ajudas, comodidades e prazeres que a vida a dois, com seus serviços e suas obrigações, pode proporcionar; e, finalmente, a formação da família como o elemento de base para a cidade (FOUCAULT, 1997, p. 12).

Tendo em vista tais considerações, Félix mantém sua liberdade, mas não se encaixa na sociedade, pois rompe com uma norma moduladora – o casamento – que prevê punições, como a exclusão daqueles que a infringirem. O isolamento do protagonista de *Ressurreição* (1871/2005), no fim da obra, essencialmente infeliz, é uma prova das consequências de se rejeitar as normas sociais. Porém, como a liberdade do médico sobrepuja qualquer norma, ele “confessou ingenuamente a si próprio que o desenlace de seus amores, por mais que o mortificasse outrora, foi ainda assim a solução mais razoável” (ASSIS, 1871/2005, p. 131).

Segundo Muricy (1988, p. 70), “para o narrador, Félix não pode muito no que se refere a uma modificação do seu caráter. Só o casamento poderia transformar o peso de seus defeitos, frutos não de uma atitude voluntária mas de uma inclinação muito forte, de um ‘temperamento’”. Félix não volta à sociedade, não se deixa “ressuscitar” pelo amor de Lívia, que lhe restituiria a confiança nas pessoas, sendo que o caminho para essa restituição só seria dado pelo casamento. O maior motivo do desenlace infeliz do protagonista é não querer abandonar sua individualização e novamente se prender à sociedade e à própria vida de libertino que levava antes de conhecer Lívia, pois quando soube que ela o amava “Félix

aproveitou a situação e dispôs-se a tirar dela todo o proveito possível [...] Félix despediu-se de Lívia, não enlevado, não palpitante, mas disposto a uma aventura” (ASSIS, p. 44; 43).
 Todavia, ele se apaixonou pela viúva, o que o deixou irritado consigo mesmo, pois isso feria sua liberdade e sua individualidade:

um potro arisco e selvagem, quando a mão do homem lhe põe o freio pela primeira vez, não se irrita mais do que o nosso herói no dia em que sentiu violada a liberdade do seu coração. Cólera singular e insensata, mas amarga e sincera. Planeou desde logo uma separação violenta, que lhe desse tempo e armas para vencer-se a si próprio (ASSIS, 1871/2005, p. 55).

Como Félix era um homem que provocava reações adversas: paixão, admiração e repulsa, nem todos acreditaram que ele poderia abandonar a liberdade, que tanto valorizava:

falava-se, é verdade, no namoro; mas além de ser boato sem importância nem generalidade, alguns não atribuíram ao médico mais do que a intenção de um passatempo, ao passo que outros davam às relações entre ele e a viúva um caráter absolutamente íntimo, sem nenhuma aspiração à legalidade (ASSIS, 1871/2005, p. 104).

No entanto, o próprio Félix acreditava que o casamento seria capaz de reintroduzi-lo na ordem social,

o casamento me restituirá a confiança, pensava ele; quando estivermos juntos os dois, afastados da convivência e do contato de estranhos, a paz morará no meu coração; só então seremos felizes sem amargura ou remorso [...] o caminho melhor para isto era seguramente o da Igreja. Que obstáculo podia haver? Um e outro dependiam exclusivamente de si; o casamento era o desfecho lógico e sacramental daquele romance. Mas nem a viúva o insinuava, nem o médico o propunha, e nesta situação mal definida alguns dias correram de tranqüila felicidade [...] o casamento é justamente isso; acalma os afetos para os tornar duradouros (ASSIS, 1871/2005, p. 64; 57; 45).

Félix resistiu a inclinação ao casamento para continuar sua vida livre das amarras sociais, rompendo, na véspera do casamento, com o compromisso feito a Lívia. Meneses, amigo de Félix, atribuiu à atitude do médico uma forma de garantir a liberdade e não obedecer à paixão. Nesse sentido,

o que falta a *Félix*, o noivo indeciso de *Ressurreição*, é a energia necessária para constituir família e tornar-se membro prestante da sociedade. A análise – essa força dissolvente – não vem aplicada ao instituto do casamento, mas

às intermitências da vontade da personagem, que são lamentadas (SCHWARZ, 1982, p. 412).

Félix tinha um pensamento bem convicto de como um homem deveria agir caso se apaixonasse, como havia acontecido com Meneses: “-Só muito tarde te convencerás de que viver não é obedecer às paixões, mas aborrecê-las ou sufocá-las. Os maricas, como tu, choram; os homens, esses ou não sentem ou abafam o que sentem” (ASSIS, 1871/2005, p. 42). Essa afirmação corrobora a visão do homem como sexo forte – dada por Freyre (1933/2005; 1936/2000), Candido (1951) e Ruitenbeek (1969) –, como possuidor de um coração frio, dominado pela razão, sem emoção (NOLASCO, 1993, p. 79). Essa imagem permanece na contemporaneidade, a exemplo da música *Homem não chora*, do Frejat (2010), pois “homem não chora, nem por dor, nem por amor [...] todo mundo sabe que homem não chora [...] homem não chora, nem por ter nem por perder”.

Enquanto na constituição da masculinidade de Félix a profissão exerce influência em sua trajetória, o mesmo não ocorre com João Imaculado. O protagonista de *Acenos e afagos* (2008) é massagista, porém seu sustento vem de sua fazendola no interior do Rio Grande do Sul, e a consciência de sua posição na hierarquia social é pouco valorizada, diria até, derrotada: “ainda por cima, eu não soubera vencer no Brasil. Era um sofrível remediado” (NOLL, 2008, p. 28).

De acordo com Nolasco (1993, p. 56), existe uma articulação entre homem e trabalho, pois sem ele “um homem não pode ser considerado como tal”. O trabalho desempenha uma função importante na vida do homem, é um dos responsáveis pela articulação da vida pública com a privada, dando reconhecimento e aceitação social, atribuindo funções específicas para cada indivíduo. Dessa forma, o que se pode perceber é que nem Félix nem João Imaculado são personagens descritos pela referência ao trabalho como definidor de suas identidades sociais, pois, quando trabalham, o fazem como forma de cumprir um compromisso exigido pela sociedade.

Essa tensão descrita a respeito do trabalho, como definidor de identidades, mas ao mesmo tempo se impondo aos personagens, está presente em relação ao casamento. Como descreveu Bauman (2001), o casamento na sociedade contemporânea não é mais uno e indissociável. O padrão tradicional – até que a morte separe o casal – está “decididamente fora de moda e se tornou uma raridade: os parceiros não esperavam mais viver muito tempo juntos” (BAUMAN, 2001, p. 169). Surpreendente é a posição de João Imaculado em manter um casamento de fachada com Clara, somente para sustentar um padrão de família feliz e

estável aos olhos da sociedade. Aliás, Giddens (1993) explica tal atitude, principalmente ao fato de o casal possuir filhos e não querer que estes vivam em uma família “desestruturada”, como João Imaculado tinha medo que ocorresse com seu filho, se este descobrisse a orientação sexual do pai e a falsidade do casamento dos pais.

O casamento, por sua vez, para João Imaculado, não representa nada mais que uma formalidade exigida pela sociedade, uma maneira de não ser rejeitado por ela. Clara, para João Imaculado, era apenas alguém que participava de sua vida social e não despertava interesse sexual: “não tínhamos sexo entre nós há mais de cinco anos. Ela parecia estar bem desse jeito. Eu, sem dúvida, sim. Pelo menos não parecia se sentir vítima do desinteresse de um marido veado” (NOLL, 2008, p. 40). Aliás, para alívio da consciência de João Imaculado, apesar de Clara saber de sua homossexualidade, ela nunca o delatou e jamais insinuou que sabia, parecia até mesmo feliz: “minha mulher nunca tocou no assunto do meu arrebatamento com o peão em meio aos eucaliptos [...] desde o episódio meu com o peão entre os eucaliptos, minha mulher se pôs a cantar um pouco mais” (NOLL, 2008, p.40).

Segundo Bozon (2004), a ausência de relações sexuais entre os cônjuges é o início de uma crise conjugal, que pode culminar na separação, e

quer existam filhos, quer não, a inatividade sexual põe em perigo a estabilidade da construção conjugal. O fato de os casais não terem relações sexuais é aceito, desde que isso resulte de circunstâncias excepcionais – transitórias ou indesejadas –, não quando se trata de um arranjo permanente e voluntário. Mesmo para os casais mais idosos, inclusive quando têm problemas de saúde, supõe-se que continuem mantendo relações sexuais (BOZON, 2004, p. 50).

Na descrição de João Imaculado, a ausência de relações sexuais é um ato voluntário de sua parte e aceito por Clara, sem nenhum tipo de questionamento, nem relutância. Quando tenta reativar sua relação sexual com Clara, João Imaculado ainda luta com sua consciência homossexual:

pensei num agrado à pele dela ali ao lado da minha. Um afago. Só um aceno então. Não? Toquei trêmulo num seio sob o decote. Ela virou-se para a lateral que dava para mim. E eu beijei-a nos lábios. Nenhum dos dois demonstrava surpresa. Era como se voltássemos a foder no ritmo dos primeiros anos. Introduzi meu pau com suavidade, um jeito bem oposto ao que eu tinha me acostumado. Bombeando minha mulher ali naquela cama, eu me seria capaz de renunciar de vez a todas as demais verves da libido. Talvez pudéssemos fazer um novo filho, talvez a filha que nós dois sonhávamos em horas de franco enlace (NOLL, 2008, p. 46-47).

Esse momento de reconciliação, contudo, é isolado, porque o que prevalece é o sentimento de João Imaculado: pensar em seu filho adolescente e continuar casado com a mãe desse filho para dar estabilidade a uma família que, na verdade, já não existia mais, principalmente pela desestruturação do relacionamento do casal: “Dormíamos em camas separadas, se bem que no mesmo quarto. O dormir no mesmo quarto representava a construção de um quadro familiar sólido, diante do filho adolescente” (NOLL, 2008, p. 41). Aliás, João Imaculado se considerava “um bom pai, essa é a verdade, e transferiria a minha energia erógena para o trabalho de manter a família” (NOLL, 2008, p. 47).

Para João Imaculado assumir a homossexualidade, ou a bissexualidade, envolvia desarranjar um quadro familiar supostamente estável, que garantia segurança ao seu filho adolescente. De acordo com Nolasco (1993, p. 12), “os homens temem serem vistos como homossexuais pelas conseqüências que isso acarreta para seus projetos e conquistas” e João Imaculado temia a decepção de seu filho e os olhares da sociedade sobre sua vida íntima. Para João Imaculado, isso significaria a desconstrução da imagem de bom pai perante seu filho. Segundo Tarnovisk (2004, p. 398), os pais homossexuais “não querem que a vida social dos filhos seja prejudicada ao serem identificados como homossexuais”, o que se constitui no principal problema de João Imaculado e o impede de assumir sua orientação sexual.

Por outro lado, o acesso à paternidade se constitui como um elemento importante para a construção da masculinidade e

em vários contextos da sociedade brasileira, ela é valorizada como signo de virilidade, podendo inclusive atestar a passagem da juventude à vida adulta. Tornar-se pai permite transcender a posição de filho e torna legítimas as reivindicações por autonomia em relação à família de origem. De certa forma ‘completa’ o processo de aquisição da identidade de gênero masculina, mesmo que ela seja compreendida como uma construção permanente (TARNOVISK, 2004. p. 391).

João Imaculado se preocupa com a reação que o filho poderia ter e esperava um momento adequado para revelar ao seu filho sua identidade homossexual/bissexual “afinal, tinha um filho adolescente que eu não queria que soubesse antes da hora” (NOLL, 2004, p. 39). Entretanto, seu desejo homossexual, às vezes, é mais forte que sua consciência de ser pai de um adolescente: “ele é um homem, e eu devo tirar os olhos do seu corpo e lhe falar com voz de pai” (NOLL, 2008, p 57). Essa tensão de João Imaculado é tão grande em relação a sua identidade sexual, que ultrapassa as regras de parentesco, levando-o a ter envolvimento afetivo-sexual com seu próprio filho, durante seu delírio no Mato Grosso do Sul.

No entanto, não é apenas o medo da reação de seu filho que impede o protagonista de assumir sua orientação sexual. Segundo Butler (2003, p. 84), o “homossexual masculino chama a si a retaliação inconsciente, desejando e temendo as conseqüências da castração. O homossexual masculino não “conhece” sua homossexualidade”. Essa ideia do não conhecimento da própria identidade sexual está em *Acenos e afagos* (2008), uma vez que o protagonista ora se sente atraído ora sente repulsa por mulheres, tem desejos predominantemente homossexuais, até mesmo pelos pais dos amigos de seu filho adolescente. Um encontro fortuito de João Imaculado com um desses pais merece destaque por trazer à tona a força que esse desejo exerce sobre o protagonista:

paro na frente da casa do garoto. Meu filho bate palmas no portão. O cachorro late com fúria. Abrem a porta. É um homem mais ou menos da minha idade. Nos olhamos e, parece que aconteceu ao mesmo tempo para os dois, nos reconhecemos (NOLL, 2008, p. 43).

A incapacidade de escolher entre a atração e a repulsão redundando na incapacidade de agir impedindo-os de realizarem o desejo que sentiam um pelo outro, além de terem de manter a postura heterossexual perante seus filhos. Outro fato interessante que se desprende do encontro de João Imaculado com seu “amigo” é a força do instinto sexual que ambos possuíam: “éramos amigos de data juvenis. Amigos ou amantes? [...] Na época estudantil éramos dois animais, dois cães que só pensavam em trepar e sempre, sempre mais ainda e ainda mais, até deitarmos na cama para adormecer e logo despertar recomeçando a luta corporal” (NOLL, 2008, p. 43). Esse desejo incontrollável por sexo é o que domina João Imaculado, sendo que ele se torna escravo do próprio desejo ao se envolver com diferentes homens, sempre em busca da satisfação da libido.

O jogo entre declarar sua posição homossexual ou manter a autonomia heterossexual ratifica a “negação da existência pública de homossexuais” (BOURDIEU, 1999, p. 140), uma forma de repressão, de violência simbólica, imposta para que os homens continuem a representar seu papel social, que foi estabelecido *a priori* por sua sociedade, pois na visão tradicionalista da sociedade ocidental a homossexualidade encarna “o princípio do mal. Sob esta ótica será compreendida socialmente, e a partir dela serão definidas não só as estratégias de “cura”, como também de punição” (NOLASCO, 1993, p. 119).

João Imaculado ainda possui alguma vantagem sobre outros homens que ainda não tiveram seu *coming out* (sair do armário), pois tem possibilidade financeira de manter sua

vida dúbia, sem levantar suspeitas em sua vida pública. De acordo com Pollak (1985, p. 61; 62)

raros são os que conseguem se libertar da socialização a que foram submetidos na infância, socialização exclusivamente orientada para uma vida heterossexual: de onde os complexos de culpa e de ódio de si mesmo [...] Embora o caráter coletivo do destino homossexual atenua a segregação social, a origem e o fato de pertencer a uma determinada classe influenciam na facilidade com que o indivíduo consegue se integrar ao meio e levar uma vida dupla.

Judith Butler (2003), em sua teoria da performatividade de gênero, alerta justamente para a ocorrência dessa socialização do comportamento modelador de corpos, que simplesmente se comportam, quase que mecanicamente, exercendo atividades sexuais ou práticas de gênero, que não são suas escolhas, mas a imposição da noção dominante sobre tais práticas. João Imaculado sente essa imposição de conduta nas primeiras páginas do romance, quando ele e seu amigo engenheiro, ambos crianças, rolam pelo chão do consultório médico, “crianças, trabalhávamos no avesso, para que as verdadeiras intenções não fossem nem sequer sugeridas” (NOLL, 2008, p. 7), e os dois acabam se rendendo ao desejo. Entretanto, estavam cientes do preconceito e de qual comportamento era considerado o correto: “juramos não contar essa tarde a ninguém” (NOLL, 2008, p. 11).

O protagonista de *Acenos e afagos* (2008) está ciente de que a postura de gênero dominante, que se impõe, é a heterossexual, considerada por Butler (2003) compulsória. Porém, seu desejo era o homossexual. Ter um corpo feminino parecia ser uma forma de manter sua atração por homens, como quando se sente atraído pelo homem do açougue, no Mato Grosso do Sul, enquanto seu corpo já se transmutava em mulher. A partir do início dessa transmutação sexual é que a vida pública do personagem se encontra ameaçada pela desconfiança pública

nesses momentos de dúvida popular, digamos, eu olhava para baixo como quem procurasse alguma coisa perdida. Uma parte de mim gostava de ser vista como mulher, de ganhar olhares de desejo que só um homem pode empreender diante de uma fêmea. Mas muito do meu desejo gostava mesmo era de ser cobiçado por outro macho (NOLL, 2008, p. 105).

A performatividade de gênero pode ser vista nessa descrição sobre o corpo do personagem, pois João Imaculado a vê como algo que o atinge, mas não somente a ele, atinge a todos os indivíduos que assumem um gênero, como uma imposição, contrária aos desejos de

cada um. O protagonista critica a vida dúbia dessas pessoas, mas não percebe que age da mesma maneira.

‘Entendido’ poderia designar também aqueles que na claridade do dia eram vistos como machos integrais, noivos até, acima de qualquer suspeita. Mas nas horas submersas lá iam provar do pote ansiado. Todos ali éramos ‘entendidos’, amantes e peritos do próprio corpo (NOLL, 2008, p. 22-23).

Tanto Félix como João Imaculado se singularizam pelas tensões vividas em torno da ideia da masculinidade em diferentes contextos e situações de não aceitação dos moldes impostos pela sociedade, tornando-se mais individualizados e, por isso, na maioria, das vezes, não são bem entendidos ou acolhidos pela sociedade. Se fosse para classificá-los na escala de heróis de Lukacs (1965) seriam heróis problemáticos ou demoníacos, que buscam no mundo e dentro de si mesmos uma maneira de se conhecerem, de se elevarem acima do que é “puramente humano (instintos, massa)” (LUKACS, 1965 p. 46). Quando esses personagens (Félix e João Imaculado) se sujeitam é, simplesmente, para alcançarem o maior grau de conhecimento de si mesmos e da relação estabelecida com a sociedade em busca de reconhecimento.

4.3 O MITO DA FÊNIX E O NASCIMENTO DO ANDRÓGINO

Uma das formas de singularização dos personagens de *Ressurreição* (1871/2005) e *Acenos e afagos* (2008) é a morte⁴⁴ simbólica, vivida como um rito de passagem de um modo de vida para outro. Para Félix, trata-se da reconquista da vida pelo amor de Lívia, enquanto para João Imaculado trata-se do início de uma nova vida, escolhida por ele.

Durand (1997), em *As estruturas antropológicas do imaginário: introdução à arquetipologia geral*, refletiu sobre a importância da morte para a cultura ocidental, visto que ela é a única certeza da própria vida. A morte ainda se constitui como um mistério, além da capacidade de compreensão do humano. A morte é extremamente valorizada pelos poetas, na mesma medida que o amor e o crepúsculo. A aura de mistério e do renascer torna a morte “agradável acordar do mau sonho que a vida aqui em baixo seria” (DURAND, 1997, p. 239).

⁴⁴ A morte aparece neste trabalho como elemento de análise coadjuvante, justamente por representar um ritual de passagem dos personagens Félix e João Imaculado, dessa forma, ela não será explorada em todos os seus vieses e possibilidades de análise.

A crença de que após a morte seria melhor é o que a torna fascinante e provoca medo, pois é o desconhecido.

Na sociedade brasileira, a morte “é concebida como uma passagem de um mundo a outro, numa metáfora de *subida e descida*” e ainda “a morte significa o não-ser e o nada” (DAMATTA, p. 141, 1997). Não sendo nada, também pode ser tudo. Afinal, é a única certeza que rege a vida, em outras palavras, é ela que organiza a vida das pessoas. Damatta (1985), em *Augusto Matraga e hora da renúncia*, apresenta a morte simbólica de Nhô Augusto para o nascimento de Matraga, que não é nada. Dessa maneira, a morte se constitui como um ritual de passagem de um estado a outro, na maioria das vezes, de um pior para um melhor. É a esperança da ressurreição ou da vida eterna no céu, que consola os cristãos da perda de um ente querido.

Victor Turner (1974), em *O processo ritual: estrutura e anti-estrutura*, discute como a morte é concebida pelos *ndembos*, povo da África Central. A morte se constitui como um ritual de passagem: da vida ou morte para a vida, que é dada pela própria morte, ou seja, a vida verdadeira. Assim como os cristãos acreditam que após a morte haverá a vida eterna, crença baseada na ressurreição de Cristo, os *ndembos* creem que a verdadeira vida só começa após a morte. Em outras palavras, é a morte que traz a vida.

Segundo Turner (1974, p. 115-116) os ritos de passagem são “ritos que acompanham toda mudança de lugar, estado, posição social, de idade”, como é o caso da morte. Os ritos de passagem se caracterizam por três fases: primeiramente, o afastamento do indivíduo da sociedade; a segunda fase, pelas características dúbias assumidas pelo indivíduo dividido entre uma fase e outra da sua vida, entre o passado e o futuro; na terceira fase ocorre a agregação ou reincorporação do indivíduo ao grupo, retomando a estabilidade, adquirindo direitos e deveres e espera-se dele que se “comporte de acordo com certas normas costumeiras e padrões éticos, que vinculam os incumbidos de uma posição social, num sistema de tais posições” (TURNER, 1974, p. 116).

Tanto Félix como João Imaculado passam pela morte simbólica como um ritual de passagem, marcado por essas três fases descritas por Turner (1974). Félix era um homem de posição social respeitável (médico e possuidor de bens), mas encontrava-se afastado da sociedade, pela extrema dificuldade em confiar nas pessoas e pelo espírito volúvel e inconstante. Porém, após conhecer Lívia, atribui a ela o fato de ter ‘ressuscitado’ para uma nova vida: “é certo que me ressuscitaste, continuou o médico; e se o futuro me guarda ainda alguns dias de felicidade sem mescla, a ti só os deverei, minha boa Lívia; tu só haverás feito o milagre [...] enfim, ressurgira, um poema de inefáveis venturas” (ASSIS, 1871/2005, p. 73;

108). A partir daí Félix passou a acreditar que poderia ser feliz. Contudo, as dúvidas ainda permaneciam latentes em seu espírito, dividindo-o entre o passado de desconfiança e o futuro de possíveis alegrias com Lívia. A terceira fase, que Turner (1974) descreve como sendo a de agregação ou de volta à sociedade, não acontece com Félix como uma renovação da vida, mas como uma volta à vida de antes. Ele prefere continuar preso ao passado, não consegue se desvencilhar de suas inseguranças nem se tornar uma pessoa digna de confiança. Félix renuncia à felicidade por uma carta anônima – na verdade, a carta foi escrita por Luís Batista, que possuía interesse em Lívia, mas foi rejeitado por ela – cumprindo as etapas do rito de passagem de um estado de morte simbólica para um renascimento, mas para retornar a ela, visto que continua sua vida de sempre.

João Imaculado, por sua vez, também se encontrava distanciado da sociedade, pela incapacidade de definir a própria orientação sexual. Nesse sentido, não se sente parte nem dos grupos essencialmente homossexuais, nem dos heterossexuais, mesmo estando casado com Clara. O protagonista de *Acenos e afagos* (2008) foi ressuscitado pelo engenheiro:

ocês me ressuscitou!, bradei como se fosse um evangélico em surto de louvores. E me desceu uma sensação ridícula por estar diante de um homem que literalmente instituía o impossível. Veio-me a idéia de que o ato de me ressuscitar visava apenas à minha participação na fabulosa hecatombe final (NOLL, 2008, p. 83).

O engenheiro o leva para viver no Mato Grosso do Sul e João Imaculado se encontra dividido entre o passado heterossexual (bissexual também) e o futuro, em que se deve transformar na mulher do engenheiro. Se comparado ao impasse vivido por Félix, o de João Imaculado é ainda mais delicado, uma vez que ele, sendo a mulher do engenheiro, ainda é o responsável pelo papel de homem na relação sexual, por “penetrar o engenheiro”. Diferentemente de Félix, João Imaculado consegue retornar de uma nova forma à sociedade e, após sua morte, ele “começa a viver”:

eu não precisava ter medo. Que abrisse então a boca e os deixasse voar a céu aberto. Chovia. Dava para sentir a terra se impregnando de umidade, muito lentamente... Começava a estação das chuvas? Mas as chuvas já não vinham para me banhar. Então, de um golpe, me coagulei. E antes que não pudesse mais formular, percebi que agora, enfim..., eu começaria a viver... (NOLL, 2008, p. 206).

Dessa forma, mesmo que os dois personagens tenham passado por uma transformação, morrendo simbolicamente para um tipo de vida social, eles assumem posturas diferentes em

relação ao retorno à sociedade. Félix prefere continuar infeliz a confiar em Lívia. João Imaculado, ressuscitado, se

revelava um Lázaro, só que ninguém deveria saber. A vida que gritava agora iniciava a partir da ressurreição. Portanto, já não devia nada a ninguém que por mim passara antes de eu falecer. O engenheiro me chegou feito aparição no poço do tumulto e fez o que Deus nunca fizera por mim (NOLL, 2008, p. 88).

Aí João Imaculado começa a viver, desprendendo-se dos laços que o ligavam ao passado, exceto pela lembrança do filho adolescente, que ofusca parte de sua felicidade vivida ao lado do engenheiro.

4.3.1 A Fênix e o Andrógino

O mito da Fênix é um dos mais utilizados na literatura, de acordo com Miguet (1998), e está ligado à ideia do amor que ressurge, sendo mais utilizado para a reflexão sobre a vida. Fênix vem do grego *phoinix*, que significa pássaro maravilhoso, com asas enormes e da cor do sol. Além disso, era um pássaro adorado na Fenícia. O mito tem várias versões⁴⁵. A mais famosa é do pássaro que, estando velho, morre e é cremado, e depois renasce das próprias cinzas, para continuar a viver. Outro fato interessante é que a Fênix que ressurge é a mesma Fênix que morreu, tal qual acontece com Félix, pois ele não consegue se tornar um novo homem.

Tendo em vista tal mito, a designação do nome Félix parece ter uma ligação muito próxima com a Fênix. Se levarmos em conta que de Félix para Fênix há a troca de apenas uma letra e a tonicidade de outra, poderíamos dizer que Félix renasceu das cinzas de suas decepções para a felicidade, proporcionada por Lívia, pois o amor por ela o ressuscitou. O nome do romance insinua justamente isso, e Félix, no capítulo *Passado*, em que descreve todo o seu passado e as razões que o levaram a não confiar nas pessoas – uma decepção amorosa –, afirma que é de Lívia a responsabilidade pela ressurreição de seu coração, conseqüentemente, de sua vida, e de seu retorno ao convívio com a sociedade:

⁴⁵ Para os cristãos o tempo que a Fênix fica morta é de três dias para lembrar a morte de Cristo e depois sua ressurreição gloriosa (MIGUET, 1998).

fizestes brotar dentre as ruínas uma flor solitária, mas bela, única neste árido terreno do meu coração. Não basta; é preciso agora um raio que anime e lhe conserve o perpétuo viço; essa é a confiança, não de uma hora, mas a de todos os dias, a que não falece nunca e nos restitui a serenidade dos primeiros dias. Sem ela, o meu amor será um largo e inútil martírio (ASSIS, 1871/2005, p. 74).

Félix passa de uma posição de morte simbólica para a vida coletiva para uma posição atuante, representando seu renascimento espiritual; de uma posição passiva para uma posição ativa; de alguém que quer voltar à sociedade, por meio de um amor verdadeiro, que se consolidaria no casamento e na constituição de uma família. No entanto, assim como no mito, é a mesma Fênix que renasce das cinzas, foi o mesmo Félix que ressuscitou. Mas o amor de Lívia não foi o suficiente para mudar sua personalidade inconstante e seu temperamento:

a vida solitária e austera da viúva não pôde evitar o espírito suspeito de Félix. Creu nela a princípio. Algum tempo depois duvidou de que fosse puramente um refúgio; acreditou que seria antes uma dissimulação [...] Não se contentando com a felicidade exterior que o rodeia, que haver essa outra das afeições íntimas, duráveis e consoladoras. Não a há de alcançar nunca, porque o seu coração, se **ressurgiu** por alguns dias, esqueceu na sepultura o sentimento de confiança e a memória das ilusões (ASSIS, 1871/2005, p. 132, grifos meus).

Como só vivia uma Fênix por vez, acredita-se que ela era andrógina, isto é, continha o gênero feminino e o gênero masculino. Por isso, após ser cremada, podia renascer de si mesma. Nesse sentido, o mito da Fênix retoma o mito do andrógino, a união entre o feminino e o masculino. Tal “microcosmo de um ciclo em que as fases se equilibram sem que nenhuma seja desvalorizada em relação à outra é, no fundo, justamente um ‘símbolo de união’” (DURAND, 1997, p. 292).

Já a construção do personagem João Imaculado sugere que ele pode ser interpretado como um andrógino da literatura contemporânea brasileira. Segundo Miguet (1998), há três mitos básicos sobre o andrógino: o do *Gênesis*, o de Platão e o de Ovídio. Para esta análise foi escolhido o primeiro, tendo em vista que a narrativa de Noll no romance estudado utiliza metáforas e faz paralelos entre a vida do personagem e personagens bíblicos. A intertextualidade da obra nolliana se encontra, principalmente, na “ressurreição” de João Imaculado, comparando-se a Lázaro, personagem ressuscitado por Cristo.

A obra nolliana está no limite entre o sagrado e o profano (FAZIONI, 2008), em que, ao dialogar com tradição judaico-cristã, provoca a contradição entre o humano e o divino. O andrógino seria a união do feminino com o masculino, com vistas à perfeição. Segundo o

mito sobre o *Gênesis*, Deus criou o homem e a mulher a sua imagem e semelhança. Ou seja, o Altíssimo deveria ser homem e mulher, possuir os dois sexos juntos, para criar homem e mulher: “então Deus disse: “Façamos o homem a **nossa** imagem e semelhança [...] Deus criou o homem a sua imagem; criou-o à imagem de Deus, criou o homem e a mulher” (BÍBLIA SAGRADA, p. 49). Em outras traduções, a mulher foi criada a partir da costela do homem, o que ainda legitima o mito, pois o homem, imagem de Deus, teria contido em si os dois sexos para poder dar origem à mulher. Não obstante,

a posse dos dois sexos é um temível reflexo do divino, e que este privilégio, concedido ao homem, arrisca-o a entrar em conflito com o demiurgo [DEUS]. Situação duplamente trágica para o homem: estar exposto simultânea ou sucessivamente à guerra dos sexos ou a um conflito com Deus (MIGUET, 1998, p. 29).

Contudo, o andrógino, justamente por entrar em conflito com Deus, é fonte de escândalo para a sociedade, pois a “ideia de um ser afeminado, monstruoso, máquina de desejo dedicada somente ao prazer” (MIGUET, 1998, p. 29), seria contra o princípio da reprodução de homem e mulher e, contraditoriamente, contra as ordens do próprio Altíssimo: “Deus os abençoou: ‘Frutificai, disse ele, e multiplicai-vos, enchei a terra e submetei-a” (BÍBLIA SAGRADA, p. 49).

João Imaculado, que foi “ressuscitado” como Lázaro, como andrógino, queria “ser Deus, isso estava claro, e desconfiava de que, para seguir a carreira divina, seria preciso uma imaginação teológica com outra face” (NOLL, 2008, p. 15-16). No entanto, ele próprio se declarava ateu, mas conhecia o livro bíblico *Gênesis* sobre a multiplicação da espécie: “sabíamos que o sexo deveria ser feito entre um homem e uma mulher” (NOLL, 2009, p.9), pois foi assim que Deus os havia criado, para “multiplicarem e povoar toda a terra” e a relação entre dois homens não poderia gerar “frutos”. Tanto João Imaculado quanto o engenheiro tinham consciência do escândalo que seria provocado pela união dos dois.

Dessa forma, João Imaculado é andrógino desde o início do romance: em um corpo de homem, o personagem tem instintos femininos e quer se tornar a mulher do engenheiro. Todavia, é somente a partir da transmutação de sexo que ele se sente ora homem ora mulher: “eu já era outro. Abri o armarinho e vi os artigos de maquiagem. Pus-me a trabalhar para fazer de mim uma mulher próxima ao ideal. Parecia ter uma prática enorme com os cosméticos” (NOLL, 2008, p. 96).

Aliás, o personagem sabe de sua situação problemática, da união dos dois sexos em apenas um ser: “mesmo que conservasse inalterada essa incipiente forma feminina, caso ela

estacionasse, enfim, fixando-me no grau híbrido do percurso homem-mulher, mesmo nessas condições jamais teria um acesso nítido às mulheres da localidade” (NOLL, 2008, p.97). Do mesmo modo, ele jamais seria reconhecido como um homem-mulher, aquele que contém em si as qualidades de ambos os sexos. A saída seria optar por um dos sexos, o que para o personagem de Noll era impossível, pois não podia ser a mulher do engenheiro e abandonar o papel ativo (de homem) nas relações sexuais: “nem me submeter a alguma cirurgia para mudar de sexo, até porque meu pênis se impunha em nossa prática sexual diuturna. Temia que minha vida pudesse desandar. Ia me constituindo em uma mulher no conteúdo de um homem” (NOLL, 2008, p. 108).

Apesar desse caráter indissociável do andrógino, João Imaculado ainda tem dúvidas acerca da predominância do gênero feminino em relação ao gênero masculino experimentada em si mesmo:

que nem era tanta coisa assim, diga-se de passagem. Se ele viesse todo fim de mês com uma soma razoável para vida diária, mais uma quantia para suprir minhas vaidades, como por exemplo, os cosméticos, eu não ia querer a separação jamais. Pela união medianamente confortável com o engenheiro, eu ficaria no esconderijo daquela moradia afastada de tudo, toda preparada para quando o amor chegasse à tardinha, abrindo o portão com seu lirismo natural, tristonho. Ali, eu **às vezes era mais mulher** que muitas outras. De repente poderia acordar **me sentido mais homem** que nunca (NOLL, 2008, p. 100, grifos meus).

Aqui, novamente, aparece a reprodução do padrão dominante de masculinidade, que vê a mulher restrita ao lar e o homem responsável pelo sustento da casa e da família (NOLASCO, 2001, 1993; FREYRE, 1933/2005; 1936/2000). João Imaculado não consegue compreender que nele os gêneros masculino e feminino estão juntos, concomitantemente, com órgãos genitais diferentes: pênis e vagina. Ao mesmo tempo sabia que “em certos instantes me mostrava tão feminina agora, que me apaixonava, sim, pelo homem que fui. Em mim coabitavam dois amantes” (NOLL, 2008, p. 106). Mas o que o personagem ansiava era por uma terceira condição, não só um gênero ou outro, um sexo ou outro, mas a coabitação harmoniosa desses estados que poderia ser o de andrógino: “acudiu-me a idéia de que essa privação serviria de merecimento para a minha alforria da condição feminina, ou mesmo da masculina. Não haveria uma terceira condição?” (NOLL, 2008, p. 155).

Dessa maneira, a análise dos romances de Machado de Assis e João Gilberto Noll pode ser aproximada ao significado dos mitos clássicos da cultura e da literatura ocidental, como o de Fênix e do andrógino sobre a origem dos sexos. Trata-se de problemas que estão

em debate na sociedade contemporânea, como, por exemplo, a dificuldade de abandonar o passado (Félix) e renascer como um homem novo e o problema da diferenciação cultural dos gêneros.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Acompanhando os argumentos apresentados na Introdução desta dissertação acerca da antropologia da arte, como uma das formas de explicar a sociedade, suas mudanças e conceitos, entende-se que “a literatura retrata as mudanças da sociedade, mas também as prepara e profetiza” (PAZ, 1994, p. 122). Foi o que este trabalho pretendeu realizar ao analisar *Ressurreição* (1871/2005), obra do final do século XIX, e *Acenos e afagos* (2008), situada na primeira década do século XXI, com o intuito de compreender as mudanças sociais e sociológicas no conceito de masculinidade na sociedade brasileira.

Desse modo, alguns pontos merecem ser destacados e outros ainda levantados sobre a masculinidade na literatura brasileira nos romances de Machado de Assis e João Gilberto Noll, dentro das grandes possibilidades de estudos não abarcadas por esta dissertação. O que se procurou foi abrir horizontes para novas pesquisas sobre o tema, obra e autores, mas não esgotá-los.

Nos dois romances se usa ironia para tratar da identidade única dos personagens, da ambiguidade de construção utilizadas na caracterização de Félix e João Imaculado. Merece destaque nos romances dos dois autores o caráter irônico narrativo constitutivo das duas narrativas. Segundo Hutcheon (2000), a ironia pode ser afiada e mordaz, o que é uma característica da obra machadiana, e obriga o leitor, a todo instante, a inferir ideias e conceitos, ocultos por metáforas, em que o sentido real está oculto, mas acessível por meio daquilo que se declara, implícito nas palavras. Portanto, “a ironia remove a certeza de que as palavras signifiquem apenas o que elas dizem” (HUTCHEON, 2000, p.32). Confirmando essa ideia, Brait (1996) afirma que a ironia pode funcionar como categoria estruturante do texto, denunciando um ponto de vista, que necessita da “perspicácia do destinatário para concretizar-se como significação” (BRAIT, 1996, p. 16), como exigem a narrativa machadiana.

Nesse sentido, a ironia está em *Ressurreição* (1871/2005) e *Acenos e afagos* (2008) à medida que estrutura o texto, como, por exemplo, na escolha dos nomes dos personagens: Félix, feliz, e João Imaculado, cheio de graça e sem mácula. Félix é extremamente infeliz ao longo da obra, sempre atormentado e subserviente de seu espírito inconstante e volúvel. “Dispondo de todos os meios que o podiam fazer venturoso, segundo a sociedade, Félix é essencialmente infeliz” (ASSIS, 1871/2005, p. 132). João Imaculado, por sua vez, e de acordo com os padrões judaico-cristãos, jamais poderia ser chamado de cheio de graça, muito menos

sem mácula, tendo em vista o androginismo que constitui o personagem, verdadeira afronta aos valores morais da sociedade que se filiam aos preceitos cristãos. Para muitos, a homossexualidade ainda é vista como doença ou transtorno, atrelada ao pecado, mesmo com todos os estudos sobre gênero e os avanços da ciência, que possibilitaram a desvinculação da homossexualidade da ideia de transtorno sexual e do HIV.

Em *Ressurreição* (1871/2005) e *Acenos e afagos* (2008) aparece a dificuldade de construir uma identidade única tanto para Félix quanto para João Imaculado. Félix procura sua individualização por meio da recusa em se casar e construir uma família, preferindo garantir sua liberdade e, conseqüentemente, sua individualidade, construindo um modelo de masculinidade contra os ideais do final do século XIX. Essa ruptura com a identidade única se corrobora, sobretudo, em João Imaculado, que, na verdade, deveria ser chamado de “joões”, por possuir diferentes e variadas masculinidades: pai de um filho adolescente e casado com Clara; amante de garotos de programas; amante/amigo do engenheiro; massagista; eram várias faces identitárias.

A dificuldade de construir uma identidade única era conflito comum no final do século XIX, como Clifford (1998) argumentou em um ensaio que aproximou as trajetórias de Malinovisk e Conrad. Nesse sentido, Conrad e Malinowski re/apresentam a nova subjetividade/individualidade daquele século por meio de suas obras, sendo que os dois poderiam ser vistos como expressões da dissolução moral da civilização ocidental. Mesmo Conrad sendo escritor e, Malinowski, antropólogo, eles conseguiram captar o “espírito de seu tempo”, na busca por individualização. O que Clifford chama atenção é para as dificuldades da constituição de uma personalidade genuína, a individualização do eu, isto é, a constituição do indivíduo na sociedade ocidental. O autor ressalta que os dois homens eram ambíguos e instáveis em relação à busca pela expressão da identidade que deveriam desempenhar na sociedade e como deveriam desempenhar o papel de “homens”.

Outro ponto a ser destacado – um dos objetivos desta dissertação – foi compreender social e sociologicamente como foram processadas as mudanças no conceito de masculinidade no final do século XIX e início do XXI. É importante retomar Carrara (2009), quando afirma que a masculinidade está em crise desde o século XIX. O autor argumenta que a masculinidade apresentava indícios de crise e Muricy (1988) confirma tal hipótese quando descreve que o homem não sabia se portar perante as mudanças ocorridas no *modus vivendi* brasileiro, enquanto a mulher se adaptou melhor. Tanto Félix quanto João Imaculado estavam à procura de seu lugar na sociedade. O primeiro poderia se inserir se aceitasse se casar com

Lívia e o segundo se assumisse, ou melhor, se descobrisse qual seria a própria identidade de gênero.

A instabilidade é característica marcante desses personagens, uma vez que ambos não sabem o que querem: Félix, casar ou permanecer solteiro; João Imaculado transformar-se em mulher ou continuar homem, ser heterossexual ou bissexual. Embora a instabilidade seja marca da sociedade contemporânea, como apontaram Bauman (2001) e Berman (1986), também pode ser um adjetivo para explicitar a masculinidade do personagem de Machado de Assis.

Félix e João Imaculado expressam as tensões provocadas pelas diferentes maneiras de assumir a masculinidades, distintas devido ao contexto em que eles estavam situados, mas unidas pela crise de identidade. Retomando Goethe, eles ousaram e tentaram ser homens, cada qual em seu tempo.

REFERÊNCIAS

- ALENCAR, José de. *Iracema*. São Paulo: Escala, 2006.
- ALENCASTRO, Luis Felipe. Vida privada e ordem privada no Império. In: _____. *História da vida privada no Brasil: a corte a modernidade nacional*. São Paulo: Companhia das Letras, v.2, 1997.
- AMARAL, Adriana Córner Lopes do. *A ficção como espectro: um estudo da obra de João Gilberto Noll*. Rio de Janeiro: 1997. 109 p. Dissertação de Mestrado. Letras, Universidade Fluminense. Rio de Janeiro, 1997. Disponível em: <<http://servicos.capes.gov.br/capesdw/resumo.html?idtese=19978931003010016P8>>. Acesso em 14 de abril de 2010.
- APPEL, Carlos Jorge. *Roda de fogo: 12 gaúchos contam*. Porto Alegre/RS: Movimento, 1970.
- ARRUDA, José Jobson de A.; PILETTI, Nelson. *Toda a história: história geral e história do Brasil*. 10. ed. São Paulo: Ática, 2001.
- ASSIS, Machado. *Dom Casmurro*. 4. ed. Rio de Janeiro: Record, 1999.
- _____. *Memórias póstumas de Brás Cubas*. São Paulo: Martin Claret, 2007.
- _____. *Quincas Borba*. 28. ed. São Paulo: Editora Ática, 2004.
- _____. *Ressurreição*. São Paulo: Martin Claret, 1871/2005.
- AVELAR, Idelber. João Gilberto Noll e o fim da viagem. In: *Travessia – revista de literatura*. Florianópolis: Editora da UFSC, v. 1, n.1, 167-191, 1980.
- BANCO DE TESES. Disponível em: <<http://servicos.capes.gov.br/capesdw/>>, 2010.
- BARCELLOS, José Carlos. Masculinidade e modernidade em Camilo Castelo Branco. In: *Matraga*. Rio de Janeiro: UERJ; Instituto de Filosofia e Letras, v. 16, n.25, p. 54- 73, jul./dez. 2009.
- BAUMAN, Zygmunt. *Amor líquido: sobre a fragilidade dos laços humanos*. Tradução de Carlos Alberto de Medeiros. Rio de Janeiro: Zahar, 2004.
- _____. *Modernidade líquida*. Tradução de Plínio Dentzien. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2001.
- BEAUVOIR, Simone. *O segundo sexo*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1980.
- BÉJIN, André. O poder dos sexólogos e a democracia sexual. In: ARIÉS, Philippe; BÉNJIN, André. (Org.) *Sexualidades ocidentais*. 2. ed. Minas Gerais: Editora Brasiliense, 1985.

BERMAN, Marshal. *Tudo o que é sólido desmancha no ar: a aventura da modernidade*. Tradução de Carlos Felipe Moisés e Ana Maria L. Ioriatti. São Paulo: Cia das Letras, 1986.

BÍBLIA SAGRADA. Revisada por Frei João José Pedreira de Castro. 140. ed. São Paulo: Ave Maria, 2001.

BONNICI, Thomas; ZOLIN, Lúcia Osana. *Teoria literária: abordagens históricas e tendências contemporâneas*. 3. ed. Maringá/PR: Eduem, 2009.

BOSI, Alfredo. et al. *Machado de Assis*. São Paulo: Ática, 1982.

BOURDIEU, Pierre. *A dominação masculina*. Tradução de Helena Kühner. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1999.

_____. A ilusão biográfica. In: _____. *Razões práticas: sobre a teoria da ação*. Tradução de Mariza Côrrea. Campinas/SP: Papirus, 1996.

BOURDIEU, Pierre; RODRÍGUEZ, Alfonso Hernández; MONTESINOS, Rafael. *La masculinidad: aspectos sociales y culturales*. Quito-Ecuador: Edições Abya-Yala, 1998

BOZON, Michel. *Sociologia da sexualidade*. Tradução de Maria de Lourdes Menezes. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2004.

BRAIT, Beth. *Ironia em perspectiva polifônica*. Campinas/SP: Editora da UNICAMP, 1996.

BRASIL. Casa Civil. *Constituição da República Federativa do Brasil*. Brasília: Casa Civil, 1988. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Constituicao/Constituicao.htm>. Acesso em 22 de jun. de 2010.

BRUNEL, P; PICHOIS, CL; ROSSEAU, A. M. *O que é literatura comparada?* Tradução de Célia Berrettini. São Paulo: Perspectiva, 1995.

BUTLER, Judith. *El género en disputa: el feminismo y la subversión de la identidad*. Tradução de Antonia Mufloz. Barcelona: Paidós Iberica, 2007.

_____. Entrevista em junho de 2008. In: KNUDSEN, Patrícia Porchat Pereira da Silva. *Conversando sobre psicanálise: entrevista com Judith Butler*. *Revista de estudos feministas*. Florianópolis, v. 18, n. 1, jan.abril/ 2010.

_____. *Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade*. Tradução de Renato Aguiar. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira 2003.

CADERNOS PAGU. Disponível em: <<http://www.scielo.br/revistas/cpa/paboutj.htm>>.

CAMINHA, Adolfo. Bom-Crioulo. São Paulo: Ática, 1983.

CANDIDO, Antonio. *Brazil portrait of half a continent*. New York: The Dryden Press, 1951.

CARRARA, Sérgio. *Masculinidades em crise no mundo atual*. Disponível em: <<http://www.cpfcultura.com.br/site/2009/12/04/integra-masculinidades-em-crise-sergio-carrara/>>. São Paulo: CPFL Cultura, 2009. Acesso em 22 de jun. de 2010.

_____. Debates. In: HEILBORN, Maria Luiza. (Org.) *Sexualidade: o olhar das ciências sociais*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editora, 1999.

CARRARA, Sérgio; SIMÕES, Júlio Assis. Sexualidade, cultura e política: a trajetória da identidade homossexual masculina na antropologia brasileira. In: *Pagu*. Campinas/SP: Núcleo de Estudos de Gênero/UNICAMP, n. 28, p. 1-28, jan./jun. 2007. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0104332007000100005&script=sci_arttext&tlng=en>. Acesso em 07 de maio de 2010.

CARVALHAL, T. F. *Literatura comparada*. 4. ed. São Paulo: Ática, 2001.

CASTRO, Edgardo. *Vocabulário de Foucault: um percurso pelos seus temas, conceitos e autores*. Tradução de Ingrid Müller Xavier. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2009.

CERIBELLI, Karina Pedreira de Freitas. *O tema da impossibilidade amorosa em Armance de Stendhal e Ressurreição de Machado de Assis*. São Paulo: 2004. 82 p. Dissertação de Mestrado. Letras – Língua e Literatura Francesa, Universidade de São Paulo. São Paulo, 2004. Disponível em: <<http://servicos.capes.gov.br/capesdw/resumo.html?idtese=20048933002010108P5>>. Acesso em 14 de abril de 2010.

CLIFFORD, James. **A experiência etnográfica: antropologia e literatura no século XX**. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 1998.

COLLING, Leandro. Personagens homossexuais nas telenovelas da Rede Globo: criminosos, afetados e heterossexualizados. In: *Revista Gênero*. Niterói/RJ: EDUFF, v. 8, n. 1. set/ 2007, p. 207-222.. Disponível: <<http://www.cult.ufba.br/Artigos/Personagens%20homossexuais%20nas%20telenovelas.pdf>>. Acesso em 19 de agosto de 2010.

CORBIN, Alain. O segredo do indivíduo. In: PERROT, M. (et al). *História da vida privada: da revolução francesa à primeira guerra*. Tradução de Bernardo Joffily. São Paulo: Companhia das letras, v. 4, 1991.

CONSELHO FEDERAL DE MEDICINA (CFM). *Resolução nº 1.957, de 15 de dezembro de 2010*. Brasília/DF: CFM, 2010.

COSTA PINTO, Manuel da. *Literatura brasileira hoje*. São Paulo: Publifolha, 2004.

COSTA, Rafael Martins. *A ficção cíclica de João Gilberto Noll: uma leitura de Acenos e Afagos*. Disponível em: <<http://www.joaogilbertonoll.com.br/ResenhaAcenosEafagos.pdf>>. Acesso em 18 de maio de 2010.

DAMATTA, Roberto. *Carnavais, malandros e heróis: para uma sociologia do dilema brasileiro*. Rio de Janeiro: Zahar Editora, 1985.

_____. *A casa e a rua: espaço, cidadania, mulher e morte no Brasil*. Rio de Janeiro: Rocco, 1997.

DIMAS, Antonio. Natureza 1 X Destino 0. In: ASSIS, Machado. *Ressurreição*. 12. ed. São Paulo: Ática, 1998.

DINHO; JULIO RASEC. *Robocop gay*. Disponível em: <<http://letras.terra.com.br/mamonas-assassinadas/24149/>>. Acesso em 18 de agosto de 2010.

DUMONT, Louis. *O individualismo: uma perspectiva antropológica da ideologia moderna*. Tradução de Álvaro Cabral. Rio de Janeiro: Rocco, 1985.

DURAND, Gilbert. *As estruturas antropológicas do imaginário: introdução à arquetipologia geral*. Tradução de Helder Godinho. São Paulo: Martins Fontes, 1997.

DURKHEIM, Émile. *Da divisão do trabalho social*. Tradução Eduardo Brandão. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

DUVIGNAUD, Jean. *Sociologia da arte*. Rio de Janeiro/São Paulo: Forense, 1970.

EAGLETON, Terry. *As ilusões do pós-modernismo*. Tradução de Elizabeth Barbosa. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editora, 1998.

ELIAS, Norbert. *A sociedade dos indivíduos*. Tradução de Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editores, 1994.

ESPINOLA, Adriano Alcides. *Corpo e transgressão no romance pós-moderno*. Rio de Janeiro: 1989. 98 p. Dissertação de Mestrado. Letras – Ciências da Literatura, Universidade Federal do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro, 1989. Disponível em: <<http://servicos.capes.gov.br/capesdw/resumo.html?idtese=19891431001017071P2>>. Acesso em 14 de abril de 2010.

FAMÍLIA processa escola por exibição de 'Brokeback mountain'. Disponível em: <<http://g1.globo.com/Noticias/Cinema/0,,MUL37145-7086,00.html>>. Acesso em 08 de jul. de 2010. Notícia do dia 15/05/07 - 22h24 - Atualizado em 16/05/07 - 11h07

FAORO, Raymundo. *Machado de Assis: a pirâmide e o trapézio*. 4. Ed. São Paulo: Globo, 2001.

FARINACCIO, Pascoal. *A questão da representação e o romance brasileiro contemporâneo*. Campinas: 2004. 305 p. Tese de Doutorado. Letras – Instituto de Estudos da Linguagem, UNICAMP. Campinas, 2004.

FAZIONI, Michele Cristina dos Santos. *As tensões narrativas em A fúria do corpo, de João Gilberto Noll*. Três Lagoas/MS: 2008. 111p. Dissertação de Mestrado. Letras – Universidade Federal do Mato Grosso do Sul. Três Lagoas, 2008.

FERNANDES, Gisele Manganelli. O pós-modernismo. In: BONNICI, Thomas; ZOLIN, Lúcia Osama. *Teoria literária: abordagens históricas e tendências contemporâneas*. 3. ed. Maringá: Eduem, 2009.

FERREIRA JUNIOR, Nelson Eliezer. *Narrativas do exílio: nação e homoerotismo em três obras comparadas*. João Pessoa: 2008. 148 p. Tese de Doutorado. Letras, Universidade Federal da Paraíba. João Pessoa, 2008. Disponível em: <<http://servicos.capes.gov.br/capesdw/resumo.html?idtese=20081924001015051P1>>. Acesso em 14 de abril de 2010.

FHILADELFIO, Joana Alves. Contribuições sociológicas à análise literária. In: *Vertentes*. São João Del Rei: FUNREI, n. 17, jan/jun. 2001, p. 13-22.

FREJAT; ALVIN L. *Homem não chora*. Disponível em: <<http://letras.terra.com.br/frejat/65523/>>. Acesso em 18 de agosto de 2010.

FREYRE, Gilberto. *Casa grande e senzala: formação da família brasileira sob o regime patriarcal*. 50. ed. São Paulo: Global, 1933/2005.

_____. *Sobrados e mucambos: decadência do patriarcado rural e desenvolvimento do urbano*. 12. ed. Rio de Janeiro: Record, 1936/2000.

FOUCAULT, Michel. *História da sexualidade I: a vontade do saber*. Tradução de Maria Thereza da Costa Albuquerque e J. A. Guilhon Albuquerque. 3.ed. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1997.

GEERTZ, Clifford. *O saber local: novos ensaios em antropologia interpretativa*. Tradução de Vera Mello Joscelyne. 2. ed. Rio de Janeiro: Vozes, 1997.

GIDDENS, Anthony. *A transformação da intimidade: sexualidade, amor e erotismo nas sociedades modernas*. Tradução de Magda Lopes. São Paulo: Unesp, 1993.

GOMES, Daniel de Oliveira. Noll: mãos sujas. In: *Publicatio UEPG*. Ponta Grossa: Editora UEPG, p.89-95, 2007.

GUÉRIOS, Rosário Farâni Mansur. *Dicionário Etimológico de Nomes e Sobrenomes*. 3. ed. São Paulo: Ave Maria, 1981.

HEILBORN, Maria Luiza. Construção de si, gênero e sexualidade. In: HEILBORN, Maria Luiza. (Org.) *Sexualidade: o olhar das ciências sociais*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editora, 1999.

HEILBORN, Maria Luiza; BRANDÃO, Elaine Reis. Introdução: ciências sociais e sexualidade. In: HEILBORN, Maria Luiza. (Org.) *Sexualidade: o olhar das ciências sociais*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editora, 1999.

HÉRITIER, Françoise. *Masculino/Feminino: o pensamento da diferença*. Lisboa: Instituto Piaget, 1998.

HILARIO, Marcio Vinicius do Rosario. *Ironia poética e conflito de caracteres em Ressurreição, de Machado de Assis*. Rio de Janeiro: 2003. 111 p. Dissertação de Mestrado. Letras Vernáculas, Universidade Federal do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro, 2003. Disponível

em: <<http://servicos.capes.gov.br/capesdw/resumo.html?idtese=200322431001017070P6>>. Acesso em 14 de abril de 2010.

HOBBSAWM, Eric. *A era dos extremos: o breve século XX*. Tradução de Marcos Santarrita. São Paulo: Cia das Letras, 1996.

HUTCHEON, Linda. *Teoria e política da ironia*. Tradução de Julio Jeha. Belo Horizonte: UFMG, 2000.

JOÃO GILBERTO NOLL. Disponível em: <<http://www.joaogilbertonoll.com.br>>. Acesso em 15 de abril de 2010.

JACOB, Patricia Rodrigues. *A representação do feminino em Ressurreição e Memórias Póstumas de Brás Cubas*. Goiás: 2005. 98 p. Dissertação de Mestrado. Letras e Linguística, Universidade Federal de Goiás. Goiás, 2005. Disponível em: <<http://servicos.capes.gov.br/capesdw/resumo.html?idtese=200520152001016004P2>>. Acesso em 14 de abril de 2010.

JAGUARIBE, Helio. Brasil, século XXI. In: *Estudos Avançados*. vol.14, n.38, São Paulo, Jan./Apr. 2000. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0103-40142000000100010&script=sci_arttext>. Acesso em 14 de abril de 2010.

KAISER, G. R. *Introdução à literatura comparada*. Tradução de Tereza Alegre. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1980.

LAYTON, Robert. *A antropologia da arte*. Lisboa/Portugal: Edições 70, 1991.

LESSA, Renato. Machado de Assis e a aética social brasileira. In: *Ciência hoje: Revista de divulgação científica da SBPC*. SBPC, v. 42, p. 80, abril 2008.

LOYOLA, Maria Andréia. A sexualidade como objeto de estudo das ciências humanas. In: HEILBORN, Maria Luiza. (Org.) *Sexualidade: o olhar das ciências sociais*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editora, 1999.

LUCAS, Fábio. Literatura brasileira atual (entrevista com Fábio Lucas). In: TUFANO, Douglas. *Estudos de literatura brasileira*. 3. ed. São Paulo: Ed. Moderna, 1983.

LUKÁCS, Georg. *Teoria do romance*. Lisboa: Editorial Presença, 1965.

MACHADO, A. M.; PAGEUX, D. *Da Literatura comparada à teoria da literatura*. Lisboa: Edições 70, 1988.

MAUSS, Marcel. Uma categoria do espírito humano: a noção de pessoa e a de "eu". In: _____. *Sociologia e antropologia*. Tradução Paulo Neves. São Paulo: Cosac& Naify, 2003.

MIGUET, Marie. Andróginos. In: BRUNEL, Pierre. *Dicionário de mitos literários*. Tradução de Carlos Sussekind et al. 2. ed. Rio de Janeiro: José Olympo; Brasília: UNB, 1998.

_____. Fênix. In: BRUNEL, Pierre. *Dicionário de mitos literários*. Tradução de Carlos Sussekind et al. 2. ed. Rio de Janeiro: José Olympo; Brasília: UNB, 1998.

MONTEIRO, Pedro Meira. A “dimensão moral” do romance de Machado de Assis. In: *Estudos avançados*. São Paulo: USP/Instituto de Estudos Avançados, v. 1, n. 1, p. 357-361, 1987.

MORICONI, Ítalo. *Os cem melhores contos brasileiros do século*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001.

MURICY, Kátia. *A razão cética: Machado de Assis e as questões de seu tempo*. São Paulo: Companhia das letras, 1988.

NOLASCO, Sócrates. *De Tarzan a Homer Simpson: banalização e violência masculina em sociedades ocidentais*. Rio de Janeiro: Rocco, 2001.

_____. *O mito da masculinidade*. Rio de Janeiro: Rocco, 1993.

NOLL, João Gilberto. *Acenos e afagos*. Rio de Janeiro: Record, 2008.

_____. *A máquina de ser*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2006.

_____. *Anjo das ondas*. São Paulo: Scipione, 2010.

_____. *Entrevista à Kelly de Souza, concedida à Livraria Cultura*. Disponível em: <<http://www.youtube.com/watch?v=gNpaNLVdgr8>>. Acesso em 24 de jun. de 2010.

_____. *Entrevista a Entrelinhas*. Disponível em: <<http://www.youtube.com/watch?v=qg0iYD8holg&feature=related>>. Acesso em 24 de jun. de 2010.

_____. *Mínimos, múltiplos, comuns*. São Paulo: Francis, 2003.

_____. *O nervo da noite*. São Paulo: Scipione, 2010.

_____. *Romances e contos reunidos*. São Paulo: Cia das Letras, 1997.

_____. *Sou eu!*. São Paulo: Scipione, 2010.

OLIVEIRA, Glória Aparecida Alves Vianna de. *Pontos e contrapontos entre Ressurreição e Memorial de Aires de Machado de Assis*. Rio de Janeiro: 1996. 106 p. Dissertação de Mestrado. Letras, Universidade Federal Fluminense. Rio de Janeiro, 1996. Disponível em: <<http://servicos.capes.gov.br/capesdw/resumo.html?idtese=1996231003010016P8>>. Acesso em 14 de abril de 2010.

OLIVEIRA, Marcos de Jesus. *Lugares e entre-lugares do desejo: identidades e experiência homoerótica em João Gilberto Noll*. Brasília. Dissertação de Mestrado. Disponível em: <<http://bdtd.ibict.br/>>. Acesso em 14 de abril de 2010.

ONU, Organização das Nações Unidas. Declaração universal dos direitos humanos. Disponível em: <http://portal.mj.gov.br/sedh/ct/legis_intern/ddh_bib_inter_universal.htm>. Acesso em 22 de jun. de 2010.

O SEGREDO de Brokeback mountain. Direção: Ang Lee. Produção: Diana Ossana e James Schamus. Roteiro: Larry McMurtry e Diana Ossana. EUA: Focus Features; Europa Filmes, 2005. (DVD 134 min). Baseado no conto *Brokeback mountain* de Annie Proulx.

PARREIRA, Marcelo Pen. *Estratégias do falso: realidade possível em Henry James e Machado de Assis*. São Paulo: 2007. 264 p. Tese de Doutorado. Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas/ USP. São Paulo, 2007.

PAZ, Octavio. *A dupla chama: amor e erotismo*. Tradução de Wladyr Dupont. São Paulo: Siciliano, 1994.

_____. *Signos em rotação*. Tradução de Sebastião Uchua Leite. São Paulo: Perspectiva, 2006.

PEREIRA, Lúcia Miguel. *Prosa de ficção (1870 a 1920): história da literatura brasileira*. Belo Horizonte: Itatiaia; São Paulo: Edusp, 1988.

_____. *Machado de Assis: estudo crítico e biográfico*. 6. ed. Belo Horizonte: Itatiaia; São Paulo: Edusp, 1988.

_____. *Escritos da maturidade: seleta de textos publicados em periódicos (1944-1959)*. Rio de Janeiro: Graphia Editorial, 1994.

PERET, Luiz Eduardo Neves. *Do armário à tela global: a representação social da homossexualidade na telenovela brasileira*. Rio de Janeiro: 2005. 245 p. Dissertação de Mestrado. Faculdade de Comunicação Social/UERJ, Mestrado em Comunicação. Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2005.

PIO IX. *Bula ineffabilis Deus: dogma da Imaculada Conceição*. Vaticano, 1854. Disponível em:

<<http://www.montfort.org.br/index.php?secao=documentos&subsecao=decretos&artigo=20060220&lang=bra>>. Acesso em 18 de agosto de 2010.

POLLAK, Michael. A homossexualidade masculina: ou a felicidade do gueto?. In: ARIÉS, Philippe; BÉNJIN, André. (Org.) *Sexualidades ocidentais*. 2. ed. Minas Gerais: Editora Brasiliense, 1985.

PROULX, Annie. *Brokeback Mountain*. Tradução de Guilherme Eddino. Disponível em: <<http://www.psicopatos.blogspot.com/>>. Acesso 08 de jul. de 2010.

REVISTA VEJA. *União estável de homossexuais*. Notícia de junho de 2008. Disponível em: <http://veja.abril.com.br/idade/exclusivo/perguntas_respostas/uniao_homossexual/index.shtml>. Acesso em 18 agosto de 2010.

REVISTA ESTUDOS FEMINISTAS. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?pid=0104-026x&script=sci_serial>.

RIBEIRO, Luis Felipe. *Mulheres de papel: um estudo do imaginário em José de Alencar e Machado de Assis*. 2. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária; Fundação Biblioteca Nacional, 2008.

RUITENBEEK, Hendric M. *O mito da masculinidade: uma visão nova e surpreendentemente franca do homem norte-americano de hoje*. Tradução de Gilberto B. Oliveira. São Paulo: Ibrasa, 1969.

RUSSO, Jane Araújo. Do desvio ao transtorno: a medicalização da sexualidade na nosografia psiquiátrica contemporânea. In: PISCITELLI, Adriana; GREGORI, Maria Filomena; CARRARA, Sérgio. (Orgs.) *Sexualidade e saberes: convenções e fronteiras*. Rio de Janeiro: Gramond, 2004.

SANTOS, Josalba Fabiana dos. Diferentes olhares em João Gilberto Noll. In: *Todas as letras: revista de língua e literatura*, n. 7, 2005, São Paulo: Editora Mackenzie, p. 17-23

SCHWARZ, Roberto. *Ao vencedor as batatas: forma literária e processo social nos início do romance brasileiro*. São Paulo: Duas Cidades; Ed. 34, 1987.

SENNET, Richard. *O declínio do homem público: as tiranias da intimidade*. Tradução Lygia Araújo Watanabe. São Paulo: Companhia das Letras, 1988.

SILVA, Daniel Barreto da. *Reinvenções da precariedade: o sujeito e o corpo na obra de João Gilberto Noll*. Rio de Janeiro: 2006. 122 p. Dissertação de Mestrado. Letras, Pontifícia Universidade Católica. Rio de Janeiro, 2006. Disponível em: <<http://servicos.capes.gov.br/capesdw/resumo.html?idtese=20065831005012022P7>>. Acesso em 14 de abril de 2010.

SILVA, Regina Céli Alves da. *Vampiros com dentes cariados: a literatura neodecadentista de João Gilberto Noll (impressões de uma leitura ótica)*. Rio de Janeiro: 1999. 294 p. Tese de Doutorado. Letras – Ciências da Literatura, Universidade Federal do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro, 1999. Disponível em: <<http://servicos.capes.gov.br/capesdw/resumo.html?idtese=199915331001017071P2>>, 1999. Acesso em 14 de abril de 2010.

SILVA, Regina Coeli Machado e. *Pessoa e trabalho: ética e saberes nas organizações industriais do Ocidente contemporâneo*. Rio de Janeiro: 1999. 282 p. Tese de doutorado. Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social/Museu Nacional, Universidade Federal do Rio de Janeiro Rio de Janeiro, 1999.

SILVA, Sandro Adriano da. *Acenos e afagos: o romance queer de João Gilberto Noll*. Maringá/PR: 2010. 119 p. Dissertação de Mestrado. Letras, UEM. Maringá/PR, 2010.

SILVA, Wadna Audiane Salles da. *Religião e sociedade contemporânea: uma análise da religião no mundo atual*. Aparecida do Taboado/MS: 2007.

SONTAG, Susan. *Aids e suas metáforas*. Tradução de Paulo Henrique Brito. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.

_____. *Assim vivemos agora*. Tradução de Caio Fernando Abreu. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

SPALDING, Marcelo. A casa da flâmula azul ou os paradoxos da modernidade na obra de Machado de Assis. In: *Línguas e Letras*. Cascavel: Edunioeste, v. 9, n. 17, p. 45-56, 2000.

SPARGO, Tamsim. *Foucault e a teoria queer*. Tradução de Wladimir Freire. Rio de Janeiro: Pazulin; Juiz de Fora: Ed. UFJF, 2006.

TARNOVSKI, Flávio Luiz. “Pai é tudo igual?”: significados da paternidade para homens que se autodefinem como homossexuais. In: In: PISCITELLI, Adriana; GREGORI, Maria Filomena; CARRARA, Sérgio. (Orgs.) *Sexualidade e saberes: convenções e fronteiras*. Rio de Janeiro: Gramond, 2004.

TERRA ROXA E OUTRAS TERRAS: revista de estudos literários. Londrina: Universidade Estadual de Londrina/UEL, v. 18, out. 2010.

TURNER, Victor W. *O processo ritual: estrutura e anti-estrutura*. Tradução de Nancy Campi de Castro. Petrópolis: Vozes, 1974.

WATT, Ian. *Mitos do individualismo moderno: Fausto, Dom Quixote, Dom Juan, Robson Crusoe*. Tradução de Mario Pontes. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1997.